

VOL. 21 - Nº 47 - MARÇO DE 2010

ISSN 1676-0336

# TERCEIRA IDADE

Estudos sobre Envelhecimento

**SESCSP**

O Perfil das Universidades da  
Terceira Idade no Estado de São Paulo



# ATERCEIRIDADE

Estudos sobre Envelhecimento

ISSN 1676-0336



**VOLUME 21**  
**NÚMERO 47**  
**MARÇO 2010**

Publicação técnica editada pelo  
SESC – Serviço Social do Comércio

**SESCSP**

## **SESC - Serviço Social do Comércio**

Administração Regional no Estado de São Paulo

### **Presidente do Conselho Regional**

Abram Szajman

### **Diretor do Departamento Regional**

Daniilo Santos de Miranda

### **Superintendentes**

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

### **Gerentes**

Estudos e Programas da Terceira Idade

Cláudio Alarcon

Adjunto Lilia Ladislau

Artes Gráficas Hércio Magalhães

### **Comissão Editorial**

José Carlos Ferrigno (coordenação),  
Adriese Castro Pereira, Celina Dias  
Azevedo, Clívia Ramiro, Elizabeth  
Brasileiro, Fernando Fialho, Francis  
Marcio Alves Manzoni, Lourdes  
Teixeira Benedan, Malu Maia,  
Marta Lordello Gonçalves, Maurício  
Trindade, Regiane Cristina Galante,  
Regina Célia Sodré Ribeiro.

Secretária Carla Ferreira da Silva

Editoração: Lourdes Teixeira Benedan

Fotografias capa, pag. 1, 3, 50: Isabel  
D'Elia; pag. 1, 3, 20: Nilton Silva;  
pag. 1, 3, 6: Mujica; pag. 1, 3, 38:  
Gal Oppido; pag. 1, 3, 78 e 79: fotos  
fornecidas pelos autores; pag. 1, 3,  
82, 84, 86, 89, 94, 96, 97 e 4ª capa:  
Guarim de Lorena

Revisão: Marco Storani

Artigos para publicação podem ser  
enviados para avaliação da comissão  
editorial, nos seguintes endereços:

Serviço Social do Comércio  
– SESC-SP

Revista "A Terceira Idade" – (GETI)

Av. Álvaro Ramos, 991 - 3º andar

CEP 03331-000 - São Paulo - SP

Fone: (11) 2607-8241

Fax: 2607-8250

e-mail: revista3idade@sescsp.org.br

---

A Terceira Idade: Estudos sobre  
Envelhecimento /Serviço Social do  
Comércio. ST – Gerência de Estudos e  
Programas da Terceira Idade. Ano 1,  
n. 1 (set. 1988) – São Paulo: SESC-GETI,  
1988-

A Terceira Idade 1988 – 2006

Quadrimestral

ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-  
Periódicos 1. Serviço Social do  
Comércio

CDD 362.604

---

Esta revista está indexada em:  
Edubase (Faculdade de Educação/  
Unicamp)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID – Sistema Brasileiro de  
Documentação e Informação

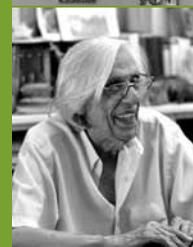
Desportiva – Escola de Educação Física

– UFMG)

**Nota:** As opiniões e afirmações contidas  
em artigos e entrevista publicadas  
na RTI são de responsabilidade de  
seus autores.

# Sumário

- 7** **O perfil das universidades da terceira idade no Estado de São Paulo**  
Ivan Eduardo de Abreu Arruda
- 20** **Quais são as tendências das pesquisas fisiogerontológicas? O caso da PUC/SP**  
Cristiane Maurici Gomes Marques e Beltrina Côrte
- 38** **Musicalidade e movimento corporal para adultos e idosos**  
Wanda Pereira Patrocínio
- 50** **Iniciativas socioeducativas para a promoção do envelhecimento saudável – projeto gerodia: saúde, bem-estar e educação no envelhecimento**  
Karina de Lima Flauzino, Flávia Renata Fratezi, Henrique Salmazo da Silva
- 60** **Imagens da velhice asilada: um percurso metodológico embasado em fotografias**  
Katia Ricci dos Santos e Margareth Brandini Park
- 82** Entrevista com o poeta **Ferreira Gullar**



## As Novas Oportunidades Educacionais para as Pessoas Idosas

**E**m sociedades do passado, caracterizadas por poucas e lentas mudanças de costumes ao longo de décadas, viviam-se duas fases distintas no ciclo vital: um tempo de aprender e um tempo de utilizar o aprendido. Aos mais afortunados o aprendizado chegava a seu termo com a conclusão de um curso superior. Aos demais, ao menos uma formação técnica em um curso de nível médio era altamente desejada.

Claro que, tanto ontem quanto hoje, a aquisição de uma profissão busca atender necessidades de sobrevivência e de realização pessoal. Mas, atualmente, e cada vez mais, após o período de formação, há uma nítida premência de atualização de conhecimentos não somente no terreno profissional, mas em várias áreas do cotidiano, em decorrência de aceleradas transformações, principalmente tecnológicas. Nesse sentido, desde os anos 50, filósofos, pedagogos e cientistas sociais em geral, frente à aceleração da sociedade moderna, produziram interessantes teorizações sobre a importância de um processo educacional permanente. Uma educação diferente daquela que ocorre nas escolas desde o nível fundamental até o superior, passou a ser desenvolvida em instituições culturais e de lazer: a educação não-formal, cuja ambição transcende o preparo profissional, pois propõe um amplo desenvolvimento cultural do indivíduo.

Fator decisivo para a configuração desses novos rumos foi a criação de cursos para aposentados e idosos nas universidades européias durante os anos 60. Assim nasceram as primeiras Universidades Abertas para a Terceira Idade, surgidas concomitantemente a uma nova concepção de idoso, vistos como seres capazes de aprender e de ensinar, integrados e participativos.

---

A propósito, um dos artigos desta edição, *O Perfil das Universidades da Terceira Idade no Estado de São Paulo*, de Ivan Eduardo de Abreu Arruda, nos mostra o expressivo crescimento da oferta de tais cursos, por meio de pesquisa realizada em instituições de ensino superior do Estado de São Paulo. Tendência, aliás, verificada nas demais regiões brasileiras.

Em 1977, o SESC São Paulo, sintonizado com os movimentos educacionais da Europa, sobretudo da França, inaugurou no Brasil um novo modelo de atendimento ao idoso: as Escolas Abertas para a Terceira Idade. Estruturadas por cursos e oficinas oferecidas a esse público, visavam a atualização de informações e o desenvolvimento de novas habilidades, premissas para uma adequada adaptação a um tempo social de rápidas mudanças de valores e comportamentos. O sucesso dessa experiência inspirou a criação das Universidades Abertas à Terceira Idade, hoje espalhadas por todo o Brasil.

Com iniciativas desse tipo o SESC São Paulo reafirma sua busca por caminhos e alternativas de valorização de nossos velhos. A sociedade deve reconhecer o passado de muito trabalho e esforço que os idosos empreenderam para a edificação de suas vidas e de suas famílias. Mas, é preciso também apostar no presente desses brasileiros, tempo ainda fértil para muitas realizações e contribuições à sociedade e, em especial, à nossa juventude.

DANILO SANTOS DE MIRANDA

*Diretor Regional do Sesc São Paulo*



# O perfil das universidades da terceira idade no Estado de São Paulo

IVAN EDUARDO DE ABREU ARRUDA

## RESUMO

---

Este trabalho tem a proposta de informar o perfil do programa Universidade da Terceira Idade no Estado de São Paulo, analisando, por meio de coleta de dados *on-line*, a identificação da Instituição de Ensino Superior promotora do programa e sua categorização junto ao Ministério da Educação, a nomenclatura utilizada pelo programa, os objetivos e currículos dos programas, a faixa etária e o grau de instrução dos alunos ingressantes, a carga horária, o turno de realização, o custo e o ano de inicialização do programa. Optou-se pelo Estado de São Paulo por ser o local de atuação profissional e acadêmica do pesquisador. A Universidade da Terceira Idade é um movimento de grande sucesso em diversos países, uma vez que vem criando oportunidades de desafio intelectual e promovendo o bem-estar dos idosos, que estão em busca de um envelhecimento bem-sucedido. Acredita-se que os programas devam servir como um espaço educacional, cultural e político, onde os alunos possam vir a usufruir uma vida saudável, participativa e produtiva na sociedade em que estão inseridos. Neste sentido, as Instituições de Ensino Superior no Estado de São Paulo poderiam repensar a expansão no atendimento à terceira idade, visando atingir um índice muito maior que os 12,85% encontrados.

**Palavras-chave:** universidade, terceira idade, programa, perfil, São Paulo.

Coordenador do Curso de Educação Física da Faculdade de Pindamonhangaba-SP, formado em Educação Física, especialista em Administração Esportiva e em Gestão Educacional, mestre em Educação pela PUC-Campinas e membro do grupo de pesquisa Qualidade de Ensino; desenvolveu programa de Universidade da Terceira Idade no Vale do Ribeira-SP.

profivanarruda@hotmail.com

## ABSTRACT

---

The purpose of this paper is to describe the curricula of the program offered by the University for the Elderly, in the State of São Paulo, and analyze, through collection of online data, the identification of the university to the category of Higher Education Institutions as well as its classification at the Ministry of Education, the nomenclature used by the program, the objectives and curricula of the programs, the ages and educational levels of the entering students, the course hours, the term, the cost for the program and the beginning date of the program. The University of the Elderly was chosen due to the fact that it is place where researchers develop their activities. The University for the Elderly is a movement of great success in several countries because it creates opportunities for intellectual challenge and promotes the well-being of the elderly in their search for successful ageing process. It is believed that the programs should serve as a spece for educational, cultural and political activities, where students are able to enjoy a healthy, participatory and productive life in their society. Accordingly, the Higher Education Institutions in the State of São Paulo could think of new ways to expand the services provided to the elderly in order to substantially increase the current rate of services provided from the current rate of 12.85%.

**Key words:** university for the elderly – research-SP; adult education

## INTRODUÇÃO

---

A educação para idosos pode ser refletida por diversos aspectos que se correspondem. O mais comum é a negação da educabilidade desses indivíduos, baseada em argumentos fundados nos estereótipos de velhice improdutiva, incapaz e doentia, o que caracteriza a alegação de não serem válidos os investimentos nessa categoria etária, determinando assim a restrição de oportunidades educativas. Ela é vista em termos compensatórios, quando visa à alfabetização, à educação básica em saúde e à informação sobre o envelhecimento. Outro aspecto é dirigir a educação na tentativa de o idoso desenvolver novos papéis, por meio de programas que o incentivem e o preparem para participar ativamente na sociedade em que está inserido, propiciando melhor qualidade de vida para si e para

seus companheiros de geração. A educação para os idosos possibilita também a integração das experiências e dos conhecimentos acumulados ao longo da vida, sob o ângulo das oportunidades de realização, enfatizando o desenvolvimento psicológico e espiritual (NERI e CACHIONI, 1999).

As instituições de ensino necessitam, assim, de uma reflexão sobre suas práticas para que possam gerar modelos e princípios de atuação a serem fundamentados, aperfeiçoados e aplicados, dentro de um estilo próprio de educar os idosos brasileiros.

Até 1970, a educação sistematizada para idosos restringia-se aos programas de alfabetização. Entretanto, a partir da década de 80, verifica-se que as universidades abriram um espaço educacional, tanto para a população idosa como para profissionais interessados nos estudos sobre o envelhecimento (CACHIONI, 1999). O primeiro programa brasileiro de Universidade da Terceira Idade aconteceu em Florianópolis, no ano de 1982, por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo os objetivos de realizar estudos e pesquisas, divulgar conhecimentos técnico-científicos sobre o envelhecimento, auxiliar na formação de recursos humanos e promover o cidadão idoso (CACHIONI, 1999, *apud* PACHECO, 2003). Já o inédito programa criado no Estado de São Paulo surgiu em 1990, por meio da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. O programa Universidade da Terceira Idade propunha os objetivos de promover a educação permanente e de estimular a inserção social dos idosos, utilizando um trabalho interdisciplinar e interdepartamental voltado à comunidade (MARTINS DE SÁ, 1996, *apud* PACHECO, 2003).

---

A EDUCAÇÃO PARA OS IDOSOS  
POSSIBILITA TAMBÉM A INTEGRAÇÃO  
DAS EXPERIÊNCIAS E DOS  
CONHECIMENTOS ACUMULADOS  
AO LONGO DA VIDA, SOB O  
ÂNGULO DAS OPORTUNIDADES  
DE REALIZAÇÃO, ENFATIZANDO O  
DESENVOLVIMENTO PSICOLÓGICO E  
ESPIRITUAL

---

### **Desenvolvimento da pesquisa**

O presente trabalho realizou-se por intermédio da pesquisa *on-line* e todos os dados coletados foram retirados das páginas na internet das 428 Instituições de Ensino Superior (IES) do Estado de São Paulo.

Os pontos abordados junto às IES que continham o programa Universidade da Terceira Idade em atividade foram: identificação da IES, categoria da IES junto ao Ministério da Educação (MEC), nomenclatura do

---

OS OBJETIVOS E A  
ESTRUTURA CURRICULAR  
FORAM IMPRESCINDÍVEIS PARA  
COMPREENSÃO DO QUE SE  
BUSCA ATINGIR NA MAIORIA  
DOS PROGRAMAS, BEM COMO  
DAS DISCIPLINAS QUE SÃO  
TRABALHADAS.

---

programa, objetivos e currículos dos programas, faixa etária e grau de instrução dos alunos ingressantes, carga horária e turno de realização do programa, custo e ano de inicialização do programa.

O campo identificação compreendeu o nome e a sigla da IES, além da sua localização. É importante deixar claro que a mesma IES presente em duas ou mais cidades, ou com mais de um *campus* no mesmo município, teve seus dados analisados e computados de forma única.

O item categoria representou a classificação estabelecida pelo MEC e dividiu-se em: universidades, centros universitários, faculdades e escolas superiores. Uma subdivisão também foi feita entre IES: privadas e públicas, e filantrópicas, confessionais, comunitárias ou particulares em sentido estrito.

A questão da nomenclatura fez-se necessária em virtude da variação de denominações encontradas para o programa, como terceira idade, maturidade, melhor idade, entre outras. Esses termos são generalizados pela sociedade, sendo que as pessoas, geralmente, autotransferem-se neste léxico de acordo com preferências pessoais que resultam da visão sobre o que é velho, mesmo porque, segundo Rôças (1996), estes vocábulos, em uma sociedade voltada para a juventude, são tratados de forma pejorativa, daí a necessidade de o indivíduo optar por uma denominação adequada.

Os objetivos e a estrutura curricular foram imprescindíveis para compreensão do que se busca atingir na maioria dos programas, bem como das disciplinas que são trabalhadas. Na perspectiva educacional, conforme Goodson (2005), a palavra “currículo”, oriunda do latim, refere-se a um curso a ser seguido, além de ser considerado por Macedo (2006) um processo cultural híbrido, em que diferentes discursos negociam sua existência em meio a relações de poder oblíquas.

Outros aspectos foram listados: faixa etária e grau de instrução, pelo fato de os programas permitirem ou não o acesso de alunos com as mais diversas idades e com determinado nível de escolaridade; carga horária e turno de realização, por estarem os programas estruturados de forma independente sem uma padronização de tempo e de execução; custo, em virtude de algumas IES objetivarem lucro e outras entenderem

que o programa é responsabilidade social da instituição; e ano de iniciação, procurando observar a idade média dos programas em atividade na atualidade.

## Resultados da pesquisa

Analisaram-se 428 IES. Deste montante, 55 (12,85%) instituições desenvolvem o programa Universidade da Terceira Idade, 19 (4,44%) realizam atividades específicas com idosos, como, por exemplo, cursos isolados de informática e oficinas temáticas, e 354 (82,71%) IES não apresentam trabalhos com esse público. Aqui não se consideraram as propostas de alfabetização dos idosos, por serem perspectivas da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Estes dados refletem a estreita relação existente entre idosos e IES.

Os dados a seguir refletem as 55 IES mencionadas no parágrafo anterior, ou seja, somente os 12,85% que possuem o programa Universidade da Terceira Idade.

Percebeu-se que 14 (25,45%) IES estão localizadas na cidade de São Paulo e 41 (74,55%) têm sede no interior do estado. Considerou-se interior todas as regiões que não correspondem à capital paulista, inclusive Grande São Paulo e Litoral. Entre as cidades do interior, Santo André é o município que mais dispõe de Universidade da Terceira Idade, presente em 4 IES. No interior é possível estabelecer contatos mais próximos com a mídia, com os órgãos municipais e com os grupos de terceira idade a fim de introduzir esses programas.

Com relação à classificação do MEC, 18 (32,73%) programas estão vinculados a universidades, 8 (14,54%) a centros universitários e 29 (52,73%) a faculdades. Nenhuma escola superior apresentou o programa. Seguindo esta abordagem, 8 (14,55%) são em IES públicas: federal, estadual e municipal, e 47 (85,45%) são em IES privadas. Dessas privadas que mantêm o programa, 29 (61,70%) são IES particulares com fins lucrativos, 10 (21,27%) são IES filantrópicas, 1 (2,13%) é confessional, 1 (2,13%) é comunitária e outras 6 (12,77%) recebem mais de uma classificação, como filantrópica e confessional etc. Percebe-se assim que as IES particulares consideradas “pequenas” detêm o maior número de programas, possivelmente pela facilidade de articulação com a direção dessas instituições.

---

O IDOSO BRASILEIRO É MERECEDOR DE PROMOÇÕES SOCIOEDUCATIVAS, NÃO SOMENTE PELA MELHORA CIRCUNSTANCIAL DA CONDIÇÃO DE VIDA, MAS TAMBÉM PELO CRESCIMENTO SOCIAL DE TODA UMA POPULAÇÃO EM BUSCA DE EFETIVA QUALIDADE DE VIDA.

---

Na análise sobre as nomenclaturas designadas ao programa, verificou-se que a expressão “terceira idade” lidera com facilidade, estando representada por 34 (61,82%) IES, seguida do termo “maturidade”, presente em 7 (12,73%) programas, e do termo “melhor idade”, presente em 5 (9,09%). Foi possível detectar também que outras denominações são utilizadas nos programas de 9 (16,36%) IES, entre alguns exemplos: sênior, idade da razão, idade ativa e terceira fase da vida.

A expressão “terceira idade”, segundo Palmore (1990, *apud* SILVA, 1999), foi criada na França, no final dos anos de 1960, para designar de forma aceitável o período da vida em que o indivíduo se afastava da vida produtiva e da maioria dos papéis que caracterizavam a vida adulta. Entretanto, conforme Coriolano (2002, *apud* CAMPOS, 2003), a associação ao termo “terceiro mundo” e à expressão “terceiro estado”, da Revolução Francesa, mostrava o preconceito existente, remetendo o indivíduo ao descartável, ao improdutivo e a não interessar mais ao capitalismo. Netto (2001) e Neri & Freire (2000) reforçam que a expressão francesa “terceira idade” estabelecia a idade em que o indivíduo se aposentava, por volta dos 45 anos. Assim, a vida adulta, de produtividade, seria a segunda idade e a infância, improdutivo, mas com perspectiva de crescimento, a primeira idade.

A expressão “maturidade” é usada, segundo Sad (2001), como uma substituição da palavra “velhice”, necessária para ocultar a passagem do tempo e suas conseqüentes transformações vitais. Neri & Freire (2000) definem maturidade como o alcance de certo patamar de desenvolvimento indicado pela presença de papéis sociais e de comportamentos considerados apropriados ao adulto mais velho, designando a ele adjetivos como experiente, prudente, paciente, tolerante, ouvinte, entre outros.

Campos (2003) adiciona que *“a expressão melhor idade transforma-se em uma identidade coletiva na medida em que homens e mulheres passam a ser reconhecidos sob tal designação valorizada pela re-significação do sentido de ser velho”*.

Do ponto de vista dos objetivos dos programas, verificou-se que 26 (47,27%) IES se preocupam com a qualidade de vida e com a inclusão social. Neste sentido, Verderi (2004) afirma que o idoso brasileiro é merecedor de promoções socioeducativas, não somente pela melhora circunstancial da condição de vida, mas também pelo crescimento social de toda uma população em busca de efetiva qualidade de vida.

O conceito de qualidade de vida é produção histórica pressupondo uma análise processual, uma dinâmica, a recuperação do específico e o respeito às condições conjunturais. Assim, ao tentar construir um conceito de qualidade de vida, busca-se determinar os atributos desejáveis a uma vida, feita da imbricação entre pessoas, instituições e sistemas sociais. Não se trata de definir sonhos e esperanças de um ser humano, mas de todos aqueles que vivem uma mesma história, seres que partilham o mesmo tempo em espaços construídos pela ação conjunta. Enfim, o ser que habita, que constrói e edifica sua própria morada está, neste processo de construção, também construindo indicadores de qualidade de vida. Ou seja, no viver, vai determinando formas e maneiras necessárias e essenciais ao ato mesmo de habitar o mundo. A conquista da qualidade de vida supõe a conquista do próprio existir, no sentido de estar-no-mundo, de forma compromissada com a vida mesma (FREIRE, 1993, *apud* STANO, 2001, p. 156-157).

Na perspectiva da inclusão social no Estado de São Paulo, é importante frisar que em 1997 foi instituída pelo governador Mário Covas Júnior a Política Estadual do Idoso – Lei Estadual nº 9.892 –, que disserta sobre as competências dos órgãos e de entidades públicos no âmbito da educação, em seu artigo décimo primeiro, parágrafo terceiro:

[...] promover seminários, simpósios, encontros, palestras, cursos e fóruns permanentes de debates, procurando educar a sociedade em relação ao processo de envelhecimento; estabelecer programas de estudo a pesquisa sobre a situação do idoso em parceria com os Poderes Públicos e a sociedade; desenvolver programas que preparem as famílias e a sociedade a assumirem seus idosos; incentivar a abertura das universidades aos cidadãos idosos e a criação de cursos de alfabetização para adultos; apoiar programas que eduquem a sociedade em geral a não discriminar o idoso; estimular a transmissão de mensagens educativas sobre os idosos em lugares públicos.

As diversas disciplinas encontradas na maioria dos programas foram aqui divididas pelas seguintes áreas: acupuntura, arte, atividade física, atualidade, avicultura, Biologia, Comunicação Social, conhecimentos gerais, coral, culinária, cultura, dança, dinâmica de grupo, Direito, Economia, Ecologia, Enfermagem, espanhol, espiritualidade, ética, Farmácia, Filosofia, Fisioterapia, fitoterapia, Fonoaudiologia, fotografia, Geografia, Gerontologia, História, horticultura, informática, inglês, jardinagem, lazer, Literatura, lutas, marketing, Matemática, Medicina, Música, Nutrição, organização de eventos, piscicultura, política, portugueses, primeiros

---

NÃO SE TRATA DE DEFINIR SONHOS E ESPERANÇAS DE UM SER HUMANO, MAS DE TODOS AQUELES QUE VIVEM UMA MESMA HISTÓRIA, SERES QUE PARTILHAM O MESMO TEMPO EM ESPAÇOS CONSTRUÍDOS PELA AÇÃO CONJUNTA.

---

socorros, Psicologia, qualidade de vida, reciclagem, reeducação postural, religião, saúde, sexualidade, Sociologia, teatro, tecnologia, Turismo, além de confraternizações, excursões e passeios. Em alguns programas, as disciplinas vivenciadas na Universidade da Terceira Idade eram as disciplinas regulares dos cursos de graduação da própria IES.

Os programas de Universidades da Terceira Idade procuram corresponder às necessidades características do alunado e, ao mesmo tempo, buscam alicerçar seus objetivos numa visão inovadora de currículo. [...], a maioria dos programas universitários para idosos apresenta-se sob forma de microuniversidades temáticas, ou seja, o currículo é organizado a partir de disciplinas-eixo, com a finalidade de trabalhar os temas de forma integrada, dando atenção à questão da interdisciplinaridade. Existe grande diversidade nessas propostas de estruturação, uma vez que cada instituição toma decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação na velhice (ALVES, 1997, *apud* CACHIONI, 1998, p. 55-56).

---

... MUITOS PROGRAMAS ACREDITAM QUE EM DOIS ANOS SE TORNA POSSÍVEL TRABALHAR A DIVERSIDADE DE DISCIPLINAS BUSCANDO-SE ATINGIR OS PROPÓSITOS PRINCIPAIS DOS OBJETIVOS: QUALIDADE DE VIDA E INCLUSÃO SOCIAL.

---

O tempo de duração do programa de 4 semestres foi encontrado em maior quantidade em 16 (51,61%) IES das 31 analisadas; 5 (16,13%) programas trabalham seus conteúdos em apenas 1 semestre; 4 (12,90%) IES trabalham com 3 semestres; 3 (9,68%) IES trabalham com 2 semestres; e outros 3 (9,68%) programas desenvolvem suas atividades em 5 semestres ou mais. Isso indica que muitos programas acreditam que em dois anos se torna possível trabalhar a diversidade de disciplinas buscando-se atingir os propósitos principais dos objetivos: qualidade de vida e inclusão social.

A faixa etária mínima para o aluno ingressar no programa foi identificada em 37 IES, sendo que em 15 (40,55%) IES eram permitidos acessos aos 45 anos, em 14 (37,84%) instituições aos 50, em 5 (13,51%) IES aos 40 anos de idade, em 2 (5,40%) instituições aos 60 anos e em 1 (2,70%) instituição aos 55. É importante salientar que 60 anos é a idade em que o Estatuto do Idoso, de 1º de outubro de 2003, classifica as pessoas como idosas. O alto índice de ingresso aos 45 anos justifica-se pela própria característica original dos programas desde seu início na França, onde a Universidade de Toulouse recebia alunos a partir dessa idade, e também pela questão comercial da maioria dos programas, visando abarcar maior quantidade de alunos.

Com relação ao nível de escolaridade, averiguou-se que, entre 30 IES, 12 (40%) exigiam que os ingressantes ao programa fossem alfabetizados e as outras 18 (60%) não se preocupavam com a questão. Esse equilíbrio se dá provavelmente por duas situações: preocupação com o aluno acompanhar o conteúdo, daí a importância e a cobrança da alfabetização; e o fato de muitos idosos serem alfabetizados e se encontrarem num estágio de defasagem do conhecimento da escrita, algo que eles retomam no transcorrer do curso, por isso a não obrigação por serem alfabetizados.

Já o turno de realização do programa, das 39 IES detectadas, ficou evidente o interesse pelas atividades no período da tarde, presentes em 33 (84,62%) programas; pela manhã aparece em 3 (7,69%) IES e no noturno também em 3 (7,69%). O período vespertino é, para muitos idosos, o grande momento de lazer durante as 24 horas diárias. Neste sentido, em pesquisa realizada em um programa no interior do Estado de São Paulo, as aulas no período da tarde tinham a aprovação de 98% dos alunos e isso era justificado pelo fato de ser um período considerado livre por eles, e que não prejudicava seus compromissos sociais e suas obrigações familiares (ARRUDA, 2006).

No aspecto financeiro, das 55 IES, 17 (30,91%) divulgavam nas suas páginas na internet que cobravam pelos serviços prestados com o programa. Os valores variavam entre R\$ 15,00 e R\$ 130,00 mensais, com preço médio de R\$ 52,00 por mês. Apenas 1 (1,82%) instituição informou ser gratuito o programa, por ser de responsabilidade da própria IES oferecer a Universidade da Terceira Idade como um compromisso social, sem despesas à população idosa. Como foi comentado anteriormente, a maioria dos programas é realizada em IES privadas, o que caracteriza a cobrança de mensalidades para, no mínimo, a manutenção do próprio programa.

Por fim, uma vez que é conhecido que as Universidades da Terceira Idade no Estado de São Paulo desenvolvem suas atividades desde 1990, 19 (34,55%) IES, do total de 55, informaram o ano de início de seus trabalhos juntamente com o programa. Para fins de referência, esses 19 programas foram agrupados em 3 categorias cronológicas: período

---

ESSE EQUILÍBRIO SE DÁ PROVAVELMENTE POR DUAS SITUAÇÕES: PREOCUPAÇÃO COM O ALUNO ACOMPANHAR O CONTEÚDO, DAÍ A IMPORTÂNCIA E A COBRANÇA DA ALFABETIZAÇÃO; E O FATO DE MUITOS IDOSOS SEREM ALFABETIZADOS E SE ENCONTRAREM NUM ESTÁGIO DE DEFASAGEM DO CONHECIMENTO DA ESCRITA, ALGO QUE ELES RETOMAM NO TRANSCORRER DO CURSO, POR ISSO A NÃO OBRIGAÇÃO POR SEREM ALFABETIZADOS.

---

---

AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NECESSITAM DE UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS PRÁTICAS PARA QUE POSSAM GERAR MODELOS E PRINCÍPIOS DE ATUAÇÃO A SEREM FUNDAMENTADOS, APERFEIÇADOS E APLICADOS, DENTRO DE UM ESTILO PRÓPRIO DE EDUCAR OS IDOSOS BRASILEIROS.

---

pós-surgimento do programa (1990-1996); período pós-promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1997-2002); e período pós-Estatuto do Idoso (2003-2007). No primeiro período houve a criação de 6 (31,58%) programas, no segundo período 9 (47,37%) programas e no terceiro período 4 (21,05%) programas de Universidade da Terceira Idade. A intenção aqui era perceber mudanças ou diferenças entre períodos considerados marcantes para a educação e para o idoso. Acredita-se que, com base nos dados, não haja qualquer relação entre um período ou outro.

### Considerações finais

A Política Nacional do Idoso – Lei nº 8.842/94 – retrata em seu artigo décimo, parágrafo terceiro, as competências dos órgãos e de entidades públicos na área da educação:

[...] adequar currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso; inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto; incluir a Gerontologia e a Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores; desenvolver programas educativos, especialmente nos meios de comunicação, a fim de informar a população sobre o processo de envelhecimento; desenvolver programas, que adotem modalidades de ensino a distância, adequadas às condições do idoso; apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber.

A Universidade da Terceira Idade é um movimento de grande sucesso em diversos países, uma vez que vem criando oportunidades de desafio intelectual e promovendo o bem-estar dos idosos, que estão em busca de um envelhecimento bem-sucedido. Acredita-se que os programas devam servir como um espaço educacional, cultural e político, onde os alunos possam vir a usufruir uma vida saudável, participativa e produtiva na sociedade em que estão inseridos. Neste sentido, as IES no Estado de São Paulo poderiam repensar a expansão no atendimento à terceira idade, visando atingir um índice muito maior que 12,85%.

O envelhecimento populacional é real e a pirâmide demográfica está mudando de forma e se tornando uma reta. Assim, os idosos necessitam de um espaço maior junto às IES e as próprias instituições devem

se atentar a essa condição. Buscar docentes com maior preparação nas questões sobre o envelhecimento e aumentar o diálogo com órgãos de classe dos idosos são alternativas interessantes para se galgar novos caminhos na relação idoso–IES.

As Instituições de Ensino Superior necessitam de uma reflexão sobre suas práticas para que possam gerar modelos e princípios de atuação a serem fundamentados, aperfeiçoados e aplicados, dentro de um estilo próprio de educar os idosos brasileiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ARRUDA, I. E. A. Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, IX. 2006, Luanda. *Tópico temático: criança, juventude e pessoa idosa...* Luanda, Angola: Universidade Agostinho Neto, 2006.
- BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. *Lex – legislação federal e marginália*, Brasília, jan. 1994.
- BRASIL. Lei n. 9.892, de 10 de dezembro de 1997. Dispõe sobre a instituição da Política Estadual do Idoso. *Lex – legislação estadual e marginália*, São Paulo, dez. 1997.
- CACHIONI, M. *Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para a terceira idade: a experiência dos alunos da Universidade São Francisco*. Campinas, 1998. Dissertação (mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CACHIONI, M. Universidades da Terceira Idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- CAMPOS, T. J. *Lazer e terceira idade: contributos do turismo no âmbito do programa Clube da Melhor Idade*. Campinas, 2003. Dissertação (mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- GOODSON, I. F. *Currículo: teoria e história*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MACEDO, E. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, mai./ago. 2006.
- NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
- NERI, A. L.; FREIRE, S. A. Apresentação: qual é a idade da velhice? In: NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas: Papirus, 2000.
- NETTO, A. J. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, V. (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

- PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Orgs.). *As múltiplas faces da velhice no Brasil*. Campinas: Alínea, 2003.
- RÔÇAS, V. *A mais de sessenta: vida nova na terceira idade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- SAD, I. Revisão de vida, autoconhecimento e auto-aceitação: tarefas da maturidade. In: NERI, A. L. (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus, 2001.
- SILVA, F. P. *Crenças em relação à velhice, bem-estar subjetivo e motivos para freqüentar Universidade da Terceira Idade*. Campinas, 1999. Dissertação (mestrado em Gerontologia) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- STANO, R. C. M. T. Espaço escolar: um tempo de ser-na-velhice. In: KACHAR, V. (Org.). *Longevidade: um novo desafio para a educação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- VERDERI, E. *O corpo não tem idade: educação física gerontológica*. Jundiaí: Fontoura, 2004.

## FONTES ON-LINE CONSULTADAS

---

(páginas acessadas durante o primeiro semestre de 2007)

- [http://www.unicapital.edu.br/noticias\\_det.asp?fCodigo=777](http://www.unicapital.edu.br/noticias_det.asp?fCodigo=777)
- [http://www.santanna.br/site/pagina\\_senior\\_oquee.asp](http://www.santanna.br/site/pagina_senior_oquee.asp)
- [http://www.montessorinet.com.br/paginas/cursos/extencao\\_cultural/3\\_idade/index.htm](http://www.montessorinet.com.br/paginas/cursos/extencao_cultural/3_idade/index.htm)
- <http://www.cantareira.br/outros-cursos/?secao=curso-para-maturidade>
- <http://www.fapcom.com.br/terceiridade.php>
- <http://www.campossalles.edu.br/>
- <http://www.cogee.pucsp.br/curso.php?cod=102807&uni=SP&tip=RE&le=E&ID=12>
- [http://www.virtual.epm.br/uati/corpo/Universidade\\_Livre\\_Da\\_Terceira\\_Idade\\_Unicastelo.htm](http://www.virtual.epm.br/uati/corpo/Universidade_Livre_Da_Terceira_Idade_Unicastelo.htm)
- [http://www.unisa.br/extensao/terceira\\_idade.html](http://www.unisa.br/extensao/terceira_idade.html)
- <http://www.usp.br/prc/3idade/>
- [http://www.unesp.br/proex/programas/pisc\\_unati.php](http://www.unesp.br/proex/programas/pisc_unati.php)
- <http://virtual.epm.br/uati/>
- [http://www.usjt.br/proex/projetoext\\_isite.php?p\\_Indice=1](http://www.usjt.br/proex/projetoext_isite.php?p_Indice=1)
- <http://www.smarcos.br/novoportal/>
- <http://ww4.unianhanguera.edu.br/programasinst/pec.php>
- [http://www.unia.br/pags/terceira\\_idade/index.htm](http://www.unia.br/pags/terceira_idade/index.htm)
- [http://www.unifio.br/v2/o\\_unifio\\_cursos/livres-ffmi.php](http://www.unifio.br/v2/o_unifio_cursos/livres-ffmi.php)
- <http://www.unifeob.edu.br/novo/servicos/servicos.php?info=04>
- <http://www.unimesp.edu.br/>

<http://www.am.unisal.br/extensao/3idade/3idade.asp>  
<http://faceti.cneccapivari.br/>  
<http://www.fadnet.br/fad/publier4.0/texto.asp?id=55>  
<http://www.faef.edu.br/unati/index.htm>  
<http://www.faita.edu.br/extensao.htm>  
<http://www.metodista.br/terceiridade>  
<http://www.eduvale.br/terceirida.asp>  
[http://www.direitosbc.br/facu\\_3idade.asp](http://www.direitosbc.br/facu_3idade.asp)  
<http://www.faj.br/cursos/terceiridade.php>  
[http://www.colegiopentagono.com.br/foco\\_cursos.asp](http://www.colegiopentagono.com.br/foco_cursos.asp)  
<http://www.faculdadedevinhedo.com.br/>  
<http://www.faculdadedoguaruja.com.br/Cursos/maturidade.htm>  
[http://www.facenac.edu.br/cur\\_terceira\\_idade.asp](http://www.facenac.edu.br/cur_terceira_idade.asp)  
<http://www.faculdadeintegracao.edu.br/novo/fati/index.asp>  
[http://www.fma.br/programas\\_sociais\\_fma\\_3aidade.asp](http://www.fma.br/programas_sociais_fma_3aidade.asp)  
<http://www.fts.com.br/fts/conteudo/informacao.asp?CodInformacao=185>  
<http://www.fafem.com.br/melhoridade/>  
<http://www.unitoledo.br/mi/index.asp>  
<http://www.claretianas.br/terceiridade/>  
<http://www.fainc.com.br/terc.htm>  
<http://www.unifac.com.br/>  
<http://www.fef.br/integracao/unati.php>  
<http://www.fio-educacional.net/v5/graduacao.asp?id=25&>  
<http://www.funecsantafe.edu.br/unati/index.php>  
<http://www.fira.edu.br/faculdade3idade/>  
[http://www.fatea.br/3a\\_idade/](http://www.fatea.br/3a_idade/)  
<http://www.fefisa.com.br/pages.php?recid=69>  
[http://www.puc-campinas.edu.br/centros/ccsa/ss\\_3aidade.asp](http://www.puc-campinas.edu.br/centros/ccsa/ss_3aidade.asp)  
<http://www.unisantos.br/uati/index.php>  
<http://www.unaerp.br/main.php?module=conteudo&file=index&paginaId=1305>  
[http://www.uniso.br/extensao/terceira\\_idade/terceira\\_idade.asp](http://www.uniso.br/extensao/terceira_idade/terceira_idade.asp)  
<http://www.univap.br/index2.html>  
[http://www.usc.br/encontre\\_usc/uati/index.htm](http://www.usc.br/encontre_usc/uati/index.htm)  
<http://www.ung.br/uati/>  
<http://www.unimep.br/terceiridade/>  
[http://www.imes.edu.br/comu/universidade\\_senior.php](http://www.imes.edu.br/comu/universidade_senior.php)



# Quais são as tendências das pesquisas fisiogerontológicas? O caso da PUC/SP

CRISTIANE MAURICI GOMES MARQUES<sup>1</sup>

BELTRINA CÔRTE<sup>2</sup>

## RESUMO

---

Quais são as tendências das pesquisas fisiogerontológicas? Esta pergunta levou à realização de uma pesquisa bibliográfica de produções acadêmicas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de 2000 a julho de 2007, traçando-se o perfil das pesquisas fisiogerontológicas. O primeiro passo para a concretização desta pesquisa foi o levantamento dos alunos egressos e, logo após, a coleta dos resumos das 171 dissertações produzidas, analisando dados como elaboração da pesquisa, objetivos, metodologia desenvolvida e as considerações finais. Para a entrada da digitação das informações fechadas e o tratamento estatístico dos dados, escolheu-se o *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, uma vez que se trabalhou com perguntas fechadas elaboradas a partir dos resumos. Cada trabalho foi classificado em um grupo temático elaborado pela pesquisadora e, a partir disso, foram selecionados os 34 trabalhos realizados por fisioterapeutas, traçando a tendência das pesquisas fisiogerontológicas na PUC/SP. Pôde-se verificar que a maioria dos estudos realizou investigações que expuseram temas relacionados à qualidade de vida do idoso, longevidade, aspectos clínicos do envelhecimento, processos patológicos, serviços e programas assistenciais à saúde no segmento idoso. Por meio dessa investigação, estabeleceu-se de forma clara que o envelhecimento humano não pode ser analisado apenas pelo aspecto biológico do ser. Os estudos assinalam a necessidade de uma abordagem

<sup>1</sup> Fisioterapeuta. Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Docente do curso de Fisioterapia do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro (Uniiitalo).  
cristiane.marques@professor.italo.br

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordenadora executiva do website Portal do Envelhecimento.  
beltrina@uol.com.br

humanística e cultural, possibilitando maior compreensão sobre a longevidade, o envelhecimento e a velhice. A partir disso, sugere-se a criação da disciplina Fisiogerontologia nos cursos de graduação em Fisioterapia para ampliação do que vem a ser o cuidado por parte de futuros fisioterapeutas.

**Palavras-chave:** Fisiogerontologia, Gerontologia, Fisioterapia.

## ABSTRACT

---

What are the gerontological physical research trends? This question has prompted a bibliographical research consisting of the analysis of the profile of the gerontological physical research production of the Graduate Program in Gerontology at the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, from 2000 to July 2007. The research was done by obtaining the list of former students, gathering the abstracts for all the 171 available dissertations and then analyzing the research data, compilation, objectives, methodology and final considerations. Due to the use of closed questions based on the abstracts, the software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) was used to input the closed data and perform the statistical analysis. The researcher classified the dissertations into different thematic groups and selected 34 studies which were carried out by physiotherapists, thereby establishing the trend of the gerontological physical research at PUC/SP. One of the conclusions was that most of the studies investigated issues related to the quality of life of elderly people, longevity, clinical aspects of aging, pathological processes, and health care services and programs for the elderly. Through this investigation, it became clear that the process of aging in human beings cannot be analyzed only from the biological standpoint. Studies point to the need for a humanistic and cultural approach which could enable people to better understand the issues related to longevity, aging and old age. To this end, a suggestion is made for the introduction of a discipline called Gerontology Physics in the curricula of the Physiotherapy undergraduate program in order to provide future physiotherapists with a better understanding of the meaning of caring.

**Key words:** gerontology physics; gerontology; physiotherapy

## INTRODUÇÃO

---

O estudo do envelhecimento cresce a passos largos, uma vez que a estimativa é de que em 2030 o Brasil será o sexto país com o maior número de idosos no mundo. Isso se deve a diversos fatores, entre eles o avanço da tecnologia, fazendo com que medicamentos novos estejam no mercado a cada dia. Outros fatores importantes a serem levantados são a urbanização e a baixa taxa de fertilidade. A par disso, vale lembrar a consciência da população “envelhecete” em realizar atividades físicas e de vida diária, fazendo com que o idoso de antigamente (pacato, conformado com a velhice e certo de que a morte estava próxima) assuma um papel ativo na sociedade, até porque a expectativa de vida da população se eleva a cada dia.

Dessa forma, tanto comunidade científica quanto população veem o papel importante de cursos de Gerontologia, os quais ampliam o número de profissionais especializados na área do envelhecimento e, conseqüentemente, o número de pesquisas na área, como é o caso do presente estudo, que teve como objetivo identificar as tendências de pesquisas no Curso de Gerontologia da PUC/SP, focando aquelas realizadas pelos profissionais da Fisioterapia.

É possível encontrar na literatura muitos autores relatando que a Gerontologia ainda está em seus primórdios, encaminhando-se para o crescimento. O desenvolvimento de abundantes pesquisas nas mais diversas áreas será essencial para tal crescimento. Este estudo se baseia em autores como Hayflick, Neri, Beauvoir, Mercadante, entre outros que contribuíram para o crescimento do acervo bibliográfico sobre o envelhecimento.

### Estudos da Gerontologia

No início do século XX dois termos foram muito utilizados em relação ao envelhecimento: Gerontologia e Geriatria. A palavra “gerontologia” foi introduzida por Élie Metchnikoff em 1903 e significa o estudo do processo do envelhecimento. Ela vem do grego *géron*, do qual a palavra se deriva, que quer dizer “homem velho”, e de *logo*, “o estudo de”. Então a palavra “gerontologia” significa estudo do homem velho.

---

O ESTUDO DO ENVELHECIMENTO  
CRESCER A PASSOS LARGOS, UMA  
VEZ QUE A ESTIMATIVA É DE QUE  
EM 2030 O BRASIL SERÁ O SEXTO  
PAÍS COM O MAIOR NÚMERO DE  
IDOSOS NO MUNDO.

---

A palavra “geriatria”, introduzida por Ignaz L. Nascher, surgiu seis anos após, em 1909. Ocupa-se estritamente das patologias do velho, da mesma forma que a Pediatria se ocupa das patologias infantis. Segundo Nascher, a velhice não é um estado patológico natural e pode ser resgatada de processos que levariam ao desastre no final da vida. Hoje o campo da Geriatria vai muito além de apenas curar patologias adquiridas na velhice, mas também se preocupa com a prevenção de doenças em indivíduos idosos, dando-lhes melhor qualidade de vida.

---

HOJE O CAMPO DA GERIATRIA VAI MUITO ALÉM DE APENAS CURAR PATOLOGIAS ADQUIRIDAS NA VELHICE, MAS TAMBÉM SE PREOCUPA COM A PREVENÇÃO DE DOENÇAS EM INDIVÍDUOS IDOSOS, DANDO-LHES MELHOR QUALIDADE DE VIDA.

---

A Gerontologia estabeleceu-se a partir de ideias que uniam fatos de patologias relacionados à velhice, como por exemplo os aspectos psicológicos que acometiam o velho doente. Jean-Marie Charcot (1867-1881), famoso médico francês, relatou em seu livro *Leçons cliniques sur les maladies des vieillards et las maladies chroniques* resultados de observações relacionadas entre velhice e doença, feitas em mulheres idosas de um grande hospital público de Paris. Com isso Charcot dividiu as doenças da velhice em três tópicos: 1) derivações de mudanças fisiológicas; 2) as preexistentes, mas com características especiais e perigo de morte na velhice; 3) doenças autoimunes aos idosos. Estas foram ideias que tiveram grande importância na colocação gerontológica na pesquisa de fatores relacionados à velhice.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) abriu portas para a realização do primeiro estudo populacional sobre inteligência humana dos 18 aos 60 anos. Com o propósito de selecionar os homens mais aptos para assumir cargos de chefia, concluiu-se que a inteligência declina com a idade. Tal pesquisa levou a sociedade a pensar que os velhos não serviam para ocupar cargos de importância e surgiu assim o mito de que o velho não aprende. Muitos revoltaram-se com tal posição como, por exemplo, psicólogos norte-americanos. Entre eles G. Stanley Hall, que relatou em seu livro *Senescence, the last half of life* sua posição de extrema discordância quanto ao estudo, uma vez que jovens ou velhos teriam as mesmas chances em ocupar cargos de equivalente importância na sociedade, o que na prática ocorria. É importante ressaltar que na ocasião foram apontados atos falhos na pesquisa em razão da presença de advertências de que os dados obtidos teriam problemas com a validade das medidas adotadas e da grande variedade de bagagem cultural da população estudada.

A partir daí os estudos relacionados aos processos do envelhecimento cresceram a passos largos. Uma pesquisa de grande importância foi realizada no início da década de 1930 por Clive McKay, o qual descobriu que ao alimentar ratos com uma dieta rica em vitaminas e minerais, mas hipocalórica, aumentava o tempo vital do animal. Foi uma descoberta importante para a realização das pesquisas relacionadas ao envelhecimento e que na atualidade ainda é estudada, pois a alimentação saudável, rica em minerais, vitaminas e proteínas, e pobre em carboidratos e gorduras, aumenta, consideravelmente, a qualidade de vida do indivíduo.

Nos últimos 20 anos a comunidade científica reconheceu a importância do estudo dos processos do envelhecimento humano. Resultado disso foi o grande interesse mundial sobre o fenômeno do envelhecimento. Um grande exemplo disso foi o Estudo Longitudinal de Baltimore sobre o Envelhecimento (Baltimore Longitudinal Study of Aging – BLSA), que tenta fazer distinção entre as doenças e o envelhecimento dito como normal a fim de examinar os efeitos físicos, mentais e emocionais do envelhecimento em pessoas saudáveis. O estudo foi iniciado em 1958 por Nathan Shock e, segundo Hayflick (1997), já contou com cerca de 2.200 participantes, que passaram por uma série de exames e testes tanto biológicos quanto psicológicos a cada dois anos até a morte. A partir dessa pesquisa se descobriu que as mudanças associadas à idade ocorrem de forma muito mais lenta que as mudanças que ocorrem antes da maturidade sexual. Foi possível identificar que os velhos mostram maior variação individual em mediações psicológicas e fisiológicas quando comparados com os jovens. Isso desmente o mito de que todos os velhos são iguais. Nesse estudo muitos idosos tiveram desempenho tão bom quanto o de pessoas mais jovens em diversos testes (HAYFLICK, 1997).

A partir daí se mostrou que o envelhecimento não resultou em perda inevitável de todas as funções intelectuais, o que nos remete à pesquisa realizada durante a Primeira Guerra Mundial, relatada anteriormente, quando se criou o mito de que o idoso tem progressivo declínio do intelecto. No entanto ainda muitos pensam e pregam que o velho não aprende. O idoso tem capacidade igual à de qualquer outra faixa etária em aprender e desenvolver novas funções.

---

A PARTIR DESSA PESQUISA SE  
DESCOBRIU QUE AS MUDANÇAS  
ASSOCIADAS À IDADE OCORREM  
DE FORMA MUITO MAIS LENTA  
QUE AS MUDANÇAS QUE OCORREM  
ANTES DA MATURIDADE SEXUAL.  
FOI POSSÍVEL IDENTIFICAR QUE OS  
VELHOS MOSTRAM MAIOR VARIAÇÃO  
INDIVIDUAL EM MEDIAÇÕES  
PSICOLÓGICAS E FISIOLÓGICAS  
QUANDO COMPARADOS COM OS  
JOVENS.

---

---

... O SER “ENVELHECENTE” PASSA POR UM PROCESSO NATURAL DA VIDA, SEM TER QUALQUER RELAÇÃO PATOLÓGICA, DERRUBANDO-SE ASSIM OUTRO MITO, O DE QUE DOENÇA É IGUAL À VELHICE.

---

Por meio de muitos estudos, pesquisadores como Shock, do BLSA, alertam-nos para um fato importante que deve ser inserido na sociedade: doença e envelhecimento não são iguais. Envelhecimento é um processo normal que ocorre com todos em decorrência da passagem do tempo. Doenças são processos anormais e não ocorrem em todas as pessoas. Isso quer dizer que o ser “envelhecete” passa por um processo natural da vida, sem ter qualquer relação patológica, derrubando-se assim outro mito, o de que doença é igual à velhice.

É importante ressaltar que as pesquisas do Instituto Baltimore dão as diretrizes para a formulação de políticas governamentais em relação ao envelhecimento.

### As pesquisas no Pós em Gerontologia da PUC/SP

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC/SP teve origem no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento (NEPE). Em 27 de novembro de 1996 ocorreu a aprovação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia na PUC/SP (mestrado acadêmico). Hoje, o NEPE é um dos seus grupos de pesquisa. O Programa iniciou suas atividades em agosto de 1997, tendo como objetivo a formação daqueles que encontram no processo de envelhecimento e na velhice, propriamente dita, suas áreas de investigação e docência acadêmica e/ou de atuação profissional. Foi reconhecido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em 13 de julho de 2000, sob o parecer nº 966.

As pesquisas na PUC/SP vêm se desenvolvendo a partir da sua área de concentração: Gerontologia Social. As investigações sobre o processo de envelhecimento e a velhice têm abordado os seguintes temas: memória, educação, corporeidade, espaço urbano, acessibilidade, habitação, políticas sociais, família, relações intergeracionais, saúde, cuidadores, mídia, gênero, etnia/raça, inserção social, demografia, subjetividade, entre outros.

O Programa de Gerontologia da PUC/SP propõe-se a refletir sobre a importância de políticas públicas, sociais e profissionais que atendam o segmento idoso, garantindo a satisfação de suas necessidades essenciais.

O impacto das condições sociais e culturais no envelhecimento populacional e as consequências sociais deste processo fazem parte do campo de estudo do Programa. A formação de pesquisadores e docentes tem se pautado na produção e socialização dos conhecimentos sobre o processo de envelhecimento individual e coletivo em curso no Brasil, a partir, especialmente, da perspectiva das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

O Programa conta com a presença de um corpo docente multidisciplinar e de corpo discente das mais diversas áreas: Ciências Sociais, Humanas e da Saúde. Esta grande diversidade de saberes estimula ainda mais a interdisciplinaridade do Programa. No Curso de Mestrado em Gerontologia da PUC-SP o corpo discente é incentivado a realizar estudos e pesquisas científicas na perspectiva do ser que envelhece. E, para que haja maior abrangência destas, nas mais diversas áreas, é necessária a realização de mapeamentos da produção acadêmica existente até então.

## Metodologia

O presente estudo deu-se por meio da coleta de dados das dissertações dos alunos do Curso de Gerontologia da PUC-SP no período de 2000 a julho de 2007, arquivadas na biblioteca central da universidade. Foram encontradas 171 pesquisas concluídas pelo Programa até 31/7/2007.

O primeiro passo para a concretização desta pesquisa foi a realização da coleta de todos os resumos das dissertações. Eles continham dados de como foi a elaboração da pesquisa, objetivos, metodologia desenvolvida, resultados e discussão a partir da análise dos dados obtidos. Todos os resumos foram estudados e grifados em sua maior significância para a elaboração de um banco de dados. Alguns deles demandaram mais tempo, pois não continham as informações desejadas, como dados referentes a elaboração da pesquisa, objetivos e até mesmo os resultados obtidos pela investigação, obrigando a pesquisadora a se debruçar sobre essas dissertações.

Para a entrada da digitação das informações fechadas e o tratamento estatístico dos dados escolheu-se o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), pois trabalhou-se com perguntas fechadas elaboradas a partir dos resumos das produções acadêmicas. O SPSS é um programa de computador utilizado para executar análises estatísticas,

manipular dados e gerar tabelas e gráficos, a partir dos dados da pesquisa (WAGNER, 2004). Esse programa tem sido utilizado pelos centros de pesquisa com o objetivo de auxiliar nas análises estatísticas dos dados. Optou-se por tal procedimento porque a informática tem sido utilizada em grande escala para tratamento de dados estatísticos de diversas pesquisas (BISQUERRA, 2004). Nesta investigação se utilizou a versão 11.0 do SPSS, cujo banco de dados foi elaborado e alimentado com os seguintes dados coletados:

- 1) Sexo do autor;
- 2) Formação do autor;
- 3) Semestre da defesa;
- 4) Ano da defesa;
- 5) Tema abordado;
- 6) Orientador.

Após esse levantamento, passou-se a agrupar as produções, chegando-se à seguinte classificação:

- 1) Saúde/Patologias/Cuidado;
- 2) Sociedade/Cultura;
- 3) Políticas sociais;
- 4) Educação/Socialização;
- 5) Moradia;
- 6) Comunicação;
- 7) Sexualidade;
- 8) Subjetividades;
- 9) Trabalho;
- 10) Corpo/Atividade física;
- 11) Morte e finitude.

## Resultados

A primeira variável a ser estudada foi “sexo do autor”. Das 171 dissertações defendidas, 140 foram realizadas por mulheres ao passo que 31 por homens, conforme segue:

dissertações defendidas por mulheres	140
dissertações defendidas por homens	31

Tal resultado indica que a feminização do envelhecimento também é percebida naqueles que o estudam, como é o caso da PUC/SP.

Para uma melhor análise dos dados das produções acadêmicas foi analisada a variável “formação do autor” para a identificação da porcentagem de indivíduos das mais variadas áreas dentro do Curso de Gerontologia da PUC/SP. Conforme mostra o quadro 1, pode-se perceber que a grande maioria do corpo discente tem como formação a Fisioterapia com 19,9% (34 indivíduos), seguida de Psicologia com 17% (29 indivíduos), Enfermagem com 14% (24 indivíduos) e Serviço Social com 13,5% (23 indivíduos).

Quadro 1 – Formação do corpo discente, 2000 a julho de 2007.

Formação	Frequência	Porcentagem (%)
Administração	3	1,8
Arquitetura	1	0,6
Artes	3	1,8
Biologia	1	0,6
Comunicação Social	1	0,6
Economia	2	1,2
Educação Física	6	3,5
Enfermagem	24	14,0
Fisioterapia	34	19,9
Fonoaudiologia	2	1,2
Jornalismo	1	0,6
Letras	4	2,3
Matemática	1	0,6
Medicina	9	5,3
Nutrição	5	2,9
Odontologia	1	0,6
Ortótica	1	0,6
Processamento de Dados	1	0,6
Pedagogia	11	6,4
Psicologia	29	17,0
Serviço Social	23	13,5
Terapia Ocupacional	4	2,3
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100,0</b>

A partir do quadro a seguir pode-se notar que nos anos de 2002 e 2003 houve um maior número de defesas de dissertações realizadas comparados com os outros anos da pesquisa. Mas cabe ressaltar que no ano de 2007 foram realizadas 18 defesas apenas no primeiro semestre letivo.

Quadro 2 – Ano da defesa

Ano	Frequência	Porcentagem (%)
2000	10	5,8
2001	12	7,0
2002	29	17,0
2003	29	17,0
2004	20	11,7
2005	25	14,6
2006	24	14,0
2007	18	10,5
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100,0</b>

Conforme o quadro a seguir o subgrupo Saúde/Patologias/Cuidado dispõe a grande maioria, totalizando 48 dissertações (28,1%), seguido de Sociedade/Cultura com 31 defesas (18,1%) e Educação/Socialização com 21 (12,3%). O subgrupo Corpo/Atividade Física é o 4º colocado em número de dissertações, com 17 pesquisas realizadas (9,9%), seguido de Subjetividades com 11 estudos (6,4%), Moradia e Trabalho, cada um com 9 pesquisas realizadas (5,3%), e Sexualidade e Políticas sociais com 8 estudos cada um (4,7%). O subgrupo Comunicação contou com a presença de 3 pesquisas (1,8%) e Morte e Finitude, com 2 dissertações (1,2%).

Quadro 3 – Variável subgrupos temáticos

Subgrupos temáticos	Frequência	Porcentagem (%)
Comunicação	3	1,8
Corpo/Atividade Física	17	9,9
Educação/Socialização	21	12,3
Moradia	9	5,3
Morte e Finitude	2	1,2
Políticas Sociais	8	4,7
Saúde/patologias/cuidado	48	28,1
Sexualidade	8	4,7
Sociedade/Cultura	31	18,1
Subjetividades	11	6,4
Trabalho	9	5,3
<b>Total</b>	<b>171</b>	<b>100,0</b>

### As pesquisas fisioterapêuticas na PUC/SP

Das 171 dissertações defendidas no período de 2000 a julho de 2007, 34 delas (19,9%) foram concluídas por fisioterapeutas, com temas variados, sendo que o subgrupo Saúde/Patologias/Cuidado contou com o maior número de dissertações realizadas (18), as quais abordaram temas diversos que relatavam patologias específicas, sobre o cuidado com o ser adoecido e formas de prevenção e adequação de uma vida saudável.

O subgrupo Corpo/Atividade Física contou com 10 dissertações. Os autores preocuparam-se em estudar as modificações corporais, o relacionamento que o idoso tem com seu próprio corpo e como a atividade física contribui para um melhor envelhecimento. Muitos desses estudos não se contentaram em pesquisar apenas as modificações da imagem decorrente do envelhecimento, mas refletiram sobre ressignificações pessoais e memoriais.

O subgrupo Educação/Socialização contou com 2 pesquisas realizadas por fisioterapeutas, Moradia contou com 1 pesquisa, Comunicação: 1 pesquisa e Sexualidade: 1 dissertação.

## Discussão

A partir deste estudo se nota a grande variedade de alunos que compõem o corpo discente do curso, reafirmando ainda mais a multidisciplinaridade que compõe a Gerontologia. Porém, a profissão que se destaca pelo maior número de alunos é a Fisioterapia.

---

MUITOS FISIOTERAPEUTAS NÃO SE CONTENTARAM COM A VISÃO EXCLUSIVAMENTE FISIOLÓGICA DO SER E BUSCARAM INSERIR SUAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS EM ÁREAS QUE TRABALHEM O ASPECTO CULTURAL, ENTENDENDO O SER NA SUA COMPLEXIDADE.

---

Côrte, Lima e Murta (2003) assinalam que *“a grande demanda pelo Pós em Gerontologia pode ser compreendida pela ótica do mercado, a qual leva o profissional a buscar uma melhor qualificação”*. Um dos motivos que podem explicar o aumento de fisioterapeutas no Curso de Gerontologia é a liberação de vários cursos de Fisioterapia no país, o que acaba por requerer maior número de docentes qualificados para assumirem o papel de formação dos profissionais desta área. Outro fator que as autoras referem é o fato de que *“nem todos os cursos de Fisioterapia ministram disciplinas de Gerontologia Social, por ser uma área nova de conhecimento”*. Assinalam também que a tendência pela procura do curso por parte dos fisioterapeutas

*levou o colegiado do Programa de Gerontologia a incluir em sua grade curricular uma disciplina tratando dos aspectos médicos do envelhecimento, ampliando assim a compreensão da complexidade do ser em processo de envelhecimento.*

O que ocorre é que os fisioterapeutas se deparam diariamente com pessoas cada vez mais idosas. Isso é o que constata a pesquisadora deste estudo em seu dia a dia. Com isso, não basta apenas a competência da área. Uma maior compreensão exige ampliar os horizontes para dar conta desse ser tão complexo, o que potencializa seu conhecimento e, consequentemente, seu cuidado.

Com este mapeamento observamos que o maior número de estudos corresponde aos profissionais da área de Fisioterapia. Por isso esta pesquisa verificou a tendência das dissertações concluídas pelos 34 fisioterapeutas que cursaram o Programa de 2000 a julho de 2007.

Observamos que, muitas vezes, a Fisioterapia limita-se ao aspecto biológico do ser. No entanto, no dia a dia, a corrente biológica não se sustenta por si e cabe ao fisioterapeuta estabelecer conexão entre o biológico e o cultural de cada indivíduo. Muitos fisioterapeutas não se contentaram com a visão exclusivamente fisiológica do ser e buscaram

inserir suas atividades profissionais em áreas que trabalhem o aspecto cultural, entendendo o ser na sua complexidade. São os fisioterapeutas mestres em Gerontologia, que resolveram abrir o leque de diversidades da profissão e ampliaram um novo campo de estudo e trabalho: a fisioterapia gerontológica.

A fisioterapia gerontológica consiste no cuidado humanizado do ser que envelhece, fazendo com que o fisioterapeuta não se atenha apenas à competência de sua área, mas amplie seus horizontes para novos saberes, aderindo a um novo conceito de fisioterapia, com uma visão humanística do ser.

Nota-se a partir desse estudo que os autores de dissertações do subgrupo Saúde/Patologias/Cuidado abordaram os aspectos patológicos mais especificamente, e foram direcionados em vários setores da Fisioterapia como cardiopulmonar, uroginecológico, ortopédico, reumatológico e neurológico, sempre a partir da subjetividade dos sujeitos pesquisados. Tais pesquisas na realidade problematizam conceitos de saúde e doença, e com base nela se insere uma discussão sobre as consequências de se tomar o sujeito como ponto de referência para o estabelecimento da fronteira entre o normal e o patológico, quando o que está em cena é o processo de envelhecimento. Nessa perspectiva as pesquisas indicam que não se deve elevar os velhos à condição de doentes que oneram o Estado, a família e a sociedade, pois eles, como indivíduos e coletividades, são quem possibilita repensar e transformar os valores e os modos de vida que a sociedade atual nos impõe. Assim, a realidade do envelhecimento vai além da dimensão cronológica circunscrita a uma faixa etária e com determinadas doenças.

Dentre as intervenções fisioterapêuticas destaca-se a importância do exercício físico, mesmo quando iniciado após os 60 anos de idade. Elward e Larson (1992), citados por Driusso e Chiarello (2007), assinalam que a realização de atividades físicas reduz as taxas gerais de mortalidade, melhora o condicionamento físico, reduz o número de medicamentos prescritos, previne o declínio cognitivo, realiza manutenção da funcionalidade, reduz a frequência de quedas e fraturas, melhora a autoestima e gera maior longevidade.

A partir daí foram realizadas as dissertações do subgrupo Corpo/Atividade Física. É muito comum a realização de pesquisas realizadas

---

A FISIOTERAPIA GERONTOLÓGICA CONSISTE NO CUIDADO HUMANIZADO DO SER QUE ENVELHECE, FAZENDO COM QUE O FISIOTERAPEUTA NÃO SE ATENHA APENAS À COMPETÊNCIA DE SUA ÁREA, MAS AMPLIE SEUS HORIZONTES PARA NOVOS SABERES, ADERINDO A UM NOVO CONCEITO DE FISIOTERAPIA, COM UMA VISÃO HUMANÍSTICA DO SER.

---

por fisioterapeutas na área, mas, como veremos a seguir, os autores não se basearam apenas na visão biológica ou fisiológica do corpo como a maioria se baseia. Preocuparam-se, também, em investigar os aspectos sociais e culturais.

As produções realizadas no subgrupo Educação/Socialização abordaram a iniciativa de alunos do curso de Fisioterapia e sua interação com idosos. As pesquisas ainda assinalam que os estudantes sequer compreendiam o significado da Gerontologia.

---

A RECONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS DE SAÚDE TAMBÉM ENVOLVE O ENVELHECIMENTO. NÃO PODEMOS RESTRINGIR O ATENDIMENTO E A ATENÇÃO AOS VELHOS APENAS COMO SERES BIOLÓGICOS, MAS INSERIDOS EM MEIO ÀS RELAÇÕES CULTURAIS E SOCIAIS QUE OS CERCAM.

---

Já a dissertação do subgrupo Moradia realizou perfil socioeconômico-cultural dos idosos em uma instituição de longa permanência na cidade de Presidente Prudente (SP); a do subgrupo Comunicação realizou levantamento das notas de falecimento dos jornais de São Paulo, traçando perfil do que é publicado no veículo impresso de comunicação; a dissertação do subgrupo Sexualidade realizou pesquisa sobre a percepção da sexualidade em mulheres na oitava década de vida.

O tema sexualidade ainda não é muito abordado dentro da conduta fisioterapêutica. Existem especializações na área de Urologia e Ginecologia, em que o fisioterapeuta lida com distúrbios ou disfunções sexuais masculinos ou femininos. A partir desta área pequena, mas que tende a crescer cada vez mais, sugere-se a realização de mais estudos que abordem os aspectos funcionais, culturais e sociais, os quais, aliados ao tratamento fisioterapêutico, surtirão efeitos na qualidade de vida das pessoas idosas. Hoje, o público que procura um fisioterapeuta especializado nessa área é predominantemente idoso. A partir disso, deve haver maior comprometimento entre a área de uroginecologia correlacionada aos aspectos do envelhecimento.

### Considerações finais

Traçando o perfil das dissertações realizadas por fisioterapeutas no Programa de Gerontologia da PUC/SP percebe-se a tendência em realizar pesquisas nas áreas de Saúde/Patologias/Cuidado e Corpo/Atividade Física, tendo em vista que a Fisioterapia faz parte da área de Ciências da Saúde e seus profissionais aprendem que devem buscar a adequação da saúde com o idoso. Observamos que muitos dos autores mencionados não expuseram seus trabalhos com a visão extremista e apenas biológica do

ser. A maioria considera o ser como biopsicossocial, o que é de extrema importância para as práticas fisioterapêuticas gerontológicas. Isto é, para o significado do que vem a ser o cuidar.

A reconstrução das práticas de saúde também envolve o envelhecimento. Não podemos restringir o atendimento e a atenção aos velhos apenas como seres biológicos, mas inseridos em meio às relações culturais e sociais que os cercam. Mercadante (2005, p. 27) assinala que a velhice, se analisada somente como sendo uma questão biológica, não revela o seu lado social. A partir do momento em que esta visão é ampliada, as possibilidades de compreensão sobre o envelhecimento aumentam consideravelmente para os profissionais da área de saúde. Dessa forma, a Fisioterapia Gerontológica deve atuar no meio acadêmico e profissional: reconstruir a visão do ser humano, do ser idoso, a partir da resignificação do cuidado.

As pesquisas assinaladas indicam apenas o início de uma longa caminhada que cabe a todos os profissionais da saúde: o cuidado fisiogerontológico que transcende a reabilitação física e abrange o sujeito como um todo em seu processo de envelhecimento. Pois o cuidado fisiogerontológico envolve o sujeito em relação ao seu próprio corpo, em relação ao profissional, em relação a sua família e em relação ao ambiente em que vive. Em outras palavras, procurar o significado da própria presença de um diante do outro (AYRES, 2001).

Falamos aqui da necessidade dos cursos de graduação em Fisioterapia terem em sua grade curricular a disciplina de Gerontologia, mas não aquela que coloca em ênfase, especificamente, as concepções de vida e longevidade abordadas a partir de um ponto de vista estritamente orgânico. As pesquisas indicaram-nos que relacionar a questão da vida e do envelhecimento a aspectos unicamente biológicos significa assumir uma tendência reducionista, fonte de exclusão e sofrimentos para os idosos, ponto de vista corroborado pela pesquisa de Silva (2005), o qual verificou que muitos estudantes tinham ideia errônea sobre a Gerontologia. Indicaram ainda o surgimento de uma outra área emergente, a fisiogerontologia, constitutiva de aspectos técnicos, sociais, políticos, econômicos e psíquicos na reflexão e visualização de encontros terapêuticos que respondam à expansão da longevidade humana, que levem em conta a heterogeneidade, diversidade e singularidade de cada ser.

---

O CUIDADO FISIOPERONTOLÓGICO ENVOLVE O SUJEITO EM RELAÇÃO AO SEU PRÓPRIO CORPO, EM RELAÇÃO AO PROFISSIONAL, EM RELAÇÃO A SUA FAMÍLIA E EM RELAÇÃO AO AMBIENTE EM QUE VIVE. EM OUTRAS PALAVRAS, PROCURAR O SIGNIFICADO DA PRÓPRIA PRESENÇA DE UM DIANTE DO OUTRO (AYRES, 2001).

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- AYRES, J. R. C. M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2001.
- \_\_\_\_\_. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Revista Saúde e Sociedade*, v. 13, n. 3, São Paulo: USP, 2004.
- BEAUVOIR, S. D. *A velhice: a realidade incômoda*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BISQUERRA, R. *Introdução à estatística*. Enfoque informático com pacote estatístico SPSS. São Paulo: Artmed, 2004.
- CÔRTE, B.; LIMA, M. A. X.; MURTA, N. M. G. A diversidade de alunos e pesquisas do pós em gerontologia. *Kairós*, São Paulo, dez. 2003.
- CREFITO-3 – Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª Região – respaldado na Lei n. 6.316, de 17 de dezembro de 1975. Disponível em: <www.crefito3.com.br>. Acesso em: 24 nov. 2007.
- DRIUSSO, P.; CHIARELLO, B. *Fisioterapia gerontológica*. Barueri: Manole, 2007. (Série Manuais de Fisioterapia)
- FREITAS, M. C.; MARUYAMA, S. A. T.; FERREIRA, T. F.; MOTTA, A. M. A. Perspectivas das pesquisas em gerontologia e geriatria: revisão da literatura. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, mar./abr. 2002.
- GADAMER, H. G. *O mistério da saúde: o cuidado da saúde e a arte da medicina*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GREEN, B. S. *Gerontology and the construction of old age: a study in discourse analysis*. Nova York: Walter de Gruyter, 1993.
- GROISMAN, D. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9 (1):61-78, jan./abr. 2002.
- GUCCIONE, A. A. *Fisioterapia geriátrica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.
- GUEDES, S. L. A concepção sobre a família na geriatria e gerontologia brasileiras: ecos dos dilemas da multidisciplinaridade. *Rev. Bras. Ci. Soc.*, v. 15, n. 43, São Paulo, jun. 2000.
- HAYFLICK, L. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- JARDIM, V. C. F. S.; MEDEIROS B. F.; BRITO, A. M. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2006.
- JOÃO, S. M. A. Ética e Fisioterapia. *Revista Brasileira de Fisioterapia da Universidade de São Paulo*, v. 9, n. 2, jul./dez. 2002.
- KAUFFMAN, T. L. *Manual de reabilitação geriátrica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- LIMA, R. A. S. *A construção do envelhecimento*. 2004. Dissertação (mestrado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- LOPES, A. *Os desafios da gerontologia no Brasil*. Campinas: Alínea, 2000.
- MERCADANTE, E. F. Velhice: uma questão complexa. In: CÔRTE, B.; MERCADANTE, E. F.; ARCURI, I. G. *Velhice e envelhecimento/complex(idade)*. São Paulo: Vetor, 2005.
- \_\_\_\_\_. Memórias SESC-SP e PUC-SP: atendimento ao idoso e estudos sobre envelhecimento. In: *Velhices – reflexões contemporâneas*. Edição comemorativa dos 60 anos SESC e PUC São Paulo, 2006.
- NERI, A. L. *Desenvolvimento e envelhecimento – perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*. 2. ed. Papirus: Campinas, 2001.
- \_\_\_\_\_. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp. *Kairós*, São Paulo: Educ, v. 6, n. 1, p. 111-116, jun. 2003.
- \_\_\_\_\_. A formação gerontológica no Brasil. *A Terceira Idade*, São Paulo: SESC, v. 17, n. 35, fev. 2006.
- NERI, A. L.; FREIRE, S. A. *E por falar em boa velhice*. Papirus: Campinas, 2000.
- NETO, E. J.; JACKLE, A.; ISSA, M. H.; PEREIRA, B. T.; SILVA, R. F. V. Des-aprender o que sabe: construindo conhecimento sobre o envelhecimento. *Kairós*, São Paulo, jun. 2003.
- NÓBREGA, A. C. L.; FREITAS, E. V.; OLIVEIRA, M. A. B.; LEITÃO, M. B.; LAZZOLI, J. K.; NAHAS, R. M. et al. Posicionamento oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte e da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia: atividade física e saúde no idoso. *Rev. Bras. Med. Esporte*, 1999.
- PRADO, S. D. O curso da vida, o envelhecimento humano e o futuro. *Textos sobre envelhecimento*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, 2002.
- \_\_\_\_\_. Os periódicos especializados em geriatria e gerontologia no Brasil de 1969 até 2006. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, 2006.
- QUARESMA, M. L. Gerontologia e gerontologia social: contributos para análise de um percurso. *Kairós*, São Paulo, 9 (1), p. 19-42, jun. 2006.
- REBELATTO, J. R.; MORELLI, J. G. S. *Fisioterapia geriátrica: a prática da assistência ao idoso*. 2. ed. Barueri: Manole, 2007.
- REBELATTO, J. R.; BOTOMÉ, S. P. *Fisioterapia no Brasil – perspectivas de evolução como campo profissional e como área de conhecimento*. Barueri: Manole, 1987.
- Relatório CAPES*, 2006.
- SANCHEZ, E. L. Histórico da Fisioterapia no Brasil e no mundo. *Atualização Brasileira de Fisioterapia*, ano II, v. 1, 1984.
- SECCO, C. L. T. *Além da idade da razão: longevidade e saber na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Graphia, 1994.
- SPIRDUSO, W. W. *Dimensões físicas do envelhecimento*. Barueri: Manole, 2005.
- WAGNER, M.B. *SPSS passo a passo: statistical package for the social sciences*. Caixias do Sul: Educ, 2004



# Musicalidade e movimento corporal para adultos e idosos<sup>1</sup>

WANDA PEREIRA PATROCÍNIO<sup>2</sup>

## RESUMO

---

Este artigo apresenta um estudo que possibilitou a criação de um espaço socialmente compartilhado de sensibilização, expressão e autoconhecimento para adultos e idosos por meio da música, da dança e de práticas terapêuticas. Foram desenvolvidos e utilizados a voz e o corpo como recursos estimuladores das emoções individuais, da criatividade e da alegria da criação, do pensamento, da sonoridade, da memória e das lembranças e motivações de canções, da liberdade e plasticidade que o movimento proporciona, e da consciência interna de si mesmo e do outro. O programa realizado neste trabalho desenvolveu vivências temáticas (flores, laços de fitas e saias rodadas) e vivências de autocuidado em saúde, favoráveis à qualidade de vida e ao bem-estar subjetivo de adultos e idosos. Este artigo pretende apresentar reflexões sobre o processo expressivo em dança e movimento e suas contribuições para o envelhecimento saudável.

**Palavras-chave:** qualidade de vida, danças.

## ABSTRACT

---

This article presents a study that led to the creation of a socially shared space of sensibilization, expression and self-awareness for adults and the elderly through music, dance and healing therapies. The study

<sup>1</sup> Esta pesquisa foi realizada com recursos do Fundo de Investimentos Culturais de Campinas (FICC 2006), Secretaria de Cultura – Prefeitura Municipal de Campinas.

<sup>2</sup> Pedagoga graduada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Gerontologia pelo Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Diretora da empresa GeroVida – Arte, Educação e Vida Plena. wanda@gerovida.com.br

developed and used an individual's voice and body to stimulate not only one's individual emotions, creativity and joy of creation, thoughts, sonority and memory, but also one's recollections and motives of songs, freedom and plasticity springing from movement and internal consciousness of self and others. The program undertaken in this study included thematic experiences (flowers, bows of ribbon and hoop skirts), and health self-care experiences to enhance the quality of life and subjective well-being of adults and the elderly. This article presents reflections on the expressive process in dance and movement and its contributions to healthy aging.

**Key words:** dance; quality of life

## INTRODUÇÃO

---

Este texto apresenta um estudo que possibilitou a criação de um espaço socialmente compartilhado de sensibilização, expressão e auto-conhecimento para adultos e idosos, a partir de uma metodologia que integrou linguagem musical e movimento corporal. Foram desenvolvidos e utilizados a voz e o corpo como recursos estimuladores das emoções individuais, da criatividade e da alegria da criação, do pensamento, da sonoridade, da memória e das lembranças e motivações de canções, da liberdade e plasticidade que o movimento proporciona, e da consciência interna de si mesmo e do outro.

Nossa sociedade apresenta dificuldades em lidar com o envelhecimento de seus cidadãos. Na maioria das vezes, a discriminação e o preconceito fazem com que os idosos não se permitam vivenciar sua velhice de forma plena, expressiva e prazerosa. Assim, este texto traz a experiência de um projeto que construiu e favoreceu um espaço de integração, participação e valorização por meio da arte, a qual possibilitou ao adulto maduro e ao idoso a melhoria da autoestima e da sua qualidade de vida, muitas vezes prejudicadas pelo isolamento e pelo desafeto.

O trabalho foi realizado na sede do Núcleo Experimental Teatro de Tábuas, no distrito de Nova Aparecida, município de Campinas-SP, no período de março a maio de 2007. Esta comunidade é constituída por 14 bairros e 24 áreas ocupadas, a maioria destas ainda longe de ser regularizada, desprovidas de saneamento básico e, muitas vezes, com o

agravante de se localizarem em áreas de risco. Esta situação vem se constituindo há aproximadamente 15 anos, em decorrência do agravamento das questões sociais.

As atividades tiveram como foco a capacitação individual e coletiva promovida pela arte. Em linhas gerais, o projeto atendeu três turmas de participantes, com 20 pessoas em cada uma, em que se desenvolveram três vivências diferenciadas em musicalidade e movimento corporal, com a duração de quatro horas cada, e mais dois encontros, um introdutório e outro de encerramento.

Cada vivência teve o seguinte esquema de ação: apresentação, aquecimento, estímulo criativo, evocação, momento de reflexão, aquecimento corporal e vocal, criação coreográfica, partilha, fechamento e relaxamento. Neste texto é apresentado o desenvolvimento do estudo e a discussão dos resultados alcançados.

---

OS ADULTOS MADUROS E IDOSOS, EM GERAL, POSSUEM MUITA VERGONHA DE SEU CORPO E TIMIDEZ PARA COLOCÁ-LO EM MOVIMENTO. NO PRIMEIRO CONTATO DESSAS PESSOAS COM A DANÇA, É IMPORTANTE FAZER COM QUE PERCEBAM QUE EXISTE BELEZA E CAPACIDADE EM SEUS MOVIMENTOS.

---

## Desenvolvimento

### *Encontro introdutório*

No primeiro encontro do projeto houve uma apresentação dos objetivos, da metodologia e do cronograma de atividades, bem como foram oferecidos esclarecimentos sobre as dúvidas dos interessados. Em seguida, cada pessoa se apresentou dizendo o nome, a ocupação e suas expectativas em relação à participação nas atividades. Cada participante preencheu um questionário que continha perguntas sobre: interesse em participar do projeto, saúde percebida, anseios e necessidades de vida, sonhos e expectativas para o futuro, prática de atividade física e bem-estar subjetivo. Além disso, leram e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uma autorização para uso da própria imagem com a finalidade de documentação e divulgação das ações e dos resultados do projeto.

Os adultos maduros e idosos, em geral, possuem muita vergonha de seu corpo e timidez para colocá-lo em movimento. No primeiro contato dessas pessoas com a dança, é importante fazer com que percebam que existe beleza e capacidade em seus movimentos. Assim, trabalhamos com

a técnica da dança interna. Nessa técnica, os participantes começam o trabalho com os olhos fechados, na penumbra do espaço. Coloca-se uma música envolvente e os participantes são orientados a deixar que o movimento venha de dentro, que deixem a música tocar lá dentro da alma e que deixem o corpo se movimentar conforme os sentimentos que vierem a emergir com a música. Não existe regra, nem certo e errado. A única regra é deixar o movimento vir única e exclusivamente pelo sentimento que a música provoca em seu ser. Realizar um trabalho artístico de olhos fechados permite que os participantes possam agir de forma sensível, sem se preocupar com os julgamentos que comumente encontram na sociedade, e aí o corpo vai, flui, movimenta-se livremente, com beleza e graça.

---

REALIZAR UM TRABALHO ARTÍSTICO  
DE OLHOS FECHADOS PERMITE  
QUE OS PARTICIPANTES POSSAM  
AGIR DE FORMA SENSÍVEL, SEM SE  
PREOCUPAR COM OS JULGAMENTOS  
QUE COMUMENTE ENCONTRAM NA  
SOCIEDADE, E AÍ O CORPO VAI,  
FLUI, MOVIMENTA-SE LIVREMENTE,  
COM BELEZA E GRAÇA.

---

### ***Uma sensibilização no universo das flores***

Nessa vivência iniciamos com uma dinâmica de apresentação. Em dupla as pessoas apresentaram-se falando o nome e fazendo um breve relato da história de vida e da experiência artística com dança e música. A dinâmica tem uma duração de 15 minutos. Nesse prazo, uma pessoa fala de si e a outra pessoa apenas escuta e/ou faz perguntas e vice-versa. Ao final, em uma grande roda, todos se apresentam e cada pessoa fala sobre o parceiro que conheceu. Essa dinâmica tem como objetivo trabalhar a memória, pois, ao apresentar a outra pessoa na roda, o participante terá de resgatar da memória o que escutou. Além disso, trabalhamos com concentração e atenção. Segundo Goldfarb (1998, p. 89), “a memória tem o valor da história viva”. Assim, ao trabalhar com essa dinâmica resgatamos a história viva da história de vida de cada participante e contribuimos para sua autovalorização e a valorização aos olhos do grupo.

No segundo momento da vivência, propomos um estímulo criativo: compondo um jardim imaginário, cada pessoa escolhe uma flor que a represente, que tenha um grande significado em sua história de vida. Do trabalho individual parte-se para os trabalhos coletivos, considerando as histórias das flores contadas e o significado do jardim formado. Compõe-se então uma coreografia ou mímica em grupo.

No segundo dia da vivência, os grupos tiveram a oportunidade de organizar e ensaiar a coreografia que iniciaram no encontro anterior, atentando para os detalhes, figurinos e o cenário. Cada grupo fez sua

apresentação para o grupo maior e encerramos o encontro com uma vivência de automassagem e partilha, momento em que cada participante compartilha na roda o processo vivenciado. A automassagem permite aos envolvidos tocar em si mesmos e cuidar de seu próprio corpo, corpo este muitas vezes esquecido e abandonado em nosso cotidiano. Segundo Todaro (2001), o processo de abandono corporal (pelo indivíduo e pela sociedade) pode significar também a perda do Eu corporal e a manutenção do movimento repetitivo como se este fosse único. Participar dessa vivência possibilitou aos participantes a retomada do contato consigo mesmos e com suas histórias de vida.

### ***Nas tramas dos laços de fitas***

Na segunda vivência iniciam-se os trabalhos retomando e fortalecendo o nome e a identidade de cada participante. Em círculo, cada um fala o próprio nome e todos prestam atenção. Com os nomes gravados na memória, cada participante fala o seu e tenta lembrar o nome do companheiro da esquerda e, no sentido inverso, tenta lembrar o nome do companheiro da direita. Após esta dinâmica, propomos um relaxamento para sensibilizar todos os sentidos (tato, olfato, paladar, visão, audição). Além de novamente trabalhar a questão da memória com o exercício dos nomes, a vivência do relaxamento teve como objetivo chamar os participantes a estarem presentes naquele momento, vivenciando aquela experiência e deixando para o lado de fora da sala todas as preocupações da vida particular. Aliás, de modo geral, a regra do projeto foi que as pessoas estivessem concentradas e participantes nas atividades.

Segundo Allegra (2005, p. 113), é importante que,

Sempre que estiver fazendo alguma coisa, concentre-se no que faz. Não se deixe distrair por preocupações, compromissos que tem de cumprir ou outra coisa qualquer. Quando conseguir se concentrar na tarefa que tem pela frente, em vez de ficar perdido em divagações, você descobrirá que sente mais paz de espírito e alegria em tudo o que faz.

Após a vivência de relaxamento, entramos no momento de ambiente reflexivo, em que cada participante recebeu uma fita de cetim para trabalhar o “nó do momento”: cada integrante foi orientado a fechar os olhos

---

A AUTOMASSAGEM PERMITE AOS ENVOLVIDOS TOCAR EM SI MESMOS E CUIDAR DE SEU PRÓPRIO CORPO, CORPO ESTE MUITAS VEZES ESQUECIDO E ABANDONADO EM NOSSO COTIDIANO.

---

---

BUSCARAM NAS LEMBRANÇAS UMA  
CANÇÃO QUE TRADUZISSE AQUELES  
NÓS VIVIDOS OU A ALEGRIA DA  
SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS, OU  
UM TEMPO VIVIDO QUE TIVESSE  
A CARGA DESSE NÓ, TANTO DA  
ALEGRIA QUANTO DA DIFICULDADE.

---

em postura reflexiva. Ao fazer isso, fizeram um nó na fita, ao mesmo tempo em que mentalizaram algo que os estava incomodando naquele momento, mesmo que fosse uma dificuldade simples ou uma pequena tristeza ou preocupação. Com as fitas e seus nós, partimos para o momento de transformação, em que os participantes foram levados a pensar e refletir sobre as formas de realizar a soltura do nó, com a consequente solução para seu problema. Além disso, buscaram nas lembranças uma canção que traduzisse aqueles nós vividos ou a alegria da solução dos problemas, ou um tempo vivido que tivesse a carga desse nó, tanto da alegria quanto da dificuldade.

Um dos grupos atendidos era composto por senhoras com quadro depressivo, que participavam das atividades com encaminhamento da psicóloga do Centro de Saúde do bairro, a qual acompanhou todas as atividades do projeto nessa turma. Nesse grupo específico, a vivência das fitas teve um tratamento diferente, pois o objetivo foi trabalhar a questão da felicidade e da alegria de viver. Trabalhamos com a dinâmica do desenho, em que os participantes receberam uma folha em branco e lápis de cor. De olhos fechados e com a mão contrária à que escrevem, desenharam ou escreveram no papel o seguinte tema: “O que eu tenho de melhor!”. Num segundo momento, em vez de trabalhar o nó do momento, usamos o tema “A felicidade do momento”, em que elas foram levadas a pensar em suas vidas e buscar algo que as deixasse felizes. Entre as várias possibilidades, deveriam escolher apenas um motivo (trabalho, objeto, pessoa, situação, fato) que as fizesse felizes. Escreveram no papel o porquê de terem escolhido aquele motivo específico. Ao final, compartilharam essa experiência, falando sobre o desenho e sobre as escolhas de felicidade.

No segundo dia da vivência das fitas, trabalhamos com respiração, eutonia e uma montagem coreográfica em duplas. Com uma música predefinida, as duplas criaram sequências de movimentos com as fitas, considerando os potenciais que esse recurso proporciona, utilizando-o como um componente de alegria, flexibilidade, leveza e beleza. Ao dançar, exploraram o movimento da fita, levando os significados para o próprio corpo.

Para encerrar essa vivência, trabalhamos com a dinâmica do espelho, que se caracteriza por um trabalho individual, de cada pessoa com o espelho, enquanto os outros ficam na plateia. Ao ritmo de uma música

bem envolvente, a pessoa desfila até chegar ao espelho; de frente para o espelho a pessoa diz o nome, a sua melhor característica como ser humano, movimenta o corpo livremente, sorri e sai. A plateia assiste ao desfile e aplaude no final. Esse trabalho é bastante significativo, pois permite aos participantes ficarem de frente para o espelho e se encarar, reconhecendo dentro de si sua melhor característica. É o inverso do que geralmente acontece com a questão da imagem do idoso no espelho. Segundo Goldfarb (1998, p. 35), olhar-se no espelho é apavorante para os idosos, porque sua imagem aí refletida não corresponde mais à imagem da memória: *“a imagem do espelho antecipa ou confirma a velhice, ao passo que a imagem da memória quer ser uma imagem idealizada que remeta à familiaridade do Eu especular”*.

### ***Na alegria das saias e dos panos***

A última vivência desta experiência teve como objetivo trabalhar a alegria. As pessoas caminharam pelo espaço escutando uma música que remetia a mensagens e situações de alegria e diversão. Enquanto caminhavam e se movimentavam, foi solicitado que pensassem em situações ou fatos alegres ou inusitados. No círculo, cada pessoa contou a situação alegre que aconteceu em sua vida. Trabalhamos com uma parte mais técnica do trabalho de dança: a experimentação de tempo e ritmo, espaço individual e coletivo, níveis de movimento – baixo, médio e alto –, e com a questão do equilíbrio. Feldenkrais (1984) afirma que a qualidade de vida está ligada à qualidade do nosso movimento. Assim, fechar o projeto afinando as técnicas e os movimentos corpóreos pode auxiliar os participantes a melhorar aspectos importantes à qualidade de vida – o movimento fluente, a ação.

Na segunda parte da atividade, cada pessoa contou novamente algum episódio anteriormente relatado. Entre os fatos narrados, escolheram um ou mais para ser transformado na composição coreográfica do grupo. Assim, trabalharam na criação e montagem da apresentação final. No segundo dia da vivência, os participantes retomaram a montagem, ensaiaram e se apresentaram. Encerramos com uma grande roda de dança.

Para Todaro (2001, p. 19), o ato de ensinar a dança trata de dar ao homem a imagem de como sua vida pode ser um movimento harmonioso, livre e alegre: *“Não existe ato mais revolucionário que ensinar alguém*

---

O ATO DE ENSINAR A DANÇA TRATA  
DE DAR AO HOMEM A IMAGEM DE  
COMO SUA VIDA PODE SER UM  
MOVIMENTO HARMONIOSO, LIVRE E  
ALEGRE...

---

*a enfrentar o mundo como ser criador*". Foi sob esta perspectiva que o projeto terminou com uma vivência de dança, movimento e alegria, com o objetivo de que os participantes pudessem levar essa mensagem para suas vidas.

### ***Encontro de encerramento – festa-baile***

No último dia do projeto, realizamos uma avaliação escrita, com reavaliação de algumas questões do questionário inicial, para levantamento dos resultados da pesquisa. Cada participante preencheu um questionário que continha perguntas sobre: se o projeto atendeu as expectativas, aspectos positivos e negativos e se o projeto auxiliou na saúde percebida, na qualidade de vida e no bem-estar subjetivo.

Como em todos os encontros, as vivências e atividades foram fotografadas, as melhores fotos foram selecionadas e foi montada uma projeção dessas imagens, como forma de retornar ao grupo o potencial criativo e artístico de cada um dos participantes. Todos ficaram ávidos por se ver, se reconhecer como membros do grupo, sentiram-se alegres e contemplativos durante a projeção, com comentários e comemorações de conquistas e superação de limites. Após a projeção das imagens e a conversa final, demos início a um baile de encerramento, para o qual todos se embelezaram. Foram apresentados vários ritmos e possibilidades e houve muita diversão. Os idosos puderam colocar em prática movimentos e técnicas aprendidos, bem como continuar experimentando o próprio corpo.

### **Resultados e conclusões**

Em primeiro lugar, o projeto pretendeu otimizar a criatividade, a sonoridade, a espontaneidade e estimular a experimentação de cada participante. O projeto promoveu a ampliação do conhecimento e da capacidade artística dos adultos e idosos. Favoreceu a reflexão e auxiliou no desenvolvimento de pessoas mais sensíveis e criativas. Em segundo lugar, teve como objetivo estimular as emoções individuais, o pensamento e a memória, bem como desenvolver a consciência interna de si mesmo, liberando a afetividade. Após o encerramento das vivências foi perceptível a melhoria na qualidade da educação e do conhecimento artístico dos adultos e idosos, bem como do conhecimento de si mesmos, de suas limitações e potencialidades. Por fim, almejou-se favorecer a alegria da

criação, as lembranças e motivações de canções, a liberdade e a plasticidade que o movimento proporciona. Na avaliação final do projeto, os participantes relataram que houve ampliação do conhecimento artístico, de práticas terapêuticas e do cuidado com o corpo por meio do movimento. Em um grupo específico de mulheres com depressão, a psicóloga relatou que suas pacientes haviam apresentado melhoras no estado de humor.

O Projeto Musicalidade e Movimento Corporal para adultos e idosos, ao longo de três meses, promoveu mudanças qualitativas tais como estimular o pensar em si mesmo e no próprio bem-estar por, pelo menos, duas horas por semana. Alguns idosos relataram que jamais haviam pensado que poderiam criar algo, pois não se achavam capazes, tampouco se imaginavam numa apresentação, mas com os resultados descobriram que estavam errados.

Como preconiza Todaro (2001, p. 81), em nenhum momento as vivências enfatizaram o corpo jovem, pois trabalhamos com a dança de acordo apenas com o movimento, com a música e com os sentimentos, e, nesse caso, é a vivência subjetiva que conta: *“Não se tratou, portanto, de ensinar a rejuvenescer ou a remodelar o corpo, mas sim de expressar-se utilizando o corpo e sua memória do movimento”*.

A seguir apresentamos alguns relatos avaliativos dos participantes do projeto:

*“O projeto promoveu equilíbrio físico e emocional; entrosamento e aprendizagem de vivências em grupo; evolução na expressão corporal”* (Luiz, 42 anos).

*“Eu fiquei mais animada”* (Tereza, 66 anos).

*“O projeto me fez bem, contra a depressão e sinto alegria com a turma”* (Vera, 60 anos).

*“Aspectos positivos do projeto: dança”* (Antônio, 73 anos).

*“Aprendi bastante e gostei”* (Maria, 68 anos).

*“Foi muito ótimo estar aqui no projeto, onde fiquei conhecendo muitas coisas boas”* (Durvalina, 76 anos).

*“Porque tive uma tarde diferente do cotidiano”* (Alaíde, 65 anos).

*“Mais disposição, mais alegria”* (Isabel, 61 anos).

---

*“NÃO SE TRATOU, PORTANTO, DE ENSINAR A REJUVENESCER OU A REMODELAR O CORPO, MAS SIM DE EXPRESSAR-SE UTILIZANDO O CORPO E SUA MEMÓRIA DO MOVIMENTO”*

---

“Eu era uma pessoa acanhada, me soltei mais, estou falando mais alto” (Marinalva, 67 anos).

“Aprendi bastante, eu consegui ficar menos tímida. Gostei dos exercícios que fizemos, gostei das peças que encenamos” (Neusa, 57 anos).

Com estas frases e com os resultados alcançados com este projeto podemos concluir, corroborando Leal e Haas (2006), que por meio da dança e do movimento corporal é possível resgatar lembranças, sensações e sentimentos que acompanham os participantes em toda sua história de vida, proporcionar prazer, felicidade, satisfação, alegria e realização.

A dança e o movimento corporal permeado pela musicalidade são instrumentos importantes na vida dos participantes, por proporcionar-lhes aumento do bem-estar físico, social e psicológico. Essa prática é benéfica para a saúde, trazendo satisfação pessoal, superação de limites e desenvolvimento de potencialidades e capacidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALLEGRA, Suzy. *Alegria e vitalidade, não importa a idade: ficando melhor, não apenas mais velho!* Tradução: Denise de C. Rocha Delela. São Paulo: Cultrix, 2005.
- FELDENKRAIS, M. *Vida e movimento*. São Paulo: Summus, 1984.
- GOLDFARB, Delia C. *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo: Editora do Psicólogo, 1998.
- LEAL, Indara Z.; HAAS, Aline N. O significado da dança na terceira idade. *RBCEH – Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, Passo Fundo, 64-71, jan./jun. 2006.
- TODARO, Mônica de A. *Dança: uma interação entre o corpo e a alma dos idosos*. 2001. Dissertação (mestrado) em Gerontologia – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

---

- CAMARANO, Ana A. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro: IPEA, 2004.
- \_\_\_\_\_. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. (Orgs.) *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p. 58-71.
- \_\_\_\_\_. *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

- CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, n. 13, p. 725-733, 2003.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.
- NERI, Anita L. Bienestar subjetivo en la vida adulta y en la vejez: rumbo a una psicología positiva en América Latina. *Revista Latinoamericana de Psicología*, v. 43 (1-2), p. 55-74, 2002.
- OMS – World Health Organization. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução: Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.
- PATROCINIO, Wanda P. *Cooperativas populares: representações sociais, trabalho e envelhecimento*. 2005. Dissertação (mestrado) em Gerontologia – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. *Campinas – inclusão/exclusão social*. 2004.
- SUGAHARA, Gustavo T. L. O perfil do idoso brasileiro. *Kairós*, São Paulo: EDUC, v. 8, n. 2, 2005.



APPALTO

89,99



Pho lo...  
In...  
...

# Iniciativas socioeducativas para a promoção do envelhecimento saudável – projeto gerodia: saúde, bem-estar e educação no envelhecimento

KARINA DE LIMA FLAUZINO<sup>1</sup>

FLÁVIA RENATA FRATEZI<sup>2</sup>

HENRIQUE SALMAZO DA SILVA<sup>3</sup>

## RESUMO

---

Favorecer a divulgação de informações a respeito do processo de envelhecimento saudável é uma das iniciativas preconizadas pelo Estatuto do Idoso, pela Política Nacional do Idoso e pela Política do Envelhecimento Ativo da Organização Mundial da Saúde (OMS). Tais documentos garantem ao idoso a ampliação da participação social e o autogerenciamento da saúde. O presente artigo tem como objetivos descrever os resultados de uma intervenção socioeducativa realizada no município de Salto/SP, em comemoração ao Dia Internacional e Nacional do Idoso no ano de 2008, e apresentar uma reflexão sobre a atuação do bacharel em Gerontologia como agente multiplicador de informações sobre o envelhecimento saudável. A atividade de intervenção, denominada Projeto GERODIA – Saúde, Educação e Bem-Estar no Envelhecimento, foi organizada e coordenada por três gerontólogos e contou com a participação de 119 pessoas. Os temas abordados na atividade foram: envelhecimento saudável e saúde na velhice; envelhecimento cognitivo e estratégias para otimizar a memória no dia a dia; e os direitos da pessoa idosa e sua participação nos Conselhos Municipais do Idoso. Ao final das atividades, conclui-se que a intervenção permitiu a difusão de informações sobre o processo de envelhecimento e a velhice e, ainda, possibilitou a mobilização da Sociedade Civil para a troca de saberes sobre o tema.

**Palavras-chave:** gerontologia, educação, envelhecimento da população

<sup>1</sup> Gerontóloga e bacharel em Gerontologia pela Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).  
ka\_lf@hotmail.com

<sup>2</sup> Gerontóloga e bacharel em Gerontologia pela Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP).  
flaviafratezi@gmail.com

<sup>3</sup> Gerontólogo e bacharel em Gerontologia pela Universidade de São Paulo – Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH/USP); mestrando em Saúde Pública pela USP.  
henriquesalmazo@yahoo.com.br

## ABSTRACT

---

Promote the dissemination of information regarding the process of healthy aging is one of the initiatives recommended by the Statute of the Elderly, the National Policy for the Elderly and the Active Ageing Policy of the World Health Organization (WHO). These documents allow elderly people to increase their social participation and self-manage their health. This article aims not only to describe the results of a socio-educational intervention carried out in the city of Salto (Sao Paulo) in commemoration of the International and National Day of the Elderly in 2008, but also to reflect on the roles of gerontology graduates as multipliers of information on healthy aging. The intervention activity, called GERODIA Project - Health, Education and Well-being in Aging, was organized and coordinated by three gerontologists, with the participation of 119 people. The following themes were addressed in the activity: healthy aging and health in old age; cognitive aging and strategies for the optimization of memory on daily basis; and the rights of the elderly and their participation in the municipal councils for the elderly. At the end of activities, a conclusion was reached that the intervention not only allowed the dissemination of information about the aging process and old age, but also mobilized civil society to exchange knowledge on the subject.

**Key words:** gerontology; education; population aging

## INTRODUÇÃO

---

Em razão do acelerado processo de envelhecimento observado tanto no Brasil quanto em outros países em desenvolvimento, torna-se fundamental garantir oportunidades para que o envelhecimento seja um processo assistido e bem-sucedido, favorecendo ao idoso a participação social, o autogerenciamento da saúde e a prevenção de incapacidades (FLECK, CHACHAMOVICK e TRENTINI, 2003; NERI, 2007).

Envelhecer com saúde e qualidade de vida é um processo que deve ser facilitado pelas políticas públicas e pela possibilidade de acesso aos serviços sociais e de saúde ao longo do curso de vida. Entre as políticas destinadas aos idosos, a Política do Envelhecimento Ativo proposta pela

Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005, p. 13) estabeleceu recomendações para a promoção do envelhecimento ativo, descrevendo-o como um processo de *“otimização das oportunidades de saúde, participação de segurança com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas”*.

Consonante à política mencionada, a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso também sugerem a necessidade de aumentar as oportunidades de serviços para que os indivíduos possam autogerenciar sua saúde e optar por estilos de vida mais saudáveis.

Essas políticas reforçam que a educação é um dos instrumentos que propiciam ao indivíduo alcançar o envelhecimento ativo. Nesse âmbito, considera-se que a educação permanente é um meio eficaz para a valorização do idoso na sociedade, como um cidadão participativo.

Dentro desta perspectiva, a gerontologia educacional é um campo interdisciplinar que abrange a área educacional destinada aos idosos, fomentando a discussão sobre quais conteúdos e formatos de educação devem ser empregados. Assim, configura-se como uma tentativa de aumentar e aplicar os conhecimentos sobre a educação e o envelhecimento, visando melhorar a vida dos idosos.

Em sua definição, a gerontologia educacional inclui três aspectos fundamentais e interdependentes: 1) educação para idosos, que corresponde à elaboração de programas educacionais em conformidade com as necessidades específicas desse grupo etário; 2) educação para a população em geral sobre a velhice e os idosos, a fim de desmistificar conceitos negativos das gerações mais jovens sobre a velhice e dos idosos sobre o seu processo de envelhecimento; e 3) formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos, por meio de capacitação de profissionais e da formação de pesquisadores (PETERSON, 1990, *apud* CACHIONI e PALMA, 2006).

Partindo do pressuposto de que as intervenções socioeducativas são um instrumento de trabalho para a gerontologia educacional, valorizam o conhecimento prévio dos indivíduos e almejam ampliar as informações sobre os fatores que integram seu cotidiano, tais iniciativas são um convite para a Sociedade Civil e os profissionais que atuam com a população idosa refletirem acerca dos aspectos biopsicossociais do envelhecimento.

---

A GERONTOLOGIA EDUCACIONAL É UM CAMPO INTERDISCIPLINAR QUE ABRANGE A ÁREA EDUCACIONAL DESTINADA AOS IDOSOS, FOMENTANDO A DISCUSSÃO SOBRE QUAIS CONTEÚDOS E FORMATOS DE EDUCAÇÃO DEVEM SER EMPREGADOS.

---

---

AS INFORMAÇÕES PODEM PROPICIAR  
A CONSTRUÇÃO DE UMA VELHICE  
MAIS DIGNA, TRATANDO DE TEMAS  
QUE ENVOLVEM A SAÚDE, A  
AUTONOMIA, PROJETOS DE VIDA E O  
BEM-ESTAR DAS PESSOAS IDOSAS.

---

Alguns autores, como Neri e Cachioni (1999), preconizam que as oportunidades educacionais são importantes antecedentes de ganhos evolutivos na velhice, uma vez que promovem o aperfeiçoamento pessoal, intensificam os contatos sociais e a troca de vivências e de conhecimentos.

Acredita-se que as informações veiculadas nessas atividades sejam incorporadas pelo indivíduo idoso, intensificando o processo de mudanças comportamentais e de atitudes sobre os determinantes que afetam sua vida. Dessa forma, as informações podem propiciar a construção de uma velhice mais digna, tratando de temas que envolvem a saúde, a autonomia, projetos de vida e o bem-estar das pessoas idosas. Ainda, as atividades socioeducativas para idosos objetivam oferecer-lhes a oportunidade de atualização e aquisição de novos conhecimentos, possibilitando o desenvolvimento de suas potencialidades e contribuindo para a compreensão e assimilação do processo de envelhecimento (CACHIONI e PALMA, 2006).

Tendo em vista os dados apresentados, este artigo busca descrever a atividade de intervenção denominada Projeto GERODIA – Saúde, Educação e Bem-Estar no Envelhecimento, organizada e coordenada por três gerontólogos e que teve como objetivos: a) realizar atividades socioeducativas sobre o processo de envelhecimento saudável, tendo como perspectiva a promoção da saúde; e b) refletir sobre a atuação do gerontólogo como agente multiplicador de informações acerca do envelhecimento saudável e da velhice.

### Método

O Projeto GERODIA tratou-se de um estudo de intervenção, desenvolvido e coordenado por três estudantes do Curso de Graduação em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. O objetivo do Projeto GERODIA, organizado para a comemoração do Dia Internacional e Nacional do Idoso, consistiu em veicular informações a respeito do processo de envelhecimento, favorecendo a transmissão de conhecimento sobre o tema, por meio de atividades socioeducativas direcionadas aos idosos, à população em geral e aos profissionais que lidam com o segmento idoso.

A intervenção, que ocorreu em um Centro de Convivência no município de Salto, interior de São Paulo, e teve duração de uma tarde, reuniu cerca de 119 pessoas. Para viabilizar seu desenvolvimento, realizaram-se três atividades socioeducativas, as quais enfocaram os aspectos biológico, psicológico e social do processo de envelhecimento, conforme descrito a seguir:

- 1) palestra **“Como vai sua saúde?”**, com o objetivo de incentivar discussões sobre a saúde na velhice entre os participantes, contemplando questionamentos relacionados ao alcance do envelhecimento saudável pela população;
- 2) oficina **“Conversando sobre a memória”**, com a finalidade de transmitir conhecimentos sobre a memória no envelhecimento. Nessa atividade, foram aplicadas dez questões do Questionário de Autopercepção da Memória (MIA) e houve a execução da Tarefa da Prancha de Agrupamento de itens da lista de supermercado;
- 3) discussão **“Conversando sobre seus direitos: saber é interagir!”**, com o intuito de discutir as diretrizes do Estatuto do Idoso e as deliberações, atuação e divulgação dos trabalhos desenvolvidos pelo Conselho Municipal do Idoso entre a população saltense.

Adicional às atividades, os idosos participantes do Centro de Convivência foram convidados a realizar apresentações de dança e canto na abertura e no encerramento do projeto, incentivando a participação e a socialização entre os presentes.

A divulgação do projeto no município foi realizada por meio de panfletos, cartazes e veiculação nos principais meios de comunicação, incluindo jornais e rádio atuantes no município. O projeto foi apoiado e financiado por associações, estabelecimentos e comércios locais. Na recepção dos participantes, foram distribuídos folhetos educativos com informações a respeito da saúde em geral e das atividades a serem desenvolvidas.

## Resultados e Discussão

Entre os participantes, 73,9% eram idosos, com idade média de 64 anos. Em relação ao sexo, 11% (N=13) eram homens e 89% (N=106) eram mulheres.

---

PARA VIABILIZAR SEU  
DESENVOLVIMENTO, REALIZARAM-SE  
TRÊS ATIVIDADES SOCIOEDUCATIVAS,  
AS QUAIS ENFOCARAM OS ASPECTOS  
BIOLÓGICO, PSICOLÓGICO E SOCIAL  
DO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

---

Na primeira atividade realizada, “*Como vai sua saúde?*”, os participantes foram estimulados a responder em duplas a quatro questões:

- a) Levando em consideração o conceito de saúde apresentado, em sua opinião, o que é ter uma boa saúde?
- b) É possível ter uma velhice saudável? Como?
- c) Na sua opinião, quais seriam os critérios que definem se uma pessoa é saudável ou não?
- d) O que é preciso fazer para se ter boa saúde?

---

A ATIVIDADE RELACIONADA À SAÚDE FOI FINALIZADA COM UMA REFLEXÃO CRÍTICA DOS PRÓPRIOS PARTICIPANTES SOBRE A QUESTÃO DE A VELHICE SER ENCARADA, MUITAS VEZES, COMO UMA FASE DE PERDAS.

---

A divisão dos participantes em duplas para a elaboração das respostas às perguntas favoreceu a integração social e propiciou discussões que foram ampliadas para todos os participantes. De acordo com os depoimentos colhidos na atividade, alcançar o envelhecimento saudável resulta de cuidados com a saúde durante todo o ciclo vital. Os participantes também referiram que o estilo de vida é um dos determinantes para alcançar a velhice bem-sucedida, como alimentação, relações sociais, atividade física, acesso aos serviços de saúde, bem-estar e manutenção das atividades mentais.

A atividade relacionada à saúde foi finalizada com uma reflexão crítica dos próprios participantes sobre a questão de a velhice ser encarada, muitas vezes, como uma fase de perdas. Sobre este assunto, segundo Debert (1996), as representações sociais na velhice podem ser transformadas a partir de debates que visam rever os estereótipos negativos vinculados a essa fase da vida, oferecendo espaços para que o envelhecimento bem-sucedido possa ser vivenciado coletivamente. Neste sentido, a velhice deixa o caráter de perdas e pode acumular experiências e saberes que propiciam aos mais velhos estabelecer novas relações com os mais jovens.

Na oficina “*Conversando sobre a memória*”, os participantes esclareceram dúvidas em relação às mudanças ocorridas com a memória no envelhecimento e foram convidados a relatar suas principais queixas de memorização no dia a dia. Assim, as queixas prevalentes incluíram: perda de objetos e ou esquecimentos quanto a localização, dificuldades em gravar e lembrar números de telefones, nomes de pessoas conhecidas e que acabou de conhecer, listas de compras e recados.

Após a discussão sobre as alterações cognitivas que ocorrem ao longo do envelhecimento, foram apresentadas aos participantes algumas estratégias para potencializar a memória no cotidiano, a saber:

- a) categorização dos itens de uma lista por graus de afinidade, por exemplo: grupo de produtos de limpeza, itens alimentícios, roupas, entre outros;
- b) visualização e criação de imagens mentais, destacando as cores, a forma, o movimento e as características visuais dos objetos;
- c) uso de estratégias de memorização externas, como calendários, bilhetes, agendas e recados.

Em seguida, os participantes foram solicitados a preencher o Questionário de Autopercepção da Memória (MIA) e realizar uma tarefa de memorização que solicitava o agrupamento de itens de uma lista de supermercado (YASSUDA, LASCA e NERI, 2005). Essas atividades permitiram a aplicação dos conhecimentos adquiridos e, também, subsidiaram as discussões sobre as possibilidades de plasticidade cognitiva na velhice.

Na atividade final do Projeto GERODIA, *“Conversando sobre seus direitos: saber é interagir!”*, explanou-se a respeito da organização do Estatuto do Idoso para o público, ressaltando os capítulos e os temas correspondentes. Além disso, foi discutido sobre as deliberações de um Conselho do Idoso, destacando o trabalho desenvolvido pelo Conselho Municipal do Idoso aos municípios saltenses.

Os participantes dessa atividade obtiveram a oportunidade de conhecer, discutir e esclarecer dúvidas relacionadas aos temas abordados no Estatuto do Idoso. Notou-se que muitos participantes desconheciam o documento, mesmo relatando tê-lo em seus domicílios, o que sugere a ausência de informações explicativas e educativas sobre a finalidade e o conteúdo do Estatuto à população idosa. Os temas levantados em relação ao Estatuto foram: a questão dos maus-tratos contra idosos, o direito de transporte gratuito, aposentadoria e benefícios sociais.

Destaca-se que o tema mais discutido entre os participantes referiu-se aos procedimentos de denúncias de maus-tratos contra idosos e a função do Conselho Municipal do Idoso (CMI) perante a situação. Apesar dos esforços realizados no município, as iniciativas do CMI precisam do incentivo e da participação ativa dos idosos, reivindicando os direitos e a criação de serviços para a população.

---

OS TEMAS LEVANTADOS EM  
RELAÇÃO AO ESTATUTO FORAM: A  
QUESTÃO DOS MAUS-TRATOS CONTRA  
IDOSOS, O DIREITO DE TRANSPORTE  
GRATUITO, APOSENTADORIA E  
BENEFÍCIOS SOCIAIS.

---

---

AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PERMITIRAM ANALISAR QUE ATIVIDADES EDUCATIVAS RELACIONADAS AO ENVELHECIMENTO SE TORNAM BEM-SUCEDIDAS QUANDO LEVAM EM CONSIDERAÇÃO OS INTERESSES E AS NECESSIDADES DO PÚBLICO IDOSO, TENDO COMO PONTO DE PARTIDA A HISTÓRIA DE VIDA, AS EXPERIÊNCIAS E OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS INDIVÍDUOS.

---

Torna-se relevante, neste sentido, a realização de atividades voltadas à discussão de conceitos como cidadania, direitos e deveres, pois estimulam os idosos a procurarem seus direitos e reivindicarem dos órgãos públicos destinados ao segmento idoso que a lei seja efetivamente praticada, fazendo valer a participação como cidadãos.

### Considerações Finais

Com base nos dados apresentados, percebeu-se que o Projeto GERODIA foi um espaço para difundir informações sobre o processo de envelhecimento e a velhice e, ainda, possibilitou a mobilização da Sociedade Civil para a troca de saberes sobre os temas abordados. Portanto, intervenções socioeducativas como essa colaboram para que o envelhecimento ativo seja gradativamente compreendido como um compromisso social tanto do Poder Público quanto da Sociedade Civil.

Propõe-se que nos próximos eventos do Projeto GERODIA – Saúde, Educação e Bem-Estar no Envelhecimento atividades distintas sejam direcionadas a três públicos: profissionais que atuam com o segmento idoso, população em geral e população idosa, considerando a especificidade de cada grupo e o emprego de diferentes metodologias.

As atividades desenvolvidas permitiram analisar que atividades educativas relacionadas ao envelhecimento se tornam bem-sucedidas quando levam em consideração os interesses e as necessidades do público idoso, tendo como ponto de partida a história de vida, as experiências e os conhecimentos prévios dos indivíduos.

Neste sentido, os gerontólogos são profissionais que possuem competências e habilidades para desenvolver atividades educativas que envolvem informações sobre o processo de envelhecimento e sobre a velhice, com maior possibilidade de reconhecer a heterogeneidade dos idosos e de integrar temas que envolvem a qualidade de vida e o bem-estar da população longeva.

Para alcançar as metas preconizadas pelo Estatuto do Idoso e pela Política do Envelhecimento Ativo, a atuação dos gerontólogos como agentes multiplicadores de informações para as pessoas idosas e para a população que envelhece pode favorecer o reconhecimento da velhice

como uma etapa da vida que pode ser vivida com satisfação e o engajamento do Poder Público com vistas a garantir que o envelhecimento seja um processo orientado, cuidado e vivenciado de forma digna.

É preciso, ainda, que os serviços e os profissionais que atuam com a população idosa possam efetivamente criar uma rede de atenção aos idosos, destacando que o gerontólogo não apenas assume o papel de multiplicador dos conhecimentos relacionados ao envelhecimento, mas também enfatiza o envelhecimento como um forte compromisso social incorporado à profissão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/l8842.htm>>. Acesso em: 18 mar. 2008.
- \_\_\_\_\_. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm)>. Acesso em: 18 mar. 2008.
- CACHIONI, M. *Envelhecimento bem-sucedido e participação numa universidade para terceira idade: a experiência da Universidade São Francisco*. 1998. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CACHIONI, M.; PALMA, L. S. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e o idoso. In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. p. 1.456-1.465.
- DEBERT, G. G. *A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas*. XX Encontro Anual da ANPOCS, 22 a 26 de outubro de 1996. Caxambu, MG. (GT: Cultura e Política)
- FLECK, M. P. A.; CHACHAMOVICK, E.; TRENTINI, C. M. Projeto WHOQOL-OLD: método e resultados de grupos focais no Brasil. *Rev. Saúde Pública*, v. 37, n. 6, p. 793-799, 2003.
- FREITAS, E. V.; KOPIILLER, D. Atividade física no idoso. In: FREITAS, E. V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. cap. 58.
- NERI, A. L. Qualidade de vida na velhice e subjetividade. In: NERI, A. L. (Org.). *Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar*. Campinas: Alínea, 2007. cap. 1, p. 13-59.
- NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. p. 113-140.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília/DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. p. 62.
- YASSUDA, M. S.; LASCA, V. B.; NERI, A. L. Metamemória e auto-eficácia: um estudo de validação de instrumentos de pesquisa sobre memória e envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 18, n. 1, p. 78-90, 2005.



# Imagens da velhice asilada: um percurso metodológico embasado em fotografias

KATIA RICCI DOS SANTOS<sup>1</sup>

MARGARETH BRANDINI PARK<sup>2</sup>

## RESUMO

---

O objetivo deste artigo é descrever e refletir sobre o percurso metodológico do estudo *Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários*, realizado na Faculdade de Educação da Unicamp, em Gerontologia. O estudo priorizou como recurso metodológico as fotografias do acervo oficial do Asilo São Vicente de Paulo em Atibaia-SP, para analisar como pessoas envolvidas com o universo asilar constroem a história do asilo e as suas histórias de vida a partir dos vínculos institucionais. Elaboraram-se categorias temáticas construídas pelos discursos imagéticos e, posteriormente, foram analisadas as escolhas individuais dos participantes e a escolha por segmento – moradores, gestores e voluntários –, além das narrativas produzidas dessas escolhas, assim como as imagens excluídas. Conclui-se que o planejamento metodológico embasado em fotografias permite identificar formas de pensamentos que incitam a pessoa a nomear ou excluir imagens que carregam significados pessoais de sua história de vida e estimula o sujeito a falar de informações além daquelas retratadas na imagem. O método deve ser planejado e testado em outros estudos, uma vez que se mostrou um excelente instrumento a ser utilizado quando os recursos verbais tradicionais não têm alcance.

**Palavras-chave:** fotografia, pesquisa, memória, história oral.

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Gerontologia pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, professora do Curso de Especialização em Psicoterapias de Orientação Psicanalítica da Universidade Federal de São Carlos e professora das Faculdades Atibaia. [katiariccisantos@gmail.com](mailto:katiariccisantos@gmail.com)

<sup>2</sup> Pedagoga, Doutora em Educação e pesquisadora do Centro de Memória, ambos na Unicamp, escritora, autora e organizadora de vários livros focalizando memória, cultura, comunidades, projetos educativos na cidade e relações intergeracionais. [margareth.park@gmail.com](mailto:margareth.park@gmail.com)

## ABSTRACT

---

This article aims to describe and reflect on the methodological approach of the study entitled “Images and narratives of a long-term care institution and nursing home from the perspectives of elderly residents, managers and volunteers”, conducted at the College of Gerontology Education at the University of Campinas (UNICAMP). The study placed emphasis on the use of photographs from the official collection of the São Vicente de Paulo nursing home in Atibaia (Sao Paulo) as a methodological resource to analyze how people’s involvement with the universe of nursing homes affect the nursing homes and how their lives are also affected by that involvement. The study developed thematic categories based on the image discourses and then analyzed the participants’ individual choices, the choices by segment (residents, managers and volunteers) and the narratives resulting from these choices, as well as the images that were excluded. The study concluded that the methodological approach based on photographs permits the identification of ways of thinking that encourage a person to create or exclude images that carry the personal meanings of their life stories and encourage the subject to share information beyond what is included in the images. This methodological approach should be planned and tested in other studies, since it has shown to be an excellent tool to use when traditional verbal resources are not effective.

**Key words:** photograph; long-term care institutions - research-SP; memory; oral history

## INTRODUÇÃO

---

O presente artigo apresenta o percurso metodológico realizado no estudo *Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários* (SANTOS, 2007). Essa pesquisa se propôs a analisar como pessoas envolvidas com o universo asilar constroem a história do asilo e as suas histórias de vida a partir dos vínculos institucionais, estimulados por imagens do acervo oficial da instituição. A pesquisadora analisou as escolhas individuais dos participantes e a escolha por segmento – moradores,

gestores e voluntários –, além das narrativas produzidas dessas escolhas, assim como as imagens excluídas, apresentando reflexões sobre o envelhecimento institucionalizado e tornando conhecido o que vê e pensa o idoso asilado sobre seu lugar de moradia e os vínculos ali construídos.

O aprofundamento de uma temática tão pouco conhecida, como a historicidade das instituições asilares e a história de vida das pessoas envolvidas com o asilo, requereu pensar sobre os recursos metodológicos que diminuíssem as dificuldades existentes na coleta de informações conhecendo os recursos documentais existentes (tais como, fotografias, atas e recortes de jornais) e o repertório de vida (as memórias) dos sujeitos envolvidos.

A preocupação maior foi criar condições favoráveis para que o idoso morador se sentisse seguro para falar sobre a instituição e o local de moradia de forma tranquila e sincera. Os demais participantes, gestores e voluntários, demonstraram menos bloqueios para participar da pesquisa.

Segundo observação de Bulla e Mediondo (2004), em pesquisa desenvolvida na cidade de Porto Alegre com idosos institucionalizados, o morador pode sentir temor, desconfiança e insegurança ao exprimir suas opiniões sobre a instituição. Eles não se sentem em seus lares, onde seriam sujeitos de suas ações, e, portanto, manifestam uma aceitação à contingência de cumprir normas e regras impostas pela instituição, sem reação de contrariedade.

Alcântara (2004) descreve que, para a realização das entrevistas com idosos asilados, é necessária uma aproximação lenta para o estabelecimento de um vínculo de confiança, a consideração dos horários de realização dos encontros em concordância com as atividades de vida diária desses moradores e o respeito ao ritmo do entrevistado, considerando o cansaço do depoente e o tempo de espera e de silêncio quando o idoso evita uma recordação dolorosa.

Os apontamentos feitos pelas autoras referidas anteriormente também foram observados nesta pesquisa. Enfatiza-se que o uso da fotografia foi um instrumento facilitador que promoveu a aproximação e aceitação dos sujeitos em participar. As imagens produziram pensamentos e incitaram os sujeitos a “mergulhar” em sua história de vida e história asilar e estimularam a nomeação ou exclusão de imagens que carregavam significados do repertório de vida.

---

AS IMAGENS PRODUZIRAM PENSAMENTOS E INCITARAM OS SUJEITOS A “MERGULHAR” EM SUA HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA ASILAR E ESTIMULARAM A NOMEAÇÃO OU EXCLUSÃO DE IMAGENS QUE CARREGAVAM SIGNIFICADOS DO REPERTÓRIO DE VIDA.

---

**3** Segundo Thiollent (1986), a pesquisa-ação é uma pesquisa social que associa ação e resolução de um problema coletivo. O pesquisador e os participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo na busca de compreensão das situações investigadas. À medida que o conhecimento é gradativamente construído, ele é compartilhado e divulgado para promover maior conscientização do local ou grupo pesquisado.

**4** A autora, em sua dissertação de mestrado, intitulada Retratos da velhice um duplo percurso: metodológico e cognitivo (2003), e no artigo “Imagens de velhice, imagens da infância: formas que se pensam”, escrito em parceria com Samain (2006), analisa que toda imagem, com as palavras ou na ausência de palavras, carrega e veicula um pensamento. Outro entrelaçamento importante é que a fala de aspectos que estão presentes na memória (verbalizações), mas que não estão presentes na imagem, deixa aflorar recordações mais profundamente escondidas nas camadas da memória. Portanto, por meio da imagem e de suas polissemias produzem-se lembranças, reminiscências e esquecimentos de ordem temporal, espacial e temática.

**5** O período de cinco anos ou mais, definido como um critério para que o idoso residente, o voluntário e o gestor participassem como sujeitos da pesquisa, foi entendido como fundamental para uma análise mais acurada sobre o sentimento de pertencimento ou não do indivíduo ao local pesquisado. Além de ter vivido um período de mudanças institucionais ocorridas a partir de 2001, após denúncias de maus-tratos registradas na Procuradoria de Justiça e nos conselhos estaduais e municipais.

## Percurso metodológico

Para alcançar o objetivo deste estudo foi utilizada uma abordagem qualitativa. Especificamente, foi aplicado o método proposto pelo sociólogo Thiollent (1986), a pesquisa-ação<sup>3</sup>, juntamente com conjuntos fotográficos associados à história oral. Baseando-se em Bruno (2003)<sup>4</sup>, partiu-se da imagem como uma forma de pensamento, isto é, houve a preocupação com os pensamentos que se estruturam antes mesmo de os sujeitos fazerem suas escolhas e as exclusões das imagens.

Nesta pesquisa o sujeito não trabalhou com um acervo conhecido e pessoal, mas com um acervo oficial que lhe incita a pensar sua história a partir de imagens que nomeia como significativas ou exclui do seu repertório de vida. O estudo usou prioritariamente a fotografia como um recurso metodológico assumido para além de um detonador de memória e que possibilita a maneira de ver e pensar a história pessoal e institucional de cada sujeito e de cada segmento dentro de um contexto de imagens. Foi uma tentativa de avançar no entendimento do funcionamento da memória histórica e um esforço metodológico de compreender o uso da fotografia para além de um suporte da narrativa, analisando a imagem com os seus recursos próprios: o que o sujeito lembra ou exclui da sua história, a partir do que vê na fotografia.

### *Sujeitos e formação dos segmentos:*

O ponto de partida foi listar os sujeitos que poderiam participar do estudo e que correspondiam aos critérios de inclusão: estar há mais de cinco anos na instituição<sup>5</sup> e ter as funções cognitivas e a acuidade visual preservadas. Nessa lista constavam seis gestores, quatro voluntários e seis moradores. Um dos gestores não concordou em participar dentro da proposta da pesquisa, isto é, seguindo o roteiro de apresentação das fotos e autorizando a gravação da entrevista; os demais aceitaram participar prontamente.

O segmento morador envolveu um processo mais lento. Houve um período de espera até que alguns moradores compreendessem a importância de a pesquisa conter sua visão e lembranças da instituição. Dos seis sujeitos propostos inicialmente, dois deles, Sr. Benedicto e Dona Hilda, dispuseram-se prontamente. Com Dona Isaura e o Sr. Pedro, a pesquisadora aguardou-os por 30 dias para realizar as entrevistas. Quando

estas ocorreram, os dois participaram de forma interessada. Os dois sujeitos que não concordaram em participar foram Dona Francisca, moradora há 29 anos, que justificou seu desinteresse pela pesquisa por não querer interromper sua rotina de vida, e o Sr. José, morador há 30 anos, que sofreu um infarto durante o período de realização das entrevistas, o que comprometeu sua participação.

---

A REAÇÃO DOS ASILADOS FOI DE SURPRESA, INTERESSE E CONTENTAMENTO AO VEREM SUA IMAGEM PROJETADA NA TELA.

---

Todos os voluntários concordaram em participar e chegou-se, dessa maneira, aos 13 sujeitos que compõem os três segmentos do estudo:

1. Moradores: Dona Hilda, 88 anos (*in memorian*), morou na instituição durante 9 anos; Dona Isaura (*in memorian*), 80 anos, morou por 27 anos na instituição; Sr. Benedicto, 73 anos e morador há 13 anos; e Sr. Pedro, 62 anos e morador há 12 anos.
2. Voluntários: Ingeborg, 63 anos e voluntária há 8 anos na instituição; Rita, 45 anos e voluntária há 7 anos; Dona Genny, 73 anos e voluntária há 30 anos; e Dr. Ettore, 65 anos e voluntário há 26 anos.
3. Gestores: Sr. Odécio, 74 anos e gestor há 25 anos na instituição; Sr. Leonino (*in memorian*), 74 anos e gestor há 24 anos; Sr. José, 68 anos e gestor há 14 anos; Sr. Cardoso, 73 anos e gestor há 12 anos; e Dr. Gilberto, 45 anos e gestor há 6 anos.

#### *Escolha do instrumento*

O motivo que deu sustentação ao uso da fotografia como recurso metodológico foi uma experiência positiva com os idosos em dezembro de 2004, quando o presidente em exercício ofereceu uma projeção de imagens na festa de Natal, retratando o dia a dia dos moradores e funcionários da instituição. A reação dos asilados foi de surpresa, interesse e contentamento ao verem sua imagem projetada na tela.

O acervo oficial de fotografias da instituição contém 1.354 imagens, organizadas em álbuns e soltas. São 1.113 fotografias correspondentes ao período de 1970 a 2000 e 241 fotografias digitais do período de 2004 a 2005. Diante de um material fotográfico tão amplo, o primeiro passo foi a realização de um estudo piloto utilizando-se o álbum fotográfico. Pensou-se que este seria o recurso mais fiel da memória institucional, já que o álbum foi construído e retratado pela visão do fotógrafo que pertencia

---

O ÁLBUM ANTIGO FOI APRESENTADO PRIMEIRO AO SUJEITO E FOI SOLICITADO QUE ELE ESCOLHESSSE 10 FOTOGRAFIAS QUE SE RELACIONAVAM À HISTÓRIA DA INSTITUIÇÃO E A SUA HISTÓRIA NA VILA. DEPOIS, FOI SOLICITADO QUE ESCOLHESSSE CINCO ENTRE AS DEZ FOTOGRAFIAS.

---

à instituição, no caso um zelador, um gestor ou voluntário. A inclusão de álbuns feitos pelos moradores não foi possível porque não existiam, provavelmente pela falta de recursos financeiros dos asilados para investir na compra de máquina fotográfica e na revelação das imagens.

Foi escolhido um álbum de 1970 em bom estado de conservação e completo, com 120 fotos relacionadas à festa de Natal e à instituição em geral. Um segundo álbum foi formado pela pesquisadora, também com 120 fotografias e com imagens mais recentes, referentes ao período de 1999 a 2005 e relacionadas ao cotidiano, a cuidados, festas e atividades.

O álbum antigo foi apresentado primeiro ao sujeito e foi solicitado que ele escolhesse 10 fotografias que se relacionavam à história da instituição e a sua história na Vila. Depois, foi solicitado que escolhesse cinco entre as dez fotografias. O mesmo procedimento foi realizado com o álbum com fotos mais recentes.

Conclusões do estudo piloto:

- O número excessivo de fotografias, 120 em cada álbum, causava cansaço físico aos moradores, não sendo possível realizar a entrevista em uma única etapa.
- Os álbuns não permitiam a manipulação das fotografias, pois cada imagem fica protegida por um invólucro plástico e numa sequência predeterminada.
- Alguns sujeitos apresentaram dificuldades visuais para enxergar as fotografias, o que comprometia as escolhas.

Diante de tais dificuldades, modificou-se a metodologia com o objetivo de proporcionar condições favoráveis para o desenvolvimento da pesquisa. Partiu-se para uma segunda seleção a fim de reduzir o número de imagens. Observou-se que a diminuição no número de imagens, de 240 fotografias contidas nos álbuns para um número menor de imagens do acervo avulso, não prejudicaria a representatividade das categorias, pois era notória a repetição e a quantidade de fotos com os mesmos temas. Houve a preocupação e o cuidado em selecionar pelo menos uma imagem de cada tema levantado na fase de observação e seleção do acervo.

O processo de escolha das imagens passou por várias fases:

1. As fotos foram agrupadas por períodos, chegando-se ao agrupamento dos anos 70, 80, 90, 2000, 2004 e 2005. Em seguida, em cada período foi feito o agrupamento por semelhanças temáticas. As fotografias do período de 1970 a 2001 registram basicamente as festividades realizadas na instituição com a participação de políticos, familiares e pessoas da sociedade, aniversários dos moradores e a construção dos pavilhões. A partir de 2004, observou-se a preocupação do fotógrafo em registrar, além das festividades, imagens relacionadas aos cuidados e ao cotidiano da instituição, que não se observavam no período anterior.
2. O próximo passo foi a redução do número de imagens com temas que se repetiam em cada agrupamento cronológico, diminuindo a quantidade de fotos representativas de cada tema.
3. Em seguida, a pesquisadora agrupou todas as fotos dessa pré-seleção, observando a qualidade de preservação da foto e a qualidade de visualização da imagem. Foram excluídas as imagens pouco nítidas e preservadas aquelas que favoreciam a percepção dos idosos.
4. Por último, as fotos selecionadas foram reunidas por categorias e receberam da pesquisadora uma denominação. Procurou-se representar as temáticas levantadas tanto no conjunto das imagens mais antigas como no conjunto das imagens mais recentes. No entanto, algumas categorias não foram encontradas no conjunto antigo e vice-versa.

A pesquisadora fez um trabalho de seleção criteriosa e chegou a 32 fotografias, conforme os seguintes critérios de escolha:

- O conjunto de fotografias selecionado tentou representar o universo oficial, observando que o depoimento poderia sempre subverter a oficialidade das imagens.
- O processo de seleção usou como parâmetros a representatividade de todos os temas presentes e repetidamente encontrados, mesmo que representados por apenas uma foto, o registro de todos os momentos coletivos ou individuais e a representatividade da interação gestor, voluntário, morador.

- As fotografias escolhidas foram categorizadas, inicialmente, assumindo-se a probabilidade de serem apontados os seguintes temas – **(1) festas/diversão/aniversários:** essa categoria abrange imagens que retratam festividades, passeios externos e festas de aniversário dos moradores; **(2) arquitetura/histórico:** são fotografias que registram as construções e os marcos históricos, como inauguração dos pavilhões ou os espaços criados e sentidos de forma pessoal com identidade própria; **(3) religiosidade:** imagens das celebrações religiosas e dos padres que realizam as missas; **(4) refeição:** registro fotográfico dos diversos horários de refeição dos moradores e das mudanças que foram ocorrendo com o passar dos anos quanto à disponibilidade espacial das mesas e à indiferenciação por gênero; **(5) casamento:** são imagens que retratam as manifestações de afetividade e da sexualidade; **(6) cuidados/limites físicos/dependência:** fotografias dos cuidados dispensados a idosos com diminuição da capacidade funcional e com dependência física ou psíquica; **(7) cotidiano/pessoas/instituição:** imagens que retratam os funcionários, voluntários, visitantes, gestores e as situações e os lugares-comuns no dia a dia; **(8) atividades:** atividades sociais ou de cuidados realizadas pelos voluntários da instituição.
- Essas 32 fotografias foram separadas em dois conjuntos: 16 fotografias antigas (anteriores a 2000) e 16 fotografias recentes (posteriores a 2001) referentes ao período de mudanças institucionais radicais ocorridas na instituição.
- O acervo contém fotografias em preto-e-branco e coloridas, que foram apresentadas soltas e em conjunto (conjunto de fotografias recentes e o conjunto de fotografias antigas) para que os sujeitos pudessem manuseá-las e organizá-las segundo a conveniência.
- Todas as fotografias ficaram padronizadas no tamanho 10 X 15 cm, sem legendas, soltas e sem uma ordem preestabelecida.
- Durante a realização das entrevistas, foi sendo completada a ficha técnica de cada imagem, contendo: local, data do registro fotográfico, autor da imagem, quantidade de cópias, características, armazenamento e legenda (Figuras 1 e 2).

### *Coleta dos dados:*

Nesta pesquisa, a história oral tornou-se uma importante metodologia ao ser associada à fotografia, auxiliando na construção das narrativas dos sujeitos e no levantamento dos temas que foram analisados posteriormente.

Mauad (1996) aponta que a fotografia é um importante recurso documental quando articulada aos depoimentos orais porque sinaliza para uma condição múltipla de análise e interpretação, quando se depara com a profundidade de diferentes leituras.

Outra preocupação neste estudo, ao se coletar os dados, foi assumir o desafio de pensar a fotografia como um instrumento que potencializa o que é irrespondível ou escamoteado pela memória, possibilitando o esquecimento ou o silêncio, e contendo significados profundos da existência humana que aguardam olhares capazes de um mergulho interpretativo. Esse mergulho ou *plongée*, segundo Park (2001), implica entrar em contato com a temporalidade diferenciada da foto que a narrativa ou os fragmentos de narrativa nem sempre alcançam, isto é, a presença da ausência.

Inicialmente, a fotografia foi o estímulo que cativou a atenção do morador idoso para desencadear o pensamento, as reminiscências e a construção do relato da história pessoal e institucional. Os sujeitos – espectadores da fotografia – são capazes de compreender e expressar seus mergulhos nas imagens, apesar de estáticas e produzidas pelos fotógrafos. Há a realidade do fotógrafo registrada pela imagem, mas há também a realidade de quem vê a fotografia, os fatos de vida vividos pelos sujeitos, que passam a ser narrados ou não, e podem ser diferentes dos de quem fez a imagem.

Acredita-se que, apesar de o fotógrafo ter documentado uma determinada situação com a expectativa de registrar ou transmitir sua concepção de instituição asilar e valores humanos, o observador da imagem não fará necessariamente a mesma leitura e não se restringirá à visão do fotógrafo.

Para Kossoy (1998) a imagem fotográfica apresenta a realidade interna e externa: a primeira é a face do oculto, a vida dos homens retratados, da gênese da imagem no espaço e no tempo; é recuperada pelas lem-

---

HÁ A REALIDADE DO FOTÓGRAFO REGISTRADA PELA IMAGEM, MAS HÁ TAMBÉM A REALIDADE DE QUEM VÊ A FOTOGRAFIA, OS FATOS DE VIDA VIVIDOS PELOS SUJEITOS, QUE PASSAM A SER NARRADOS OU NÃO, E PODEM SER DIFERENTES DOS DE QUEM FEZ A IMAGEM.

---

branças pessoais (emocionais) e está sujeita às múltiplas interpretações. A realidade externa é a que se vê; é o conteúdo da imagem fotográfica imóvel no documento.

Para uma análise completa da ressignificação do asilo abordaram-se dois aspectos da memória: a capacidade de evocar lembranças e a capacidade de bloqueá-las ou esquecer-las e, paralelamente, os sentimentos envolvidos nesse processo.

As fotografias revelam fragmentos do que foi vivido e apresentam aquilo que queremos guardar da gente e que pensamos em mostrar para os outros. A fotografia serve, então, como suporte da memória, não de como aconteceu de fato e, sim, como um ponto de onde se sai para reconstruir a história que ela ajuda a contar (FERNANDES e PARK, 2006, p. 47).

Para Izquierdo (2004, p. 22) “(...) esquecemos para poder pensar, e esquecemos para não ficar loucos; esquecemos para poder conviver e para poder sobreviver”.

Fundamentando-se nessas capacidades da memória ao ressignificar a história institucional e de vida dos sujeitos, os dados foram coletados, organizados e analisados na procura do dito e do não-dito, nas imagens escolhidas e nas excluídas. A pesquisadora realizou entrevistas individualizadas com os participantes e padronizou as orientações para os três segmentos de acordo com a sequência descrita a seguir:

- Foi apresentado o conjunto de 16 fotografias recentes selecionadas (posteriores a 2001) e solicitado ao participante que observasse cada fotografia. Em seguida, foi pedido que ele escolhesse 5 fotografias que representassem a história da instituição e a história dele na instituição. Separadas as 5 fotografias, o participante dava o seu depoimento oral, focalizando os motivos dessas escolhas.
- O mesmo procedimento foi realizado com o conjunto das 16 fotografias antigas selecionadas (anteriores a 2000).
- No total, foram 10 fotos escolhidas e separadas para observação e comentários finais. O acervo construído pelo sujeito foi registrado em imagem fotográfica para posterior análise.

Concluída a parte da entrevista, o sujeito foi convidado a escolher um local da instituição onde gostaria de ser fotografado pela pesquisadora. O objetivo de registrar essa imagem foi o de relacionar a escolha do

local com o **sentimento de pertencimento** de cada sujeito morador. Para os gestores e voluntários, a imagem registrada teve a função de verificar a prioridade institucional representada pelo local escolhido.

#### *Ajuste das categorias e organização dos dados*

As entrevistas individuais foram transcritas e classificadas em três grupos, conforme o segmento ao qual o sujeito pertence: idoso morador, gestor e voluntário. Paralelamente à observação minuciosa do conjunto das fotografias selecionadas pelo sujeito participante (acervo individual), verificou-se que a denominação prévia dada à categoria correspondia à denominação dada pelos sujeitos nos três segmentos. Três fotografias sofreram modificações: a categoria casamento permaneceu com essa denominação somente para a fotografia 12 do conjunto recente. A fotografia 3 do conjunto recente e a fotografia 7 do bloco antigo deixaram de pertencer à categoria casamento e passaram a pertencer a uma nova categoria:  **festa de casamento**. Essa mudança foi realizada em função de os sujeitos saberem que as fotos retratavam o casamento caipira que ocorre todo ano na instituição, por ocasião da festa junina. A fotografia 2 do conjunto recente, categorizada pela pesquisadora como  **cotidiano/instituição/pessoas**, foi denominada pelos entrevistados dentro do perfil  **arquitetura/histórico**, pois trata dos espaços físicos da Vila e de acontecimentos que são considerados marcos. A fotografia 4 pertencente ao conjunto antigo, denominada  **arquitetura/histórico**, foi vista pela maioria dos sujeitos como  **religiosidade**. As demais categorias foram coincidentes e mantidas, apesar de a construção discursiva dos sujeitos enxergar temas além do registrado na imagem.

Ampliam-se, portanto, as categorias iniciais de oito para nove. No conjunto antigo nomearam-se as categorias:  **festa de casamento, refeição, atividade, religiosidade, festa e arquitetura/histórico**. No conjunto recente nomearam-se as categorias:  **festa de casamento, refeição, atividade, religiosidade, festa, arquitetura/histórico, cuidado, casamento e cotidiano/instituição/pessoas**.

Há categorias que se repetem dentro do conjunto recente e do conjunto antigo, mas não foi possível manter a equidade entre os blocos por não haver a mesma quantidade de imagens registradas. Foi o que ocorreu, por exemplo, com as categorias  **atividade** e  **religiosidade**, que ficaram

---

HÁ CATEGORIAS QUE SE REPETEM DENTRO DO CONJUNTO RECENTE E DO CONJUNTO ANTIGO, MAS NÃO FOI POSSÍVEL MANTER A EQUIDADE ENTRE OS BLOCOS POR NÃO HAVER A MESMA QUANTIDADE DE IMAGENS REGISTRADAS.

---

proporcionalmente diferentes. Existe um número grande de fotografias, após 2001, que retrata as atividades oferecidas aos moradores, mas antes de 2001 só foi encontrada uma imagem referente ao curso de alfabetização. Com relação à categoria **religiosidade** (duas imagens no bloco antigo e uma no bloco recente), ocorre o inverso, foram feitas muitas imagens relacionadas a eventos e celebrações religiosas antes de 2000 e somente uma após 2001. A explicação provável para esse fato é o interesse maior do fotógrafo em registrar as mudanças institucionais em andamento na instituição, tais como: participação de voluntários, mudança de atitude no desempenho dos cuidadores e a melhora na participação social dos moradores. As atividades religiosas continuam a acontecer, mas deixaram de ser o enfoque principal.

Também existem categorias no conjunto recente que não existem no conjunto antigo e vice-versa. É o caso das categorias **cotidiano/instituição/pessoas** (duas imagens recentes e nenhuma antiga), **cuidado** (quatro imagens recentes e nenhuma antiga), **casamento** (somente uma imagem recente porque só houve um casamento na instituição) e **arquitetura/histórico** (cinco fotos antigas e uma recente). Essa disparidade ocorreu pela inexistência de imagens representativas do tema nos períodos enfocados em cada conjunto (Tabela 1).

Tabela 1: Número de fotografias por categoria em cada conjunto e o total de categorias do instrumento utilizado na pesquisa

Número de fotografias por categoria no bloco recente		Número de fotografias por categoria no bloco antigo		Total de fotos por categoria
Festa de casamento/afetividade	1	Festa de casamento/afetividade	1	2
Religiosidade	1	Religiosidade	2	3
Festa	2	Festa	4	6
Arquitetura/histórico	1	Arquitetura/histórico	5	6
Refeição	2	Refeição	3	5
Atividade	2	Atividade	1	3
Cotidiano/instituição/pessoas	2			2
Casamento	1			1
Cuidado	4			4
<b>TOTAL</b>	<b>16</b>		<b>16</b>	<b>32</b>

Realizados os ajustes das categorias, a pesquisadora voltou-se para a leitura criteriosa das entrevistas de cada sujeito e identificou temas emergentes nos depoimentos, produzindo uma categorização temática que foi analisada.

#### *Diálogo e temas nos segmentos*

Para se fazer a análise das memórias, alguns pesquisadores seguem o conceito estudado por Maurice Halbwachs e utilizado por Bosi (1979), denominado “memória coletiva”. O conceito refere-se ao fato de existir uma inter-relação imagética e verbal que permite a padronização de uma consciência – e de uma memória – que é coletiva.

Portelli (1997) orienta a evitar o termo “memória coletiva” e propõe que os pesquisadores tenham cautela ao situarem as lembranças fora do indivíduo. Apesar de as recordações poderem ser coletivamente compartilhadas, elas nunca são exatamente iguais. “A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas” (PORTELLI, 1997, p. 16).

Nesta pesquisa, optou-se por seguir a linha de Portelli, pois não se pode falar em uma padronização de ideias. Observam-se escolhas comuns e linguagens parecidas, mas estas são produtos de experiências de vida diferentes.

Surgiram, em cada segmento, vários temas relacionados à história asilar e à história de vida dos sujeitos. No entanto foram discutidos e categorizados os principais, que estavam presentes em todas ou na maioria das narrativas de cada segmento. Foram os seguintes:

- Segmento morador: afetividade na velhice asilada e declínio físico, fragilidade e finitude.
- Segmento voluntário: função do voluntário e valorização das atividades e dos relacionamentos sociais.
- Segmento gestor: visão administrativa do cuidar.

---

CONSIDERANDO-SE QUE AS FOTOGRAFIAS SÃO MOMENTOS SIGNIFICATIVOS OU RELEVANTES ESCOLHIDOS PELO FOTÓGRAFO PARA SEREM REGISTRADOS, NESSAS IMAGENS SELECIONADAS PARA O ESTUDO FALTAM AS REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO QUE O MORADOR IDOSO FARIA POR MEIO DO REGISTRO FOTOGRÁFICO.

---

---

A FOTOGRAFIA AJUDOU A AGUÇAR A MEMÓRIA, ASSOCIAR FATOS, RELATAR LEMBRANÇAS E MANIFESTAR SENTIMENTOS QUE NÃO PODERIAM SER EXPRESSOS DE FORMA TÃO DENSA E PROFUNDA COMO SE FOSSE UTILIZADO SOMENTE O RELATO VERBAL.

---

## Reflexões sobre o instrumento

Na fase de escolha das fotografias para compor o instrumento da pesquisa, observou-se que a identidade dos fotógrafos era desconhecida na maioria das imagens. Pelo relato dos sujeitos durante a coleta dos dados, descobriu-se que os fotógrafos que registravam as festividades faziam parte do grupo de voluntários ou de funcionários. Nas fotos mais recentes, a autoria era do presidente ou da pesquisadora. As imagens escolhidas para o estudo e, as do acervo restante, são representativas de uma única fonte: abrangiam somente a visão institucional de pessoas ligadas à gestão (presidente) ou à laboração (zelador, voluntário).

Considerando-se que as fotografias são momentos significativos ou relevantes escolhidos pelo fotógrafo para serem registrados, nessas imagens selecionadas para o estudo faltam as representações do cotidiano que o morador idoso faria por meio do registro fotográfico. Temos as representações feitas por pessoas que têm o olhar da instituição e que transmitem e mantêm a história oficial e, conseqüentemente, uma visão parcial da instituição.

Os moradores não têm sua coleção pessoal de fotografias. As poucas fotos que têm, guardadas no quarto, são registros de sua vida anterior ao asilamento ou que lhe foram dadas recentemente pelo presidente, que é o fotógrafo das imagens feitas em 2004 e 2005, mas também cópias do acervo oficial.

Nas pesquisas científicas realizadas com fotografia, é comum o uso do acervo pessoal da pessoa, ou seja, o uso de imagens do contexto de vida dos entrevistados nas quais estes se reconhecem ou identificam a imagem. Geralmente são fotografias feitas pelo próprio indivíduo ou por pessoas de seu contexto familiar e social. Esse estudo implicaria a inclusão de três diferentes acervos dos três segmentos: morador, gestor e voluntário. Como não foi possível construir um acervo fotográfico representativo de todos os segmentos, reconhece-se que o acervo oficial é discutível e que não evidencia a visão de instituição de todos os segmentos. Esse é, no entanto, o recurso fotográfico do qual a pesquisadora pôde dispor para o trabalho de resignificação da memória institucional.

Esse viés é compensado pela capacidade de seleção e evocação da memória e pela metodologia utilizada no estudo. Parte-se da observação do conjunto de imagens para a seleção e escolha de um total de dez fotografias que induzem e produzem um rearranjo dos significados contidos nessas fotografias. Neste estudo, a fotografia é considerada um instrumento que permite interpretações e percepções do imaginário de quem faz uso dele, portanto a imagem oficial foi usada como um recurso metodológico que possibilitou a participação de todos os sujeitos, principalmente dos idosos institucionalizados que não estão acostumados a expressar verbal e diretamente o que pensam. A fotografia ajudou a aguçar a memória, associar fatos, relatar lembranças e manifestar sentimentos que não poderiam ser expressos de forma tão densa e profunda como se fosse utilizado somente o relato verbal.

### Reflexões sobre a metodologia

Como esta pesquisa utilizou o método da pesquisa-ação, várias sugestões de mudanças observadas nas falas dos sujeitos foram transmitidas durante todo o andamento da pesquisa à coordenação técnica da instituição e algumas mudanças foram realizadas. Mudou-se a forma de realização das festas de aniversário, dando um caráter individual e pessoal. Outra mudança realizada, após o conhecimento da relevância que o luto tem para os moradores, foi o retorno dos velórios para a capela da instituição, como ocorria anos atrás. Houve também a divulgação dos saberes e os resultados da pesquisa com a equipe de gestores e voluntários. Outra proposta em andamento é o compartilhamento e a inclusão de fotografias feitas pelos moradores no acervo da instituição, tornando-o mais completo e representativo.

A metodologia deste estudo demonstrou a importância de tornar conhecido o conceito de velhice asilada e as prioridades de uma instituição de longa permanência nos diferentes segmentos da instituição. São olhares diferentes de quem mora, cuida ou administra, e quanto maior a disparidade entre pensamentos, valores e ações nesses diferentes segmentos maior é o estado de solidão e resignação do morador. A instituição que reconhece essa diversidade de olhares cria alternativas para um cuidar mais amplo e integrado.

**6** Para uma compreensão mais profunda do uso da fotografia como um instrumento portador de histórias faladas, omitidas e esquecidas, ler o estudo completo. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000412291>>.

O uso prioritário da fotografia, confiando ser um recurso metodológico capaz de ir além de um detonador de memória, permitiu conhecer a memória, por intermédio do discurso falado e não falado. Esse é um avanço metodológico fundamental que possibilitou ver a fotografia com recursos próprios sem funcionar só como suporte da narrativa. A fotografia é também portadora de histórias que são omitidas, esquecidas e manifestadas em forma de expressões afetivas lacônicas ou silêncios, tão importantes quanto as palavras. Essa constatação permite um avanço no uso da fotografia em pesquisas e no entendimento da memória com seu funcionamento repleto de distorções, distrações, bloqueios, falsificações, sugestões, repressões e negações, explicadas por vários teóricos como Izquierdo (2004), Schacter (2003) e Freud (1976). A partir do que é visualizado na fotografia pelo sujeito, há um desencadeamento de pensamentos ou mecanismos de esquecimento, cujo efeito observado é a exclusão do conteúdo da imagem na construção da sua história pessoal e institucional dentro de um contexto de imagens.

---

O USO DA FOTOGRAFIA MOSTROU-SE FUNDAMENTAL PARA O MORADOR CONCORDAR EM PARTICIPAR DO ESTUDO. AO SE DEPARAR COM AS IMAGENS, MOSTRAVAM-SE MAIS INTERESSADOS E DISPONÍVEIS A CONVERSAR.

---

O percurso metodológico foi complexo e exigiu planejamento e adaptações, mas gerou uma alternativa metodológica para se trabalhar com idosos institucionalizados. O uso da fotografia mostrou-se fundamental para o morador concordar em participar do estudo. Ao se deparar com as imagens, mostravam-se mais interessados e disponíveis a conversar. A fotografia ajudou-os a aguçar a memória, associar fatos, relatar, desencadear lembranças e manifestar sentimentos que não poderiam ser expressos de forma tão densa e profunda se fosse utilizado somente o relato verbal. A fotografia estimulou as reminiscências e a construção do relato da história pessoal e institucional nesse segmento. É possível concluir esse dado em função de a pesquisadora trabalhar na instituição e ter presenciado várias atividades serem desprezadas pelos moradores por não lhes despertar interesse e não facilitar sua participação. O uso da fotografia nesse segmento, apesar de não ser um acervo conhecido e pessoal, favoreceu a manifestação de sentimentos em relação à instituição, ajudando o idoso a sair do estado de silêncio e introspecção.

O diálogo com o idoso asilado muitas vezes requer outro tipo de dinâmica, marcada por uma escuta às vezes desprovida de palavras. A fotografia foi o que permitiu entrar nessa dimensão, facilitando a obtenção

de informações profundas, como, por exemplo, a manifestação do afeto e da sexualidade; negação do declínio físico e da finitude; o medo da solidão e o cuidado da escuta.

O mesmo não foi observado nos segmentos gestor e voluntário. A fotografia facilitou o diálogo, mas os sujeitos narravam a história mesmo sem o auxílio da imagem.

A pesquisadora organizou dois conjuntos de imagens, recentes e antigas, representativas do período anterior e posterior às mudanças institucionais radicais ocorridas na Vila São Vicente de Paulo a partir de 2000. Não houve a preocupação dos entrevistados em focalizar esse marco enfaticamente. Relatavam os fatos da história institucional de forma ampla sem se restringir a um único evento, introduzindo o maior número de informações que pudessem lembrar. Aqui, também, a fotografia auxiliou na rememoração de acontecimentos e no “mergulho” a pensamentos e significados que vão além do que a imagem imóvel do documento representa.

Na maioria das vezes, as fotografias remetiam a lembranças que não podiam ser visualizadas, isto é, a leitura da fotografia e os significados iam além do suporte imagético. O relato oral iniciado a partir da imagem escolhida era motivado por assuntos apontados na imagem ou diziam respeito aos dados ou a informações situadas fora do campo da fotografia. Esse mesmo movimento foi observado por Bruno (2003), o qual a autora denominou “percurso da memória visual”.

A partir das escolhas das imagens e das histórias contadas pelos sujeitos, foi possível a identificação de temas representativos da dinâmica asilar, que, possivelmente, não surgiriam com uma abordagem quantitativa ou com o uso de instrumentos que privilegiassem somente a narrativa. Cabe ao pesquisador, ao planejar o percurso metodológico de pesquisas com imagens, favorecer o mergulho interpretativo (*plonget*) considerando as múltiplas possibilidades que nos remetem a um tempo sem tempo, comum a esse suporte.

## Conclusões

Este artigo priorizou a descrição da metodologia desenvolvida no estudo para demonstrar a complexidade e os desafios enfrentados quando se pretende trabalhar com áreas pouco estudadas, como é o caso das

---

AS IMAGENS PRODUZEM  
PENSAMENTOS E INCITAM A PESSOA  
A NOMEAR OU EXCLUIR IMAGENS  
QUE CARREGAM SIGNIFICADOS  
PESSOAIS DE SUAS HISTÓRIAS DE  
VIDA.

---

pesquisas que usam fotografias oficiais e das que ocorrem envolvendo idosos institucionalizados.

Apesar dos riscos em se utilizar um instrumento pouco testado e reconhecidamente parcial por retratar a visão oficial da instituição, houve a intenção de pesquisar temas e recursos de pesquisa pouco conhecidos e verificar sua aplicabilidade quando testados cientificamente.

Foram feitas adaptações diante da constatação da fragilidade e do alcance do instrumento, mas a possibilidade de se trabalhar com o acervo produzido pela instituição e com a visão de cada segmento, estimulado por esse instrumento, mostrou que a memória realmente é seletiva. As imagens produzem pensamentos e incitam a pessoa a nomear ou excluir imagens que carregam significados pessoais de suas histórias de vida. O potencial do instrumento estende-se à sua capacidade de estimular o sujeito a falar de informações além daquelas retratadas na imagem.

O método deve ser pensado, planejado e aplicado em outros estudos, uma vez que se mostrou um excelente instrumento a ser utilizado quando os recursos verbais tradicionais não têm alcance. É o caso de sujeitos que não têm um espaço de diálogo e de expressão garantidos, como os moradores de um asilo. A fotografia permite adentrar esse “silencioso” mundo interno.

O planejamento metodológico embasado em fotografias e focado no mergulho interpretativo dos sujeitos (escolhas ou exclusões) nas imagens permite identificar formas de pensamento muitas vezes inacessíveis em outros métodos de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALCÂNTARA, A. O. *Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos*. Campinas: Alínea, 2004.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.
- BRUNO, F. *Retratos da velhice, um duplo percurso: metodológico e cognitivo*. 2003. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. (não publicada)
- BRUNO, F.; SAIMAN, E. Imagens de velhice, imagens da infância: formas que se pensam. *Cadernos Cedes*, 26(68), p. 21-38, 2006.

- BULLA, L. C.; MEDIONDO, M. Z. Velhice, dependência e vida cotidiana institucional. In: CORTELLETTI, A. I. (Org.). *Idoso asilado: um estudo gerontológico*. Rio Grande do Sul: Educ/EdiPUCRS, 2004. p. 87-107.
- FERNANDES, R. S.; PARK, M. B. *Lembrar-esquecer: trabalhando com memórias infantis*. Cadernos Cedes, 26 (68), p. 39-59, 2006.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e ansiedade. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Tradução de C. M. Oiticica. V. XX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. (Original publicado em 1926)
- \_\_\_\_\_. A negativa. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Freud*. Tradução de J. O. A. Abreu. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 293-300. (Original publicado em 1925)
- IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.
- KOSSOY, B. (1998). Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. Em E. Samain (Org.), *O fotográfico* (pp. 41-47). São Paulo. Editora Hucitec.
- MAUAD, A. M. (1996). Através da imagem: fotografia e imagem. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98.
- PARK, M. B. Possibilidades de uso da fotografia na elaboração de projetos pedagógicos, *Revista Resgate*, 10, p. 39-58, 2001.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*, 15, p. 13-33, 1997.
- SAMAIN, E. (Org.). *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 41-47.
- SANTOS, K. R. Imagens e narrativas de uma instituição asilar e da velhice, construídas por três segmentos distintos: idosos moradores, gestores e voluntários. 2007. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://libdigi.uni-camp.br/document/?code=vtls000412291>>. (não publicado)
- SCHACTER, D. L. Os sete pecados da memória: como a mente esquece e lembra. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1986.

Figura 1: Imagens selecionadas e a categorização final do bloco de fotografias recentes



Figura 2: Imagens selecionadas e a categorização final do bloco de fotografias antigas





# Entrevista: **Ferreira Gullar**

**F**erreira Gullar (José Ribamar Ferreira), poeta, ensaísta, dramaturgo, crítico de arte e jornalista, nasceu no dia 10 de setembro de 1930, na cidade de São Luiz, capital do Maranhão. No ano de 1950, seu poema “O galo” venceu um concurso do “Jornal de letras”, de cuja comissão julgadora participou Manuel Bandeira. Em 1951 transferiu-se para o Rio de Janeiro. Tornou-se revisor da célebre revista O Cruzeiro e, em 1954, publicou sua primeira obra “A luta Corporal”.

No começo da década de 1960, presidiu o Centro Popular de Cultura da UNE, cujo projeto era levar a arte aos estratos sociais mais pobres do país. Nessa época foi diretor da Fundação Cultural de Brasília. Fundou o Grupo Opinião ao lado de Oduvaldo Vianna Filho. Com ele escreveu a peça “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come” encenada no Rio e ganhadora do Molière, Saci e outros prêmios. Ferreira colecionou inúmeros prêmios literários e em 2002, foi indicado ao Nobel de Literatura.

Pai de dois filhos com distúrbios psiquiátricos, um deles já falecido, Ferreira Gullar notabilizou-se por criticar a política antimanicomial brasileira. De 2001 a 2004, desenvolveu uma experiência bem diferente de sua trajetória profissional: foi apresentador do programa Gerações da Rede SESCTV, entrevistando profissionais ligados à questão do envelhecimento.

**REVISTA** Você poderia nos contar como foi sua infância em São Luis do Maranhão, como foram suas vivências com irmãos, pais...?

**FERREIRA GULLAR** Como éramos uma família de muitos irmãos, onze no total, havia uma característica especial, ninguém era privilegiado, todo mundo era igual, não havia filho especial, preferido, não tinha



“EU ERA UM GAROTO DE RUA, PIVETE JUNTO COM OUTROS COLEGAS MEUS DE VIZINHANÇA, E ASSIM ME CRIEI, COM LIBERDADE, NA RUA, E FAZENDO ESTRIPULIAS A TODA HORA E, AO MESMO TEMPO, PESCAVA CAMARÃO, ARRASTAVA CAMARÃO NO RIO. TIVE UMA INFÂNCIA MUITO LIVRE.”

rivalidade, disputa, pelo menos na minha família não havia. Meu pai e minha mãe eram pessoas simples, sem grandes dilemas religiosos, não tínhamos esses problemas na família que depois se refletem na maneira de se apreciar as coisas. Como havia muita gente para tomar conta de todo mundo, a vigilância dos meus pais era menor, prevalecia uma certa liberdade. Morávamos na periferia de São Luis, em um bairro que tinha uma fábrica. Eu era um garoto de rua, pivete junto com outros colegas meus de vizinhança, e assim me criei, com liberdade, na rua, e fazendo estripulias a toda hora e, ao mesmo tempo, pescava camarão, arrastava camarão no rio. Tive uma infância muito livre.

#### **REVISTA E os estudos, como foram?**

**FERREIRA GULLAR** Estudei na melhor escola da cidade, Escola São Luis de Gonzaga, onde eu fiz o segundo, terceiro e quarto ano primário. Lembro de uma professora muito católica, todo mundo rezava antes das aulas.

#### **REVISTA Você era religioso?**

**FERREIRA GULLAR** Não era. Para mim era indiferente. Eu não acreditava, não acredito, mas tudo bem. Eu rezava sem problema. Fui para um ginásio particular, mas meu pai entrou numa dificuldade econômica e não teve como me manter nesse colégio. Daí eu fui estudar na Escola Técnica de São Luis, uma escola gratuita que correspondia ao segundo ciclo, mas, ao mesmo tempo, profissional, onde se ensinava alfaiataria, marcenaria, sapataria, eletrotécnicas... mas não terminei o curso porque fui reprovado em Educação Física, porque eu não comparecia às aulas. A essa altura, eu comecei a me interessar por literatura, arte, poesia e nunca mais quis saber de fazer cursos. Eu passava o dia inteiro lendo, estudando, fazendo as coisas que me interessavam.

**REVISTA No poema “Velocidade”, você descreve os ritmos de Alcântara e de São Luis do Maranhão... Aqui no Rio você deve ter encontrado outros ritmos. Que diferenças culturais você constatou**

**nessa mudança, qual foi o impacto que sentiu nessa transferência de domicílio?**

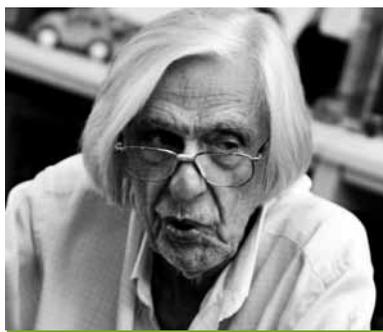
**FERREIRA GULLAR** Eu vim para o Rio porque meu interesse cultural não se satisfazia em São Luís. As livrarias não conseguiam os livros que me interessavam, não havia, no ambiente cultural, pessoas com quem eu pudesse dialogar. Com o passar dos anos foi se tornando mais difícil o diálogo com o pessoal da minha geração. Eu quis viver uma vida cultural mais rica, então, vim para o Rio. Eu tinha 21 anos. Encontrei no Rio uma cidade completamente diferente de São Luís. Em São Luís não havia nem sinal de trânsito. O volume de carros era bem menor... quando cheguei ao Rio não sabia nem como se atravessava uma rua.

**REVISTA Como foi essa chegada?**

**FERREIRA GULLAR** Eu vim à procura de coisas que eu sabia que encontraria aqui. Fiz contato com pessoas. Ganhei um concurso no *Jornal de Letras*, um veículo importante em que colaboravam Drummond, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e nessa revista consegui um emprego. Nela trabalhavam vários intelectuais... aliás, não trabalhavam, porque ninguém trabalhava... a revista tinha dez redatores: Otto Lara Resende, Helio Pelegriño, Lúcio Cardoso e outros, mas todos compareciam só para assinar o ponto. Eu era o único que trabalhava... quer dizer, também não trabalhava, porque não tinha nada para fazer, mas eu tinha lá uma sala, um telefone e podia ficar escrevendo e lendo. Montei um escritório. Foi assim minha vinda para o Rio.

**REVISTA Você tem uma longa trajetória como jornalista em revistas e jornais. A profissão de jornalista, crítico de arte, ajudou ou atrapalhou o ofício de poeta?**

**FERREIRA GULLAR** Não atrapalhou. Quase todos os escritores e poetas foram jornalistas. Drummond foi jornalista, uma quantidade grande de escritores como Graciliano Ramos, Otto Lara Resende também. Você tem que ganhar a vida. Poesia não dá dinheiro a ninguém. Eu ganhava a vida como locutor de rádio, quando saí do Maranhão e vim para cá trabalhar em revista. Ganhava muito pouco, mas, em seguida, me ofereceram para trabalhar na revista *O Cruzeiro*. Depois fui para a revista *Manchete*, cujo diretor era o Otto Lara Resende. Depois para o



“POESIA NÃO RESPEITA PAI NEM MÃE, ELA VEM PARA A GENTE QUANDO QUER. ELA VEM E IMPÕE A SUA FORÇA. A POESIA VEM, NINGUÉM PROGRAMA FAZER POESIA, ELA VEM. A POESIA TE AGRIDE, TE TOMA.”

*Diário Carioca*, em seguida para o *Jornal do Brasil*. Eu fiz parte da equipe que mudou o *Jornal do Brasil*, que o tornou um jornal moderno, transformando a imprensa brasileira. Era uma equipe formada pelo Jânio de Freitas, o Amílcar de Castro, o Reinaldo Jardim e eu. Então, a imprensa nunca atrapalhou a minha vida. Sempre foi uma atividade com a qual eu ganhei a vida. Até hoje eu sou jornalista, escrevo para a *Folha*, gosto de escrever, gosto de jornal, sempre gostei de viver em redação de jornal com os amigos.

**REVISTA** Qual é o momento de sua produção poética? Você reserva um tempo para isso?

**FERREIRA GULLAR** Poesia não respeita pai nem mãe, ela vem para a gente quando quer. Ela vem e impõe a sua força. A poesia vem, ninguém programa fazer poesia, ela vem. A poesia te agride, te toma. Não posso falar: “hoje, vou escrever um poema”. Não existe isso. Eu levo dez anos para publicar um livro, porque a poesia vem se ela quiser. E se ela vem e eu não gosto, não faço. De modo que isso nunca atrapalhou nada, justamente por causa disso. Eu tenho um poema, “Subversivo”, que diz exatamente isso: “a poesia não respeita pai nem mãe”. Quando vem, desarruma a sociedade civil, a lei e a ordem...

**REVISTA** Em determinado momento, você diz que ela não provoca uma revolução, como você colocaria essa relação de poesia e política?

**FERREIRA GULLAR** Isso ocorreu comigo em determinado momento da minha vida, mas, não sou um poeta político, isso é uma coisa que inventaram. É claro que o período político se tornou mais presente por causa de todos os fatores, como ditadura, prisão, exílio... mas, só há um livro meu que é mais político do que lírico. Estou falando do livro chamado *Dentro da Noite Veloz*, escrito entre 1962, quando eu entrei para o CPC da UNE, e 1975, quando eu estava no exílio. Esse livro foi publicado em 75, ano em que escrevi, em Buenos Aires, o *Poema Sujo*, que é bem menos político do que os poemas anteriores. Não é que seja ruim fazer poemas políticos, não. Eu fiz, tive necessidade de fazer, foi importante para mim, mas isso é uma coisa que depende

do poeta, é uma opção, ou uma necessidade. Hoje, no Brasil, nas condições que nós vivemos, não existe para mim a urgência em fazer poesia política como eu fiz durante a ditadura, como uma forma de resistência, propondo a mudança da sociedade. Depois que a ditadura acabou, depois que a democracia voltou, não aconteceu só comigo, compositores, cineastas, romancistas pararam de fazer o tipo de trabalho artístico que faziam e passaram a explorar outros temas, porque a situação do momento não impunha.

**REVISTA** Embora estejamos em uma democracia, há, ainda, muita desigualdade social... Você diria que houve uma certa acomodação da classe média intelectualizada, uma mudança de rota por não haver mais um regime de exceção?

**FERREIRA GULLAR** Não... há uma diferença. Vou contar uma coisa para você: quando a gente estava no CPC - Centro Popular de Cultura -, a gente dizia: "esse regime não é democrático, há desigualdade, há favelados, isso não é democracia". Aí, os militares ouviram e falaram: "ótimo", e acabaram com a democracia, e nós ficamos com a desigualdade social, com os favelados, só que aí não podia mais reclamar. Entendeu? Como a história do gato e do rato. O rato disse: "nossa vida é uma bosta", o gato falou: "é verdade, tem razão", e comeu ele. Se a vida não vale a pena, eu te como, é a mesma coisa que os militares fizeram conosco. Não há democracia? Abaixo a democracia, continua a miséria, tudo, só que ninguém podia falar mais. Não se trata disso. A democracia é o melhor de todos os regimes que têm. Não é democracia que faz a desigualdade, o Brasil já era desigual há muito tempo. Não foi a democracia que fez o Brasil desigual. Os países mais iguais, com menos desigualdades, são democráticos. Não é? Não é a ditadura, o regime que faz. Pelo contrário, o valor da liberdade é um valor fundamental, é impossível... nós temos exemplos disso, de regimes bem intencionados, como aconteceu na URSS, e na China. A China está a todo vapor economicamente, mas há oitocentos milhões de miseráveis. A desigualdade não é fácil de acabar.

**REVISTA** Voltando para a literatura, quais os poetas brasileiros e estrangeiros que mais lhe impressionaram?

**FERREIRA GULLAR** Quando eu comecei a escrever, eu escrevia poesia parnasiana, poesia de Armando Correa, Olavo Bilac, mas isso foi só no começo. Depois, quando eu conheci a poesia moderna, aí tive a influência do Drummond, do Manuel Bandeira, Murilo Mendes, dentre os brasileiros, mas eu conhecia a poesia de língua francesa, espanhola. Para mim, um dos poetas que mais me impressionaram, foi Rilke, com “As Elegias de Duíno” e “Sonetos a Orfeu”... Outros também me influenciaram como Eliot, Rimbaud, Mallarmé, Baudelaire.

**REVISTA Ferreira, que condições você considera indispensáveis para a implantação de uma política cultural efetiva no Brasil? Você teve a experiência do Centro Popular de Cultura nos anos 60...**

**FERREIRA GULLAR** O CPC já estava errado na época. Nós saímos com o CPC para fazer teatro na rua. Era uma agitação teatral política, fomos à favela do Pinto, ali no Jardim de Alá. Lá estavam o Vianinha com o chapéu do Tio Sam na cabeça, o João Castelo vestido de operário com uma chave inglesa na mão, fomos até uma praçinha, no centro da favela. Quando chegamos lá, os homens e as mulheres, foram todos embora. Os homens se enfiaram nas casas e as mulheres olhando pelas janelas. Os garotos ficaram ouvindo o Vianinha denunciar o imperialismo americano. Acabou aquele negócio, eu falei: “alguma coisa está errada, vamos ficar denunciando o imperialismo para crianças de cinco anos de idade aqui na favela”? Fomos fazer nosso espetáculo no sindicato. Ficavam o diretor do sindicato, o presidente do sindicato, mais meia dúzia de sindicalistas, comunistas como nós, e o resto ia tudo embora. Era espetáculo comunista para comunista, eu pedi uma reunião e disse: “alguma coisa está errada, nós estamos fazendo mau teatro, má poesia, sob pretexto de mudar a cabeça das pessoas e só estamos falando com quem já mudou a cabeça”. Após o golpe militar, criamos o Teatro Opinião, que se tornou o centro da resistência contra a ditadura. Nós passamos a fazer um teatro de qualidade, tanto que com “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come” ganhamos todos os prêmios do teatro brasileiro em 1966. Pode-se fazer poesia política e teatro político de alta qualidade. Não se pode achar que se vai ganhar o povão fazendo teatro ruim. Nesse caso, o povão não vai ao teatro, e não é porque falta dinheiro, é porque não é a cultura dele, não tem essa experiência, então... não



vai. Aí você fica falando coisas que o outro já sabe, ao invés de fazer um trabalho cultural de melhor qualidade. A poesia e o teatro não mudam o mundo mesmo, mas a poesia e o teatro podem influir na cabeça das pessoas, na formação das pessoas, a função da poesia e do teatro é fazer a vida melhor, porque a vida é pouca e a arte existe porque a vida não basta. É por isso que a arte existe. Não é porque tem que ser revolucionária. Se alguém quiser fazer poesia revolucionária, pode fazer, por necessidade. Eu tenho uma amiga que escreveu um livro muito bom sobre a tragédia do Timor. Mas ela viveu lá... quando aconteceu a tragédia ela não conseguia dormir querendo saber as notícias, então, é uma coisa da vida, entende?

**REVISTA** Fale sobre seus anos de exílio. A esse propósito você escreveu *Um rabo de foguete*. Como foi sua saída do Brasil?

**FERREIRA GULLAR** Eu saí porque um companheiro meu, do partido, foi preso e torturado, entregou várias pessoas, inclusive a mim. Como eu, além de ser escritor e ter uma atuação cultural, era da direção estadual do partido, eu corria o risco de ser torturado, assassinado. Na verdade, era nominalmente membro da direção, mas eu atuava mesmo era no teatro Opinião, por isso não sabia de decisões políticas e nem participava ativamente. Eu entrei para a direção para ganhar a eleição contra os que queriam a luta armada, o Marighela, o Mario Alves, o partido teve que chamar para dentro dele pessoas como eu para neutralizar a ação maluca e radical desse grupo que queria arrastar o Partido para a luta armada. Então, tive que entrar para a clandestinidade e a primeira providência foi sair de casa e sumir. Daí começou um processo contra mim na Justiça, que não terminava nunca.

**REVISTA** Isso ocorreu antes ou após a edição do AI 5?

**FERREIRA GULLAR** Foi depois de 68. Eu entrei na clandestinidade em 70, e eu tive que ir para fora. Não dava para continuar na clandestinidade porque é uma coisa muito difícil. As pessoas não imaginam o que é. Primeira questão: eu vou ficar na casa de quem? O partido tinha locais comprados para abrigar o Prestes, o Giocondo Dias... agora, não tinha dinheiro para os demais militantes. Eu tive que ir para a casa de amigos, de parentes, e isso chegou a um ponto que a empregada do

meu amigo contava para a empregada do outro que eu estava lá, que contava para não sei quem... Então, saí clandestinamente do Brasil e fui para a URSS.

### **REVISTA E como foi sua vida na União Soviética?**

**FERREIRA GULLAR** Eu fui para lá levado pelo partido. Fui fazer um curso na escola do Partido. O Partido tinha, na URSS, uma escola de formação de quadros internacionais. Tinha lá vietnamita, árabe, brasileiro, argentino, norueguês, sueco, tinha todo mundo. Era uma escola de subversão mundial. Eu não era o único brasileiro. Havia um grupo de brasileiros, como havia um grupo de franceses, de alemães. Tinha uma escola e a residência estudantil onde ficavam todas essas pessoas. Fiz o curso durante quase dois anos, chegou uma hora em que tinha que ir embora. Isso foi no final de 1973.

### **REVISTA Embora já estivesse passando a fase mais sombria da ditadura brasileira, de assassinatos e desaparecimentos não dava para pensar em voltar...**

**FERREIRA GULLAR** Imagina! Eu saí porque a situação era insustentável. E o julgamento do meu processo continuava sem solução, porque se eu fosse julgado eu teria sido liberado pela Justiça Militar e o governo ficaria de mãos atadas para me punir ou sequestrar. Sem o julgamento, eu era um foragido da justiça, o que agravava minha situação. Então, eu fui para o Chile. Cheguei lá em maio, já no processo de liquidação do governo Allende, em 11 de setembro ele foi posto abaixo. Foi aquele desespero, fiquei tentando sair do Chile, até que consegui...

### **REVISTA Você tentou refúgio em alguma embaixada?**

**FERREIRA GULLAR** Não, fui tentado por alguns brasileiros que foram para embaixada e que me ligavam, mas eu não quis. Pensei: "Vão me mandar para a Europa de novo, eu já estou perto da minha casa, vou para Argentina". Porque se você entra numa embaixada fica a mercê de um embaixador. Eu queria ser dono do meu destino. Primeiro, porque eu não tinha feito nada no Chile, eu cheguei lá em maio, em setembro já tinha uma greve geral, eu não fui para nenhuma embaixada, para

não me denunciar como tendo feito alguma coisa. Invadiram meu apartamento duas vezes, eu não saí e peitei os caras. “Sou jornalista, não tenho nada a ver com isso aqui”, eu disse a eles.

### **REVISTA E de que modo você foi para a Argentina?**

**FERREIRA GULLAR** Na época, consegui um salvo conduto e saí legalmente para a Argentina. Lá me encontrei com minha mulher e meus filhos que queriam ir para o Peru, fui com eles, fiquei no Peru por pouco tempo, uns seis meses, mais ou menos. O Peru era insuportável. Daí, me ofereceram o cargo de professor residente na Universidade de Buenos Aires, eu aceitei e fui à Argentina. Perón morreu no dia que eu cheguei em Buenos Aires. Com a morte de Perón, meu esquema de emprego acabou. Começou a repressão sobre a esquerda argentina.

### **REVISTA A Isabelita não segurava nada...**

**FERREIRA GULLAR** Ela era uma invenção de Perón, era a Dilma do Lula. Não se segurou e todo mundo via que ela ia cair a qualquer momento. Além do mais, a ultra-esquerda, os Montoneros, retomaram a guerrilha incentivando uma luta idiota, que só favoreceu a ditadura. No Chile foi a mesma coisa, fomos derrubados pela CIA com a ajuda da extrema esquerda. Os milicos só esperavam essa deixa para cair em cima...

Qual foi o melhor aliado do Bush? Foi o Bin Laden. O Bush ia perder a eleição, aí vem o Bin Laden e manda aquele vídeo dizendo que vai acabar com tudo. A extrema esquerda e a extrema direita “é tudo porra louca”. E aí eu não podia sair da Argentina porque meu passaporte estava superado e eu só podia sair da Argentina com carteira de identidade para os países vizinhos, que eram Uruguai, ditadura; Paraguai, ditadura; Brasil, ditadura; Chile, ditadura; Bolívia, ditadura. Eu disse, vou ficar por aqui mesmo, pelo menos eu já estou aqui. Não sei o que vai acontecer, mas já estou aqui. Eu tratei de me desfazer das coisas que pudessem me comprometer, jornais, revistas...

### **REVISTA E você conseguiu trabalho em Buenos Aires?**

**FERREIRA GULLAR** Eu dava aulas de português para argentinos que queriam vir trabalhar no Brasil, psicanalistas que precisavam saber português e passei a colaborar para o Pasquim e outras revistas do Brasil.

**REVISTA** Você teve contato com a psiquiatra Nise da Silveira e com seu trabalho junto a doentes mentais por meio da arte, inclusive escreveu sobre ela. Você acha interessante esse caminho para o tratamento da doença mental?

**FERREIRA GULLAR** Arte não cura, não cura ninguém. Até porque a esquizofrenia não tem cura. Apenas ajuda. Por exemplo, o Emygdio de Barros estava há vinte e três anos sem falar nada. Estava internado lá no Engenho de Dentro e não falava. Gesticulava, não falava nada. Ele foi convidado a trabalhar na sessão de encadernação, depois, ele próprio começou a desenhar. O responsável pelo setor de arte viu os desenhos dele e os achou maravilhosos. Ele continuou a desenhar e, em seguida, começou a falar, porque começou a criar situações de comunicação com as pessoas. Ele era esquizofrênico, a mulher o abandonou, ele rompeu com tudo, ele ficou outra pessoa, por meio da arte. Ele continuou pirado, porque depois de vinte e três anos de maluquice ele não ia ficar bom de repente. Mas, criou obras maravilhosas e o comportamento dele mudou. Sorria, ria, quer dizer, mudou. A arte ajuda a pessoa, sem contar a possibilidade de revelar talentos extraordinários. Essa coisa de criar um ateliê para o cara pintar, desenhar, comunicar-se artisticamente, ajuda, porque a vantagem que a arte tem... em geral, na loucura é difícil a comunicação verbal, porque uma das coisas que perturba o doente mental é o discurso lógico contra o qual ele se opõe, porque aquilo lá não são valores. Pintar não tem nada a ver com isso. Pintar é sair do mundo da discussão, dos valores, de moral. É outra coisa. A linguagem simbólica da arte é que facilita a comunicação e a melhora do cara. É comunicação, ele não precisa ficar se explicando. O conflito é com os valores que se transmitem com o verbal. Os valores são verbais.

**REVISTA** Em relação a seus dois filhos, eles chegaram, de alguma maneira, a ter contato com arte?

**FERREIRA GULLAR** Na minha casa sempre houve oportunidade. O Paulo até hoje pinta. Agora, o cara não vira artista porque é doido. A loucura não produz artista. O Emygdio é um grande artista porque apesar de doido ele já era artista. Não é o doido que virou artista. A maior parte dos doidos que estavam no ateliê com o Emygdio não pintaram coisa alguma. É medíocre, é medíocre, pode ser louco ou não, ou tem ou



não tem talento. Tem talento para outra coisa. Existe preconceito às avessas. O Van Gogh era doido porque era um grande artista. Não. Ele era um grande artista, apesar de doido. Loucura não faz ninguém nem feliz, nem bom artista.

**REVISTA** Há alguns anos, você teceu, em artigos e entrevistas, críticas às políticas de saúde mental no Brasil em decorrência dos problemas que enfrentou com a doença mental de seus filhos. Você acha que houve alguma mudança nesse cenário?

**FERREIRA GULLAR** Olha, não aconteceu nada. O que aconteceu é que a opinião pública se manifestou e o secretário do Ministério pediu desculpas, reconhecendo que está criada uma situação inviável e que vão ter que mudar isso. Agora, como quem dirige a política psiquiátrica do governo é o irmão do Paulo Delgado, autor da lei antimanicomial e é do PT, ele não abre mão. Eu considero um absurdo alguém nomear uma política psiquiátrica de democrática. Existe a dermatologia democrática? Não. O que é psiquiatria democrática? É algo para não internar, porque quem interna é antidemocrático, e sabe por quê? Porque a loucura não existe! A sociedade capitalista adoce o cara e depois prende o cara no hospício. Pêra lá, meu! Isso é conto de carochinha?

**REVISTA** As doenças mentais podem ter bases biológicas...

**FERREIRA GULLAR** É claro. A genética nos mostra. Por exemplo, na família da minha mulher houve vários casos de esquizofrenia, o avô, um primo, um tio. Fui chamado por organizações de famílias de esquizofrênicos, e por várias entidades que estão nessa batalha. Isso porque é, de fato, uma calamidade, você ter um filho, ou um marido doente, que entra em surto. Todo mundo sabe que o surto psicótico é uma coisa incontrollável, o cara pode fazer qualquer coisa, inclusive, contra si mesmo, e se você não tem o amparo da internação, você não tem o que fazer. O cara pode se jogar pela janela, fazer qualquer coisa. E essa política maluca terminou liquidando milhares e milhares de leitos que permitiam a internação. Você sabe quanto custa a internação de uma pessoa em um hospital particular? Por volta de dez mil reais. Então, veja bem, a política psiquiátrica do PT pegou a

família dos trabalhadores pobres e as jogou no mato. São as que não podem fazer nada por seus filhos, que não podem pagar.

**REVISTA Em seu modo de ver a política dos CAPs - Centros de Atendimento Psicossocial, - representam ou não um avanço no tratamento da doença mental no Brasil?**

**FERREIRA GULLAR** Veja bem, não está tudo errado. Ter uma política de atendimento tentando o entrosamento social do doente, ajuda, mas não quando ele entra em surto. É querer ignorar o que é a doença. Achar o seguinte, como é doença de classe, é a burguesia que adoce o cara, então, se nós dermos apoio, afeto a ele, ele se cura. É uma coisa ideológica, burrice ideológica, quando todo mundo sabe que a doença tem causa genética, não é com conversa que você vai resolver. Você pode ajudar o cara em determinados momentos, mas ela vira uma questão social. Por quê? Porque se eu não consigo trabalhar, eu não consigo estudar, a vida se desorganiza mesmo, e o atendimento social é necessário. Mas, ele não resolve o problema. Você tem que ter o sistema de internação porque é um momento grave do doente, que a família enfrenta. Isso eu acho que vai ter que mudar. O fato de eu ter aberto essa discussão, criou uma pressão em cima do Ministério da Saúde, porque isso estava oculto. Só as famílias que tinham o problema é que tinham o conhecimento, mas nem se manifestavam, pessoas anônimas... Na hora que escrevi na *Folha de São Paulo*, colocando meu problema, do meu filho, daí a revista *Época* veio e a *Isto é* também, porque era um assunto de interesse da sociedade. Eu acho que em alguma coisa vai resultar, mas, claro, as soluções desses problemas nunca são imediatas. Acho que está sendo iniciado um trabalho. Um deputado federal do Rio Grande do Sul participou de um debate na televisão comigo, ele me procurou em minha casa, é uma pessoa empenhada nisso, é médico, tem experiência da coisa, então, está encaminhado o problema, vamos ver... se a teimosia petista deixar, porque como eles não erram nunca, quem não erra, não reconhece que está errado e não quer mudar.

**REVISTA Você foi apresentador na televisão do programa *Gerações*, na rede SESCTV. Como foi essa experiência de apresentar o programa sobre velhice, que assuntos você ouviu, o que você achou dessas**

**conversas todas sobre a questão do envelhecimento, como foi essa experiência?**

**FERREIRA GULLAR** Quem programava a matéria do programa não era eu. Eu fui chamado apenas para apresentar o programa, entendeu? Era a equipe da televisão que organizava o programa, conhecia as pessoas, fazia os contatos, chamava etc e tal, e eu estava lá para conversar. Eu aprendi com meu amigo Jô Soares, eu fiz o contrário dele, eu deixava as pessoas falarem, em vez de eu ficar falando. Porque se o programa é sobre velhice, o cara trabalha numa instituição de apoio aos idosos, ele é que entende do assunto. Eu vou perguntar a ele o que ele está fazendo, que trabalho ele desenvolve, o que ele acha disso e daquilo, e, no curso da conversa, se eu sentisse que alguma coisa para mim, como telespectador, estava meio obscuro, eu perguntava exatamente o que um telespectador perguntaria. Foi legal porque muita gente levou essas questões para discussão lá, e eu procurava deixar as coisas esclarecidas, para que a conversa fosse de utilidade para o telespectador.



**“MAS EU ESTOU VELHO?  
SINCERAMENTE, EU VOU FAZER  
OITENTA ANOS, MAS PARA MIM É  
UM ABSURDO, EU NÃO TENHO NADA  
A VER COM ESSA IDADE. EU NÃO  
ME IDENTIFICO COM ISSO. EU NÃO  
SEI SE EXISTE ISSO, TAMBÉM, SE  
AS OUTRAS PESSOAS SE SENTEM  
VELHAS.”**

**REVISTA** Essa experiência contribuiu para uma autoavaliação de seu próprio envelhecimento?

**FERREIRA GULLAR** Mas eu estou velho? Sinceramente, eu vou fazer oitenta anos, mas para mim é um absurdo, eu não tenho nada a ver com essa idade. Eu não me identifico com isso. Eu não sei se existe isso, também, se as outras pessoas se sentem velhas. Eu acho que quando o cara está doente, talvez ele se sinta velho, agora, o cara é uma pessoa, não importa se ele tem setenta, setenta e seis, oitenta anos, se ele tem saúde e está mentalmente saudável, qual o problema?

**REVISTA** Os psicanalistas falam que como o inconsciente é atemporal, haveria uma percepção de “mesmidade”, de uma mesma coisa, de uma identidade e de continuidade interna, psíquica. Por isso, seríamos informados de nosso envelhecimento pelos outros, nós mesmos não sentimos, o que você acha disso?

**FERREIRA GULLAR** O que eu digo é assim: eu tenho consciência de que



“O ENVELHECIMENTO É UMA COISA CELULAR, DO ORGANISMO, É NATURAL MORRER, EU ACHO NATURAL, COSTUMO DIZER MORRER É BOM, AO CONTRÁRIO DO QUE SE DIZ. AGORA, VOCÊ TEM CONSCIÊNCIA CADA VEZ MAIS PRESENTE DA MORTE, PORQUE VOCÊ SABE QUE JÁ VIVEU TANTO TEMPO E QUE EXISTE UMA DURAÇÃO BIOLÓGICA, ENTÃO VOCÊ SABE QUE SUA VEZ VAI CHEGAR.”

vou fazer 80 anos, mas essa noção, também, é muito vaga, porque você não tem consciência de que viveu, cinquenta, sessenta, setenta anos. Você não tem consciência. Tem medida disso, mas não existe isso, a vida é o presente. Não existe isso. A psicanálise tem que ser revista. Existe uma porção de coisas inventadas, a psicanálise é uma invenção do Freud, baseada sobre fatos reais, mas discutíveis. Eu, por exemplo, duvido que exista o Id, é invenção, não é? O Superego existe, quer dizer, você vigia o Ego, uma complicação. Mas o que eu acho é o seguinte: ninguém fica pensando: “vivi 30 anos, o cara está vivendo ali, a vida está passando”. O outro chega e fala, você tem 40 anos, problema seu, amizade, mas ninguém fica tomando conta da vida. Ou você vive ou você toma conta da vida. “Ih, faltam cinco minutos para eu fazer oitenta anos”. A vida não é assim não. O envelhecimento é uma coisa celular, do organismo, é natural morrer, eu acho natural, costume dizer morrer é bom, ao contrário do que se diz. Agora, você tem consciência cada vez mais presente da morte, porque você sabe que já viveu tanto tempo e que existe uma duração biológica, então você sabe que sua vez vai chegar. Tudo bem, faz parte da psicologia da pessoa que tem sessenta, setenta, ou oitenta, faz parte, mas, pessoalmente, eu não me sinto como uma pessoa... Talvez pelo fato de eu ser saudável, eu não tenho doença alguma, pelo menos revelada... A única coisa que descobriram é que eu tinha um pouco mais de glicose no sangue, eu fiz exames e ficou comprovado que não tenho diabetes, fiz uma exclusão de açúcar na alimentação, e voltei ao normal. Então, eu não tenho doenças, e, talvez, porque eu como pouco... Uma vez fui fazer um exame e o médico disse, mas você não tem nada no sangue, não tem isso, não tem aquilo, que diabo você come? Eu disse, nada. Eu não como.

### **REVISTA** Você come carne vermelha?

**FERREIRA GULLAR** Eu como carne vermelha, mas em pouca quantidade, prefiro comer frango, frutas. Eu não consigo comer a comida toda, eu chego num restaurante e como a metade. A minha companheira, a Cláudia, me apelidou de “Meia porção”. Eu não faço isso por virtude,

é porque eu não tenho apetite. Eu como a metade. Eu não vou comer como festa, eu como para me alimentar. Se eu sinto que estou alimentado, não vou ficar comendo por gulodice.

**REVISTA Como você acha que está a população idosa, em termos de políticas públicas? Pelo que você observa nas ruas, como estão nossos velhos?**

**FERREIRA GULLAR** Eu não sei detalhadamente, porque eu não acompanho essa questão, mas eu acredito que muito bem não deve estar, porque como o problema é a saúde, claro que existe o INSS, tal, mas é insuficiente, não tem capacidade de atender as necessidades da população e aí entra toda a esculhambação brasileira. Chega no hospital e o médico de plantão está de férias. E aí, nesse sentido, quem ficar dependendo do Estado, no Brasil, está ferrado, porque nós fomos apropriados pelos políticos. Essa é uma casta que se apropriou do estado brasileiro. Eles têm o Congresso na mão, eles têm os partidos, os ministérios, eles dividem o poder entre si, brigam às vezes um pouco, mas eles se apropriaram do país, eles se apropriaram da máquina do estado, e eles fazem as leis. Como você pode mudar a lei, se quem faz a lei, quer a lei errada? Não dá. Não consegue mudar. Eles vão mudar a lei eleitoral, mas depois de mil conversas entre alguns honestos do Congresso, dizem assim: vamos mudar a lei para vigorar daqui a dois governos, duas legislações, por quê? Agora prejudica o cara e ele vota contra. Passa a vigorar depois que ele morrer, quando ele não for mais candidato. É complicado, quer dizer, quem, na sociedade, depende dessa instância... Você vê, muitos idosos voltaram a trabalhar, porque com a aposentadoria não sobrevivem. Sustentam famílias, os idosos. É a carência do emprego, todo ano você coloca no mercado, milhões de jovens que não tem emprego. Isso é uma coisa que poderia ser resolvida com menos demagogia, porque essa apropriação do estado por essa casta é uma vergonha. O ministro do Supremo ganha vinte e cinco mil e novecentos e já está propondo novos aumentos... Veja, no Senado têm dez mil funcionários, é uma população. Dez mil funcionários. Naquela casa não cabe. Aquele prédio não cabe nem cinco mil. Não tem cadeira pra todo mundo. Eu fiz as contas e dava quase duzentos funcionários para cada senador da república. Quer dizer, é um absurdo, e continua. Eles fingem que

vão mudar, mas continua a mesma coisa, isso aí eu não sei o que vai acontecer não.

**REVISTA Como você está vendo o futuro do país nos próximos anos?**

**FERREIRA GULLAR** Eu acho que vai ser difícil, mas, veja bem, o perigo que podemos enfrentar é se a Dilma ganhar. O Lula, quando assumiu o governo, infiltrou na máquina do governo mais de vinte mil funcionários, sendo que a maioria é do PT. O PT é mantido com vinte por cento de cada um desses caras, muitos são funcionários públicos. Então, nós sustentamos o PT. O PT vive de dinheiro público. Então, quanto mais funcionário público do PT tiver, mais dinheiro para o PT. Os fundos de pensão estão nas mãos dos sindicatos, ligados ao PT, são bilhões de reais, não existe contingente de dinheiro equivalente aos fundos de pensão da Petrobrás, da Eletrobrás, da Caixa Econômica, do Banco do Brasil, são bilhões e bilhões nas mãos deles. Se a Dilma se elege, como ela não existe politicamente, ela, em 2014, entrega o governo ao Lula, que com a popularidade que tem vai se eleger, e ficaria mais oito anos, quer dizer, são oito anos dele mais quatro dela, são doze, e depois mais oito dele, o que pode acontecer no Brasil é realmente imprevisível, porque essa gente vai tomar conta, cada vez mais, da máquina do estado e vai mudar tudo. Você viu as propostas que têm ali nesse documento sobre Direitos Humanos. É inacreditável o que está escrito ali.

**REVISTA Você poderia dar um exemplo do que considera errado no documento sobre Direitos Humanos.**

**FERREIRA GULLAR** Por exemplo, o MST invade uma fazenda, alegando que essa fazenda é improdutiva ou que o proprietário dessa fazenda não é o verdadeiro e invade. De acordo com a Constituição Brasileira, se você invade a propriedade de alguém, o cara chama a Justiça que decide pela reintegração de posse, a polícia vai lá, e reintegra, é o que acontece. O que vai acontecer agora? O cara invade, você não chama a polícia e nem a justiça, cria uma comissão para decidir se ele tem razão ou não. Quer dizer, o cara invade minha casa, em vez de chamar a polícia, tem um comitê para decidir se ele tem razão de ficar na minha casa ou não. Isso se chama fazer justiça pelas próprias

mãos. Escuta, se o cara tem uma fazenda, que não é propriedade dele, cabe à Justiça dizer, não é o MST que tem autoridade para dizer se a fazenda é produtiva ou improdutiva, que o fazendeiro está legalmente na terra ou não, se ele acha que está, ele entra na Justiça, alegando isso, e a Justiça vai investigar os documentos. Está se legalizando o arbítrio da invasão. Isso é um absurdo. É o radicalismo que conduz a isso.

### **REVISTA O senhor já tem candidato à Presidência do Brasil, em 2010?**

**FERREIRA GULLAR** Meu candidato é o Serra, não tenho nenhuma dúvida. Não tenho nada com o Serra. Ele foi um excelente ministro, foi um excelente prefeito e é um excelente governador. E não é ladrão e não tenho nada a dizer contra ele. E vai disputar com uma pessoa que nunca foi eleita para nada, nunca se candidatou a nada. E que é autoritária, os próprios amigos dela já disseram, e ela já demonstrou, toda a vez que alguém diz alguma coisa que ela não gosta, ela agride, é um Ciro Gomes de saia. Ao que tudo indica, Serra deve ganhar. Eu sou a favor da alternância do poder. Ele deve ganhar e depois dar o lugar a outro, solução de problema social não é milagre. Ninguém vai resolver problema social do Brasil, dentro de um, dois, dez anos. É difícil e complicado, então, tem que alternar.

### **REVISTA Acho, então, que você não tem muito interesse em ver o filme sobre a vida do Lula...**

**FERREIRA GULLAR** Eu fui convidado, sou amigo do Luiz Barreto (diretor do filme), eu fui convidado mas não quis ir, porque eu não aguento ver o Lula nem na televisão, cara. Eu não aguento, quando ele começa a falar eu mudo de canal ou tiro o som. Eu nunca vi uma pessoa cara de pau semelhante, ele mente, ele diz uma coisa aqui, diz o contrário, em seguida, de acordo com o ambiente, diz uma outra coisa. Com esse negócio do Documento dos Direitos Humanos, ele não sabe o que fazer. Imagina, os caras querem tirar a imagem de Cristo das escolas, das salas de aula, dos serviços públicos, é de uma burrice...

**REVISTA** **Você não é uma pessoa religiosa...**

**FERREIRA GULLAR** Não, mas eu acho que é uma coisa cultural, brasileira. É querer arrumar uma encrenca que está lá na França, com os véus, que não tem nada a ver conosco. Aqui no Brasil tem judeu com árabe vendendo mercadoria. Nós somos outra gente, temos outra cultura, nós não temos essa maluquice, e tem os caras querendo criar... Já criaram essa coisa racial. Você não pode dizer que um escritor negro é ruim, que você já é racista. Ele pode escrever uma merda, mas se ele é negro você tem que dizer que ele é bom, senão você é racista.

**REVISTA** **E o sistema de cotas?**

**FERREIRA GULLAR** Um absurdo completo, discrimina o branco. Outra coisa que está acontecendo no Brasil é o seguinte, daqui a pouco ninguém vai poder opinar sobre nada, porque se você disser que o índio não devia passar o facão no pescoço do cara que ele prendeu lá na selva, você está sendo preconceituoso. Então, não se pode mais ter opinião, porque a opinião virou preconceito. Eu vi um cara na televisão dizendo o seguinte: tem muita pouca obra literária falando sobre futebol. É preconceito dos escritores contra o futebol. Eu não conheço nenhum escritor brasileiro que não adore futebol. Mas não adianta. Tudo que diverge da maioria, ou atinge a minoria é preconceito, não pode ter opinião. Vão acabar com a opinião democrática. No Congresso, esse negócio dos antigos terrenos dos negros, os quilombos... daqui a pouco vão querer acabar com Copacabana porque aqui era um quilombo. Estão impedindo de ampliar a base de foguetes de Alcântara porque lá era um quilombo! Mas os negros eram os donos das terras aqui? Eles vieram da África, fugiram das fazendas, e se apropriaram de terra legitimamente, porque a escravidão era uma ignomínia, mas dizer que eles têm direito à terra, igual ao índio, que tinha a terra de fato, é um equívoco. Mas ninguém no Congresso tem coragem de se opor a isso. Se alguém se opuser a isso é considerado racista.

**REVISTA** **Conversávamos sobre a questão do envelhecimento. Como você vê os jovens nos dias de hoje e o relacionamento das gerações na sociedade contemporânea?**

**FERREIRA GULLAR** Eu converso com meus netos, me dou bem com eles, dou bronca neles. Quando minha neta apareceu aqui com um *piercing* na língua, eu disse: “Vá embora!” Ela respondeu: “Ah! Você não gostou, vô?” Eu simplesmente falei: Minha filha, você coloca isso onde quiser, mas só volte aqui quando tirar isso da boca. Eu não posso aceitar, isso é uma idiotice. Você acha natural botar um metal na língua? Na época ela tinha quinze anos. Foi embora. Na semana seguinte, voltou sem o *piercing* na língua. Eu não sou autoritário, mas eu sei o que é certo e errado nessas horas. Eu tenho certeza que colocar *piercing* na língua não é legal. A língua não é para isso. Tem cabimento, isso?

**REVISTA** Você não acha que se tratava de uma forma de uma expressão dela?

**FERREIRA GULLAR** Não, não, isso é bobagem. Escuta, você pode se exprimir de várias formas. Ela inventou o *piercing*? Não, ela está imitando alguém tão idiota como ela. Mas ela é inteligente porque, depois disso, ela não colocou mais *piercing* em nenhum lugar. Ela está trabalhando, está feliz da vida e me adora. Hoje estive aqui comigo... “Vovô, vovozinho”, tal...

**REVISTA** Como você vê a juventude de hoje?

**FERREIRA GULLAR** A juventude é a nossa esperança. Quem bota *piercing* na língua não é filho de operário. Eu conheço gente... Tem uma amiga minha que trabalha desde os doze anos, a família dela toda trabalha, ninguém coloca *piercing* e ninguém está assaltando ninguém. A maior parte do povo trabalha, é honesta. Na favela da Rocinha deve ter umas noventa mil pessoas, não tem nem noventa bandidos. A maioria porque é pobre e vai ser ladrão? Não é nada disso.

**REVISTA** Obrigado, Ferreira, pela gentileza desse bate papo.

**FERREIRA GULLAR** Obrigado a vocês.

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE TRABALHOS NA REVISTA A TERCEIRA IDADE

A revista A TERCEIRA IDADE é uma publicação interdisciplinar, editada desde 1988 pelo SESC – São Paulo, quadrimestral, e dirigida aos profissionais que trabalham com idosos. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual sobre Gerontologia e seu propósito é publicar trabalhos técnicos e científicos nessa área, abordando aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

### NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (Revista; palestra; comunicação em congresso etc.)

- As traduções devem estar acompanhadas das autorizações dos autores.

- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.

- Todos os artigos enviados, e que estiverem de acordo com as Normas, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico, ou outro meio que tiver informado, e terá(ão) direito a receber 03 (três) exemplares do número em que seu artigo for publicado.

Devem ser enviados para o endereço eletrônico  
revista3idade@sescsp.org.br

- O(s) autor(es) deve(m) enviar uma breve nota biográfica contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para contato; indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do SESC, podendo ser reproduzidos em outra publicação técnica. O autor também autoriza disponibilização no sítio [www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

- Os artigos aceitos somente serão publicados com autorização por escrito, do(s) autor(es), cujo modelo será enviado pela Comissão Editorial. O não recebimento da autorização preenchida e assinada pelo(s) autor(es) cancelará a publicação do artigo.

- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e qualquer modificação substancial será submetida ao(s) autor(es) antes da publicação.

### APRESENTAÇÃO DOS TRABALHOS

a) Os trabalhos deverão ser apresentados na forma de arquivo digitado em programa Word for Windows e devem conter entre 15.000 e 25.000 caracteres.

b) **RESUMO:** Deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e conclusões obtidas e conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (palavras-chave)

c) **ABSTRACT:** O resumo em inglês também conter aproximadamente 200 palavras. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho (keywords)

d) No artigo devem constar as seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais.

e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

f) Toda e qualquer citação no texto, seja formal (transcrição), seja conceptual (paráfrase) deve ter obrigatoriamente identificação completa da fonte. Esta identificação aparecerá sob a forma de referência bibliográfica e deve ser colocada no texto (sobrenome do autor, ano e página de onde foi extraída a citação).

g) As notas, sejam de referência, sejam explicativas, devem ser numeradas consecutivamente em algarismos arábicos na ordem em que surgem no texto e podem aparecer em notas de rodapé ou no final do artigo.

h) **ILUSTRAÇÕES:** As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.

i) **FOTOS:** No caso de utilização de fotos, estas devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo. (O SESC poderá encaminhar modelo). As fotos deverão ser encaminhadas para o e-mail da Revista, em alta resolução, mínimo de 300 dpi.

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 32 unidades, disseminadas pela Capital, Grande São Paulo, Litoral e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

## **Conselho Regional do SESC de São Paulo**

2004-2010

**Presidente:** Abram Szajman

**Efetivos:** Benedito Toso de Arruda, Cícero Bueno Brandão Júnior, Eduardo Vampré do Nascimento, Eládio Arroyo Martins, Elisete Berchiol da Silva Iwai, Ivo Dall'Acqua Júnior, Jair Toledo, João Herrera Martins, José Maria de Faria, José Maria Saes Rosa, José Roberto de Melo, José Santino de Lira Filho, Manuel Henrique Farias Ramos, Valdir Aparecido dos Santos e Wallace Garroux Sampaio

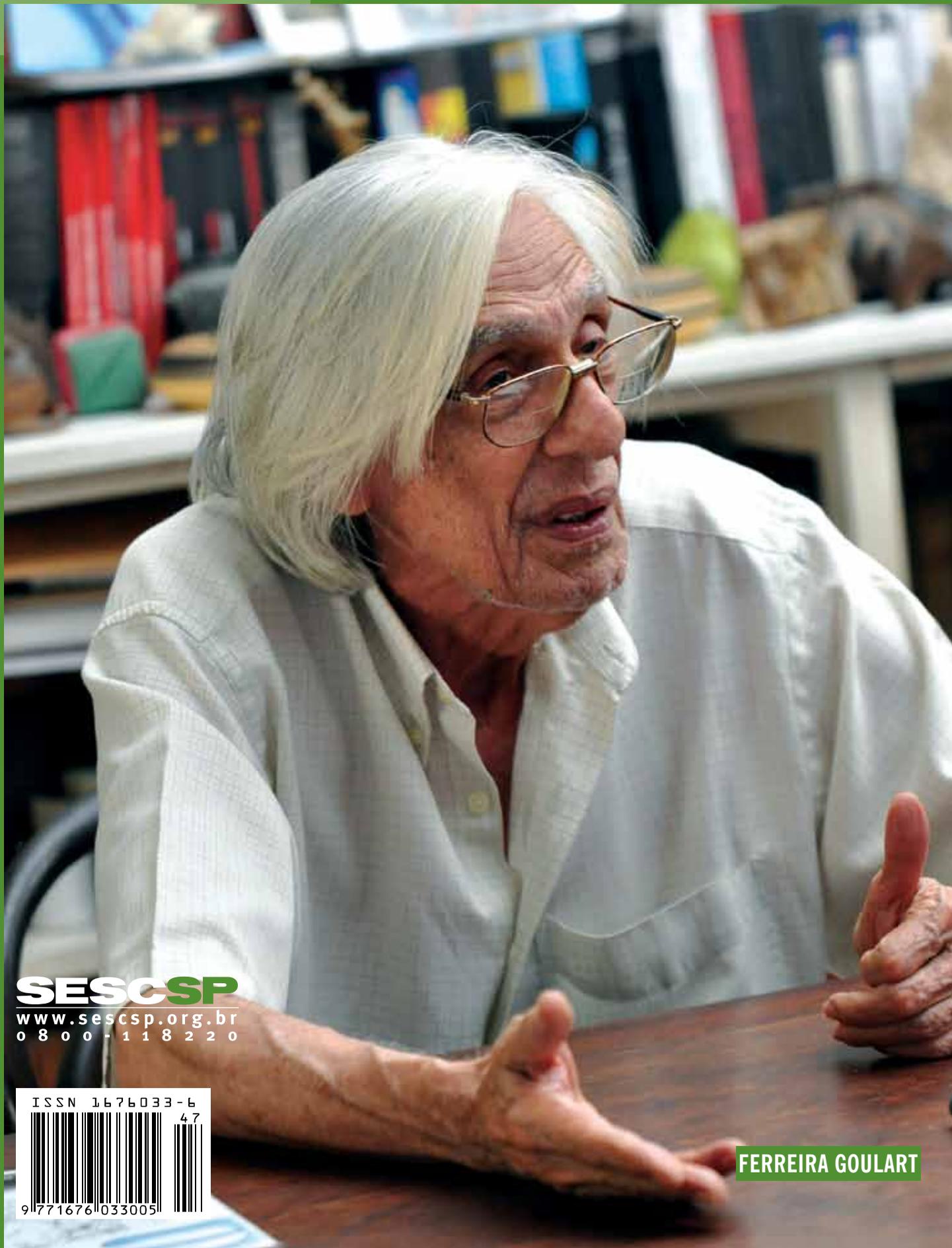
**Suplentes:** Amadeu Castanheira, Ariovaldo Maniezo, Arnaldo José Pieralini, Carlos Alberto D'Ambrósio, Dan Guinsburg, Luiz Antonio de Medeiros Neto, Mariza Medeiros Scaranci, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo e Rafik Hussein Saab

### **Representantes do Conselho Regional Junto ao Conselho Nacional**

**Efetivos:** Abram Szajman, Euclides Carli, Raul Cocito

**Suplentes:** Aldo Minchillo, Costábile Matarazzo Junior, Ozias Bueno

**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda



**SESCSP**  
www.sescsp.org.br  
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

ISSN 1676033-6  
47

9 771676 033005

**FERREIRA GOULART**